





Vampire Kisses Livro 2

por Ellen Schreiber

Para meu pai, Gary Schreiber, com todo meu amor; da sua demoniazinha.

“Ao sangue novo!”

—Jager Maxwell.

Capítulo 01 - Coração que Sangra (Bleeding Heart)

Era como se fosse o último prego num caixão. Becky e eu estávamos acampados no meu quarto escuro, entretidas no filme cult de horror dos anos oitenta *Kissing Coffins*. A femme fatale Jenny, uma adolescente, loira subnutrida, usando um vestido branco de algodão tamanho -2, estava desesperadamente correndo uma trilha de pedras que serpenteava em direção a uma mansão assombrada, e isolada. Relâmpagos brilhavam acima de sua cabeça, na chuva que caía.

Na noite anterior Jenny havia descoberto a verdadeira identidade do seu noivo, quando ela encontrou a masmorra escondida e o encontrou saindo de um caixão. O maravilhoso Vladimir Livingston, um renomado professor de inglês, não era um mero mortal no fim das contas, mas um vampiro imortal bebedor de sangue. Ouvindo o sangue de Jenny gritar para ele, Professor Livingston imediatamente cobriu suas presas com a sua capa preta. Seus olhos vermelho permaneciam descobertos, olhando para ela à distância.

“Você não pode suportar me ver neste estado,” eu disse, junto com o vampiro.

Jenny não correu. Ao invés, ela foi na direção do seu noivo. Seu amor vampiresco grunhiu, relutantemente retrocedeu até as sombras e desapareceu.

O filme de presas tinha juntado um culto gótico que continua até hoje. Fãs se aglomeravam

em cinema fantasiados, gritavam as falas do filme em uníssono e atuavam vários papéis na frente da tela. Mesmo que eu tivesse visto esse filme milhões de vezes em casa no DVD e sabia todas as falas, eu nunca fui abençoada com a participação numa aparição teatral. Esta era a primeira vez que Becky assistia. Nós sentamos no meu quarto, coladas na tela, enquanto Jenny decidia voltar à Mansão do professor para confrontar o seu amor imortal. Becky cravou suas unhas roídas, pintadas de vermelho sangue, no meu braço enquanto Jenny lentamente abria a porta de madeira, que rangia, da masmorra. A ingênua desceu a escadaria da masmorra escura de Vladimir suavemente, tochas e teias de aranha penduradas nas paredes de tijolo de cimento. Um caixão preto simples no meio da sala, terra salpicada sob ele. Ela se aproximou cautelosamente. Com toda a sua força, Jenny levantou a tampa pesada do caixão.

Violinos gritaram por um clímax. Jenny olhou lá dentro. O caixão estava vazio.

Becky arfou. “Ele se foi!”

Lágrimas começaram a enxer meus olhos. Era como ver eu mesma na tela. Meu amor, Alexander Sterling, tinha desaparecido na noite, duas noites atrás, logo depois de eu ter descoberto que ele também era um vampiro.

Jenny se inclinou sobre o caixão vazio e chorou melodramaticamente, como apenas uma atriz de filme B poderia fazer.

Uma lágrima ameaçou cair do meu olho. Eu limpei com as costas da minha mão antes que Becky pudesse ver. Eu pressionei o botão Stop no controle e a tela ficou preta.

“Por que você desligou?” Becky perguntou. Seu rosto decepcionado estava fracamente iluminado pelas poucas velas comemorativas que eu havia colocado ao redor do meu quarto. Uma lágrima rolando do seu rosto refletiu de uma das velas. “Estava chegando na parte boa.”

“Eu já vi milhões de vezes,” eu falei, levantando e tirando o DVD.

“Mas eu não,” ela choramingou. “O que acontece depois?”

“Nós podemos ver uma próxima vez,” eu assegurei ela enquanto eu guardava o DVD no meu guarda-roupa.

“Se o Matt fosse um vampiro,” Becky ponderou, referindo-se ao seu novo namorado que vestia roupas cor de caqui,” Eu deixaria ele me morder qualquer hora.”

Eu me senti desafiada pela sua observação, mas eu mordi minha língua. Eu não podia

dividir meu segredo mais secreto até mesmo com a minha melhor amiga.

“Sério, você não saberia o que fazer” foi tudo que eu pude dizer.

“Eu deixaria ele me morder,” ela respondeu com certeza.

“Está ficando tarde,” eu disse, ligando a luz.

Eu não havia dormido em duas noites desde que Alexander se foi. Meus olhos estavam mais pretos que a sombra que eu colocava neles.

“É, eu tenho que ligar para Matt antes das nove,” ela disse, olhando para o meu despertador do *O Estranho Mundo de Jack*. “Você e o Alexander podem nos encontrar par um cinema amanhã?” ela perguntou, pegando a sua jaqueta jeans da minha cadeira do computador.

“Uh... nós não podemos,” eu protelei, apagando as velas. “Talvez semana que vem.”

“Semana que vem? Mas eu não vi Alexander desde a festa.”

“Eu te falei, Alexander está estudando para as provas.”

“Bom, eu tenho certeza que ele vai gabaritar,” ela falou. “Ele está estudando esses livros manhãs e noites.”

É claro, eu não podia contar a ninguém, nem mesmo Becky o porquê de Alexander ter desaparecido. Eu não tinha certeza do motivo eu mesma.

Mas principalmente, eu não conseguia admitir para mim mesma que ele tinha ido. Eu estava em negação. *Ido* – a palavra revirou meu estômago e me sufocou na garganta.

Apenas pensar em explicar para meus pais que Alexander tinha deixado Dullsville trouxe lágrimas aos meus olhos. Eu não podia agüentar a verdade, quanto mais contá-la.

E eu não queria outro rumor circulando em Dullsville. Se espalhassem que Alexander tinha se mudado sem aviso, quem saberia que conclusões os fofoqueiros não iam tirar.

A esta altura que queria manter o status atual: manter as aparências até que a AIR (RBI) – Agência de Investigações da Raven – tivesse mais tempo para montar um plano.

“Nós sairemos em casais logo,” eu prometi enquanto caminhava com Becky até a sua caminhonete.

“Eu estou morrendo de vontade de saber...,” ela falou, subindo na caminhonete. “O que acontece com a Jenny?”

“Uh... Ela tenta achar Vladimir.”

Becky fechou a porta, abaixou a janela. “Se eu descobrisse que Matt fosse um vampiro e daí ele desaparecesse, eu procuraria por ele,” ela disse confidenciamamente. “Eu sei que você

faria o mesmo pelo Alexander.”

Ela ligou o motor e deu ré.

A nota que minha melhor amiga fez foi como um pacote de Pop Rocks estourando no meu cérebro. Por que eu não havia pensado nisso antes? Eu havia perdido os últimos dias me preocupando em até quando eu teria que inventar desculpas pela ausência de Alexander. Agora eu não seria forçada a esperar uma eternidade em Dullsville, imaginando se ele retornaria. Eu não tinha que pular cada vez que o telefone tocasse para descobrir que era a minha mãe.

Eu acenei para Becky enquanto ela dirigia rua abaixo. “Você está certa,” Eu disse para mim mesma. “Eu tenho que achá-lo!”

“Eu vou na casa do Alexander. Eu não vou demorar –.” Eu avisei minha mãe enquanto ela devorava um catálogo da J.Jill na sala de estar. Eu tinha um pulso de eletricidade correndo pelas minhas veias, que tinham estado estagnadas desde que meu cara gótico tinha ido embora.

Eu peguei meu casaco e corri para a Mansão para achar pistas da localização do Alexander. Eu não podia deixar meu amor verdadeiro desaparecer sem um relatório completo da AIR – Nancy Drew^[1] vestida de preto.

[1] Nancy Drew é uma personagem de uma popular série de mistérios aonde ela é uma detetive amadora.

Mesmo que me tornar uma vampira tinha sido um sonho meu, quando eu encarei isso, eu não sabia o que fazer. Alexander já havia feito o que todos os melhores vampiros fazem – me transformou. Eu desejava sua presença a cada minuto que eu estava acordada. Eu tinha sede do seu sorriso e estava faminta pelo seu toque. Então eu realmente precisava me transformar numa diva da noite para estar com o meu namorado vampiro? Eu queria passar minha mais isolada do que eu já passava como uma gótica excluída? Entretanto, eu tinha que deixá-lo saber que eu o amava não importava quem ou o que ele era.

Eu tinha passado uma vida amando o escuro, rebelde, usando apenas roupas pretas, excluída no clube conservativo de branco-pérola da cidade de Dullsville. Eu era cruelmente provocada e excluída pelo esnobe jogador Trevor Mitchell. Eu era encarada como uma aberração do circo pelos Dullsvillians, colegas de classe e professores. O único amigo que eu já tive foi a Becky, mas nós nunca dividimos o mesmo gosto em música ou roupas e nossas personalidades são opostas. Quando Alexander Sterling mudou-se para a Mansão na

Colina Benson, pela primeira vez na minha vida eu senti como se não estivesse sozinha. Eu fui atraída para ele antes mesmo de conhecê-lo – vendo ele na estrada escura, os faróis da caminhonete da Becky iluminando sua pele e seus atributos sexy. Ele me tirou o fôlego. Então quando ele me pegou invadindo a Mansão e eu tive uma breve visão dele novamente, eu tive uma sensação que eu nunca tive antes. Eu sabia que tinha que estar com ele. Ele não tinha apenas uma pele pálida, usava botas de combate góticas como eu, mas quando começamos a namorar eu descobri que ouvíamos a mesma música – Bauhaus, Korn e Marilyn Manson. Mais importante que gosto, nós compartilhávamos os mesmo desejos e sonhos. Alexander entendia a solidão, isolamento e ser diferente. Ele sabia de primeira mão o que era ser julgado pelo que ele usava, como ele parecia, por ter estudado em casa e expressava-se com um pincel ao invés de uma bola de futebol. Quando eu estava com ele, eu sentia que eu finalmente pertencia. Eu não estava sendo julgada, excluída ou provocada pelo que eu usava, mas eu era aceita, e até mesmo celebrada, por quem eu era por dentro. Com a ida do Alexander e sua localização desconhecida, eu me senti mais sozinha do que eu estava antes de conhecê-lo. Eu tirei o tijolo que segurava a janela quebrada aberta e me esgueirei para dentro do porão da Mansão. A lua cheia iluminava os espelhos cobertos com lençóis, caixas cuidadosamente empilhadas, e uma mesa de café na forma de um caixão. Meu coração afundou quando eu vi que as caixas de terra não estavam mais ali. A última vez que eu havia procurado a Mansão sem ser convidada eu tinha esperado fazer descobertas emocionantes. Eu descobri caixas com selos customizados da Romênia e marcados SOLO. Eu descobri uma antiga árvore de família, incluindo o nome de Alexander, com nenhuma data de nascimento – ou mortes. Agora eu estava apreensiva sobre o que eu *não iria* achar. No andar de cima, os retratos uma vez alinhados não estavam mais ali. Eu segui o corredor até a cozinha, aonde eu abri a geladeira. Apenas as sobras restaram. Louça antiga chinesa e taças ainda alinhadas nos armários. Eu vi uma vela apagada e uma caixinha de fósforos em cima do balcão de granito preto. Eu iluminei os corredores vazios a luz de velas. O chão de madeira rangia sob meus pés, como se a solitária Mansão estivesse chorando.

Na sala de estar alguns raios de luz da lua passavam através de furos na cortina de veludo vermelho. Os móveis estavam novamente cobertos com lençóis brancos. Sem esperança eu segui para a escadaria principal.

Ao invés da música dos Smiths pulsando, tudo que eu ouvi foi o vento assoprando contra as persianas.

A Mansão não enviava ondas de excitação nas minhas veias, apenas arrepios solitários. Eu subi as escadas e entrei no estúdio, aonde uma vez fui recebida pelo meu cavaleiro da noite, segurando margaridas recém colhidas. Agora era apenas outra biblioteca abandonada – livros colecionando pó, sem leitores.

O quarto do mordomo estava ainda mais simples, uma cama de solteiro perfeitamente arrumada, o guarda-roupa de Jameson sem roupas, casacos e sapatos.

O quarto de casal estava mobiliado com uma cama de dossel com renda preta nas suas colunas.

Eu encarei a vaidade sem espelho diretamente do outro lado. Os pequenos pentes, escovas e esmaltes nas cores preta, cinza e marrom que pertenciam a mãe dele não estavam mais ali. Eu nunca tive a oportunidade de conhecer os pais do Alexander. Eu não estava certa sequer que eles existiam.

Atormentada, eu parei ao pé da escada do sótão. Eu imaginei como o Alexander se sentiu, partindo tão de repente, depois de ser finalmente aceito por tantos Dullsvillians.

Eu subi a estreita escada e apaguei a vela que pingava. Eu entrei o quarto dele, abandonado, em que apenas duas noites atrás ele tinha me convidado para entrar. O seu colchão de casal no chão, desfeito. Típico de qualquer adolescente, vampiro ou não.

O cavalete no canto estava vazio. Eu olhei para a tinta espalhada no chão. Todas as suas obras não estavam mais ali, até mesmo a pintura que ele fez para mim – um retrato meu vestida para o Baile de Inverno, segurando uma cesta de abóbora e Snickers, com o Anel Aranha e dentes de vampiro falsos.

Um envelope negro estava no topo da lata de tinta vermelho-sangue, embaixo do cavalete. E segurei um pedaço da correspondência contra a luz da lua. Estava endereçada para Alexander e tinha um selo da Romênia. Não havia remetente e a marca postal estava ilegível. O envelope tinha sido aberto com um rasgo.

A curiosidade me ganhando, eu alcancei meus dedos para dentro do envelope e puxei uma

carta vermelha. Em tinta preta dizia:

**Alexander,
ELE ESTÁ INDO!**

Infelizmente o resto da carta tinha sido rasgado. Eu não sabia de quem era ou o que significada. Eu imaginei que informação vital continha – talvez uma localização super secreta. Era como ver um filme e não ver o fim. E quem era *ele*?

Eu andei até a janela e encarei a lua – a mesma janela que rumores diziam ter visto o fantasma da avó dele. Eu senti uma ligação com a baronesa. Ela tinha perdido o amor da vida dela e tinha sido deixada para guardar o seu segredo isolada. Eu imaginei se esse seria o meu destino também.

A onde Alexander tinha ido? De volta para Romênia? Eu compraria uma passagem para a Europa se eu tivesse que. Eu andaria de porta em porta nas mansões para achá-lo.

Eu imaginei se Alexander tivesse ficado, o que teria acontecido com ele. Se a cidade tivesse descoberto sua identidade ele teria sido perseguido, levado para pesquisa científica ou exposto como atração principal em algum show. Eu imaginei o que seria de mim. Eu poderia ser interrogada pelo FBI, assediada pelos tablóides, ou forçada a viver isolada, conhecida para sempre como Predador de Vampiros (Vampire Vulture).

Eu me virei para sair quando eu vi um pequeno livro saindo debaixo do seu colchão. Eu peguei e levei para janela do sótão para uma inspeção melhor.

Alexander tinha esquecido seu passaporte? Havia um espaço vazio aonde sua foto havia sido arrancada. Eu toquei o espaço imaginando que foto um vampiro poderia ter tirado.

Eu virei as páginas. Selos da Inglaterra, Irlanda, Itália, França e Estados Unidos.

Se o passaporte do Alexander estava em minhas mãos ele não poderia ter ido para Romênia. Ninguém pode sair do país sem um passaporte. Agora eu tinha uma coisa que eu não tinha antes. Esperança.

“Vá devagar!” minha mãe disse quando eu entrei pela porta da cozinha. “Você está

deixando um rastro de lama pelo chão.”

“Depois eu limpo --,” eu falei apressada.

“Eu gostaria de convidar Alexander para jantar essa semana,” ela ofereceu, me alcançando.

“Nós não vimos ele desde a festa. Você tem mantido ele só para você.

“Claro --,” eu murmurei. “Nós falamos depois. Eu vou estudar.”

“Estudar? Você tem estudado desde a festa. Alexander teve um efeito positivo em você,” ela disse.

Se minha mãe soubesse que eu estava no meu quarto, esperando por emails, ligações e cartas que nunca chegaram.

Billy Boy e meu pai estavam assistindo um jogo de basquete.

“Quando Alexander vai vir?” Billy pediu quando eu passei.

O que eu podia dizer para ele? Talvez nunca?

Eu rapidamente me contentei com um, “Não por um tempo. Eu não quero ele exposto ao subúrbio. Ele pode querer começar a jogar golfe.”

“Eu acho que você achou um namorado sério,” meu pai elogiou.

“Valeu pai,” eu disse, parando por um momento, pensando em piqueniques de família, feriados e férias que Alexander e eu não seríamos capazes de compartilhar. “Por favor, não me incomodem,” eu ordenei, indo em direção a minha bat-caverna.

“Ela está realmente fazendo a tarefa de casa?” Billy Boy perguntou para meu pai, surpreso.

“Eu estou fazendo um trabalho,” eu falei. “Sobre Vampiros.”

“Eu tenho certeza que você irá tirar um 10,” meu pai falou.

Eu me tranquei no meu quarto e procurei na internet por qualquer informação sobre lugares aonde vampiros freqüentariam, onde Alexander pudesse estar. Nova Orleans? Nova Iorque? Os seis meses sem luz do sol do Pólo Norte? Um vampiro iria querer se esconder entre a população mortal, ou se isolar com a sua própria espécie?

Frustrada, eu eitei na minha cama, com as botas ainda nos pés, e encarei à minha prateleira de livros de romance do Bram Stoker, pôster dos filmes *The Lost Boys* e *Drácula 2000*, e minha penteadeira enfeitada com adesivos Hello Batty. Mas nada me deu uma luz sobre aonde ele poderia estar.

Eu me estiquei para desligar o meu abajur do *Edward Mãos de Tesoura* quando eu notei

um objeto sobre a minha estante que havia me colocado nessa bagunça: o espelho compacto da Ruby!

Por que eu não pensei nela antes? Nessa festa, Jameson tinha convidado ela para um encontro.

Ninguém dá um bolo na Ruby – nem mesmo os vampiros^[2]!

[2] No original estava Undead, mas aí eu dei uma pesquisada na wikipédia e lá dizia que o termo surgiu no romance de Bram Stoker, por isso a minha pequena 'adaptação' que faz mais sentido que colocar zumbi.

Capítulo 02 – Poder Feminino (Flower Power)^[3]

[3] Tem duas traduções pra esse título, como vocês vão ver mais no fim do capítulo. Eu optei por essa por ser a "tradução" da gíria Flower Power, e eu supus que foi um trocadilho com o nome da loja que vocês já vão ler também. Em fim, fica a critério, realmente, decidir qual a tradução "certa".

Na manhã seguinte eu corri à toda para a Agência de Viagens Armstrong, chegando antes de a agência abrir. Eu ouvi o barulho de chaves e o som de salto atrás de mim. Era Janice Armstrong, a dona.

“Onde está Ruby?” Eu perguntei sem fôlego.

“Ela só vem de tarde nas Terças,” ela respondeu, abrindo a porta.

“De tarde?” eu grunhi.

“Aliás,” ela disse, se movendo para perto, “você sabe alguma coisa sobre o mordomo do Alexander?”

“O cara assustador?” eu perguntei. “Quero dizer, Jameson?”

“Era para eles terem tido um encontro,” ela confessou, ligando as luzes do escritório e ajustando o termostato.

“E como foi?” eu perguntei, ingenuamente.

Janice colocou sua bolsa em cima da escrivaninha, ligou o computador e olhou para mim.

“Você não sabe ainda? Ele não apareceu,” ela disse. “E com uma mulher linda como a Ruby ele teve sorte que ela olhou na direção dele!”

“Ele disse por que ele cancelou?” eu pressionei.

“Não. Eu pensei que Alexander tinha contado para você,” ela disse.

“Não diretamente.”

Ela balançou a cabeça. “Um bom homem é difícil de achar, você sabe. Mas você tem o Alexander.”

Eu mordi meu lábio preto.

“Ei, você não está atrasada para a escola?” ela inquiriu, olhando para o relógio.

“Eu estou sempre atrasada! Janice, você pode me dar o endereço da Ruby?”

“Por que você não volta no fim do dia?”

“É só que ela esqueceu seu espelho compacto -.”

“Você pode deixar aqui,” Janice sugeriu.

“A porta da frente abriu e Ruby entrou.

Eu imaginei uma mulher esgotada em calças jeans, segurando um cigarro e uma cerveja, mas mesmo levando um bolo Ruby estava estilosa. Ela estava usando maquiagem completa e um suéter branco combinando com suas calças justas também brancas.

“Você está adiantada hoje,” Janice disse.

“Eu tenho muito pra por em dia,” Ruby replicou com um suspiro. “O que você está fazendo aqui?” ela perguntou, surpresa de me ver.

“Eu tenho algo seu.”

“Se você está aqui em nome de Jameson,” ela disse, “você pode dizer a ele que eu sinto muito ter tido que cancelar.”

“Você? Mas ele quem -.” Eu comecei.

Ruby sentou na sua mesa e ligou o seu computador, acidentalmente derrubando o seu porta-canetas.

“Droga!” ela exclamou, agitada, tentando pegar as canetas enquanto elas caíam no chão.

Janice e eu corremos para ajudá-la a ajuntar.

“Isto nunca aconteceu antes!” Ruby disse raivosa. “Agora todos vão saber.”

“Eu derrubo coisas o tempo todo,” Eu confortei.

“Não, ela quer dizer sobre o Jameson,” Janice cochichou para mim “Eu levei bolos muitas vezes antes de conhecer o meu Joe. Mas eu tenho que admitir que estou surpresa sobre o mordomo. Foi duplamente rude, já que nós fomos à festa para apoiar a família Sterling.”

Janice me encarou como se a ausência de Jameson fosse minha culpa. “Eu senti como se ele tivesse me dado um bolo também.”

“Não é grande coisa,” Ruby disse. “De qualquer forma, ele é mais... devo dizer, excêntrico que eu.”

“Ele é um tolo,” Janice disse.

“Isso realmente me surpreendeu. Ele foi tão cavalheiro,” Ruby lamentou. “E o sotaque. Eu achei que me deixei levar por ele.”

“Ele gosta de você também,” eu disse. “É que -.”

As duas mulheres olharam para mim como se eu fosse revelar segredos nacionais.

“É que o que?” Janice perguntou.

“É que... ele devia ter ligado.”

“Você está certa! Eu espero que você não tenha contado a ninguém sobre isso,” Ruby disse preocupada. “Numa cidade pequena como essa, levar um bolo pode arruinar minha reputação.”

“Você deve saber de alguma coisa, Raven,” Janice insistiu.

“É, o Alexander mencionou alguma coisa?” Ruby perguntou.

Eu tinha que consolar minha antiga chefe. Mesmo porque, eu fui a causa de Jameson abandonar o seu encontro. Eu não podia deixar a Ruby levar para o lado pessoal.

“Só que a razão pela qual ele cancelou não tinha nada a ver contigo,” eu disse evasivamente.

“Eu aposto que ele tem uma namorada,” Ruby especulou “Eu li na *Cosmo*,-”

“É claro que não!” eu exclamei com uma risada. “Mas eu preciso saber uma coisa também. Jameson tinha uma viagem planejada?”

“Você sabe algo que eu não sei?”

“Ele comprou alguma passagem aérea? Ou veio aqui pedindo por mapas de estradas?” eu insinuei.

“O que você não está nos contando?”

Ruby e Janice me encararam. Eu não estava tentada a contar a elas a verdade – que Alexander não refletiu no espelho dela.

O espelho da Ruby! Eu quase esqueci.

Eu comecei a puxá-lo da minha bolsa quando um homem vestido em calças de algodão e uma camisa pólo vermelha entrou no escritório com um grande buquê. Distraída, eu guardei o espelho e fechei minha bolsa.

“Ruby White?” ele perguntou.

“Eu sou Ruby,” ela falou, acenando sua mão no ar como se ela tivesse ganhando no bingo.

Ele entregou o buquê de rosas brancas. Ela corou e aceitou as flores.

Flores para Ruby? Poderiam ter sido enviadas de qualquer um dos Dullsvillians.

“O que diz no cartão?” Janice perguntou interessada. “Eu imagino se são do Kyle, do golfe profissional.”

“Eu sinto muito que estas tem que lhe cumprimentar no meu lugar,” Ruby leu. Ela olhou para cima maravilhada. “Com carinho, Jameson.”

“Jameson?” Eu perguntei, de repente, de olhos arregalados.

“Que amor!” Janice disse, enchendo um vaso de vidro com água do bebedouro. “Eu lhe disse o tempo todo que ele era maravilhoso.”

“Você pode acreditar nisso?” Ruby contemplou alto, segurando o buquê perto.

“O que mais diz?” eu perguntei.

“E não é o suficiente?” Janice disse, inalando o aroma e colocando as flores no vaso. “São lindas!”

“Nenhuma informação da onde o pedido foi feito?” Eu inquiri.

Ruby balançou sua cabeça, distraída.

“Mas tem que ter --,” eu murmurei. Eu olhei para a janela e vi o entregador entrando numa van branca com as palavras Poder das Flores (Flower Power) soletradas em margaridas. Eu corri porta a fora enquanto a van começava a arrancar.

“Espere!” eu chamei, correndo com dificuldade nas minhas botas de combate. “Você esqueceu uma coisa!”

Mas era tarde demais. A van virou a esquina.

Sem fôlego e frustrada eu retornei para a agência de viagens. Eu comecei a abrir a porta quando eu notei um pedaço de papel na calçada. Era o recibo do pedido. Devia ter caído da van. Eu rapidamente peguei, escaneando o documento para qualquer informação vital. O endereço da agência de viagens estava detalhado. Mas o endereço do remetente estava em branco. Sem nome. Sem e-mail. Nada.

Então, Escondido no canto direito eu notei um número de dez dígitos.

“Posso usar seu telefone Ruby?” eu perguntei, correndo para dentro. “Só vai demorar um minuto.”

“É claro,” ela disse re-arrumando as flores. Nesse momento eu podia ter ligado para a África que ela não teria se importado.

O código de área parecia estranhamente familiar. Eu procurei no meu cérebro. Pertencia a

uma cidade a alguns centenas de quilômetros longe, onde minha tia Libby morava. Eu disquei. Seria a voz do Alexander que atenderia? *Ring*. Ou o cara assustador? *Ring*. Ou seria um beco sem saída? *Ring*.

“Obrigado por ligar para o Clube do Caixão,” uma voz parecida com a de um zumbi finalmente atendeu. “Nosso horário de trabalho é da noite até o nascer do sol. Deixe uma mensagem – se você se atreve!”

Eu deixei o telefone escorregar da minha mão. Ruby ainda estava arrumando as flores.

“Meu bom gótico!” eu sussurrei. “O Clube do Caixão!”

Capítulo 03 – A Despedida Final (Final Departure)

Na escola eu agora experimentava um novo tipo de popularidade. Não era como se eu fosse uma celebridade, mas meus colegas, que nunca haviam nem olhado pro meu lado, agora falavam “E aí Raven?”.

Mas além de um aceno de olá, nada havia mudado. Ninguém além de Matt e Mecky me convidavam para almoçar, me ofereciam uma carona para casa ou me perguntava se queria me juntar ao seu grupo de estudo. Felizmente eu estava distraída demais para apreciar qualquer elevação do meu status e passei uma tarde longa e mórbida na frente do computador da biblioteca procurando na internet pelo Clube do Caixão.

“Eu quero visitar a tia Libby,” eu falei para meus pais aquela noite, no jantar.

“Tia Libby?” meu pai perguntou. “Nós não a vimos em anos.”

“Eu sei. E está na hora. As férias de verão começam quarta-feira. Eu gostaria de ir amanhã à tarde.”

“Eu não posso imaginar você querer ficar longe do Alexander por um minuto, quanto mais por alguns dias,” minha mãe disse.

“É claro que eu vou morrer ficando longe do Alexander,” eu exclamei, rolando os olhos. Eu podia sentir minha família me encarando, esperando pela minha próxima resposta. “Mas ele vai estar ocupado com as provas do seu tutorado. Então eu pensei em aproveitar a oportunidade para ver a tia Libby.”

Meus pais olharam um para o outro.

“Você tem certeza que você não está indo para ver o show dos Wicked Wiccas?”

“Pai! Eles acabaram com a banda cinco anos atrás.”

“Bom, Libby não é um bom exemplo,” meu pai pontuou. “E quem sabe com que cara neurótico ela está envolvida dessa vez.”

“Pai, ela é mais parecida com você do que você pensa. Você apenas não dirige um carro hippie ainda.”

“Eu lembro de visitar a minha tia quando eu era uma adolescente,” minha mãe disse. “Ela me levou para ver *Hair*.”

“Viu – Eu preciso dessas experiências adolescentes memoráveis para moldar minha vida.”

“Libby realmente adora a Raven,” ela admitiu. “Seria bom para ela também.”

“Tudo bem,” papai disse relutantemente. “Eu ligo para ela essa noite. Mas se ela ainda estiver praticando vodu você não vai.”

Depois do jantar eu encontrei a Bekcy nos balanços no Parque Evans.

“Eu tinha que falar com você urgente,” eu comecei.

“Eu também! A vida é bela. Você acredita que temos namorados?”

Mesmo se Alexander não fosse um vampiro, a idéia de nós duas termos namorados ainda era irreal. Nós duas fomos excluídas por tanto tempo, era incompreensível ser aceita por qualquer um além de nós mesmas.

“Eu preciso que você venha numa pequena viagem comigo,” eu disse a ela.

“Viagem?”

“Eu vou visitar minha tia Libby e eu preciso que você venha!” eu exclamei excitada.

“Esse fim de semana? Eu tenho que perguntar aos meus pais.”

“Não, eu vou amanhã a tarde.”

“Matt me pediu para assistir o jogo de futebol dele depois da aula.”

“Você a recém começou a sair com ele!” Eu argumentei.

“Eu pensei que você ficaria feliz por mim. Além do mais, eu ia te convidar para ir comigo.”

O pensamento de assistir um jogo de futebol me fez querer vomitar, mas o brilho no rosto de Becky me fez pensar que eu estava sendo egoísta.

“Eu *estou* feliz por você, mas -.”

“Você não pode ir outra hora?” ela implorou. “Nós temos toda as férias de verão para sair

com Matt e Alexander.”

Não tinha ponto continuar argumentando. Becky ia ver o jogo de Matt amanhã, assim como eu ia procurar Alexander. Nada poderia nos fazer mudar de idéia. Agora que Matt havia abandonado seu melhor amigo, meu castigo pessoal, Trevor, o espinho na minha vida desde o jardim de infância, ele saía com Becky o tempo todo. E eu estava com ciúmes pela Becky ter um namorado que não desaparecia na noite.

“Por que essa viagem é tão importante?” ela pediu.

“É segredo.”

“O que é segredo?” Matt pediu, aparecendo atrás de nós.

“O que você está fazendo aqui?” Eu pedi, estarecida. “Esse é um encontro particular.”

“Becky e eu vamos para o Fliperama do Ace. Ela me disse para encontrá-la aqui.”

Era ruim o suficiente eu estar perdendo Alexander para o Submundo, mas quando eu mais precisava da minha melhor amiga, eu estava perdendo ela para um jogo de Pinball 3-D.

“Eu tenho que ir,” eu disse, me virando.

“Então, o que são suas notícias secretas?” Matt perguntou. “Seria ótimo ouvir alguma coisa que não as histórias de fantasmas do Trevor uma vez.”

Eu olhei para o casal feliz – o novo alvo do Cupido.

“Trevor estava certo. Os Sterlings realmente são vampiros,” Eu disse impulsivamente.

Eles olharam para mim como se eu fosse louca. Então começaram a gargalhar.

Eu também ri, e então fui embora.

Eu fiz minha mala repleta de roupas pretas, incerta do que eu estava me preparando para. Para ficar segura eu também empacotei um Tupperware de alho, o espelhinho da Ruby e uma latinha de spray de pimenta.

Para acalmar meus nervos, eu abri meu diário da Olívia Outcast e fiz uma lista com os pontos positivos de Namorar um Vampiro:

1. Ele estará por perto para toda a eternidade.
2. Ele pode voar livremente.
3. Eu economizarei centenas de dólares em fotos do casamento.
4. Sem espelhos para limpar.
5. Ele nunca vai ter bafo de alho.

Eu fechei meu jornal. Eu tinha mais uma coisa para empacotar.

Eu abri a porta para o quarto do meu irmão. Billy estava digitando com seus dedos finos no teclado do computador.

“O que você quer?” ele falou quando eu entrei.

“Quero? Não é o que eu quero, e sim o que eu tenho à oferecer. Eu peguei isso depois da escola hoje na loja Software City. Eles disseram que era o último.”

Eu mostrei para ele o *Wrestling Maniacs 3*^[4].

[4] Tradução seria algo como Maníacos da Luta-Livre 3.

“Você roubou?”

“Claro que não – Eu posso ser estranha, mas não sou ladra!”

Ele inclinou para pegar o jogo, mas eu segurei firme.

“Eu só preciso de uma coisa em retorno.”

Ele rolou os olhos.

“Eu sabia!”

“É algo mínimo.”

“Respostas de algum teste?” ele adivinhou.

“Não dessa vez.”

“Um atestado?”

“Ainda não.”

“Então o que?”

“Uma identidade falsa,” eu sussurrei.

“Tia Libby não vai te levar num bar!”

“É claro que não. Mas é para identificação, já que eu ainda não tenho minha carteira de motorista por alguns meses.

“Use a sua identidade da escola então.”

“Eu preciso ter dezoito!” eu comecei a gritar. E respirei fundo. “Tem uma convenção na biblioteca e eu preciso ter dezoito para ver os livros.”

“Tanto faz! Mamãe e papai vão matar você! Você é muito nova para beber.”

“Eu não vou beber. Eu só quero sair.”

“O que o Alexander diria se ele descobrisse que você vai sair sem ele?”

“Eu estou esperando encontrá-lo lá,” eu sussurrei.

“Eu sabia! Você não podia ligar menos para ‘a minha preferida tia Libby,’” ele disse em uma imitação de voz de menina.

“Por favorzinho?” eu pedi, balançando o joguinho diante dos seus olhos.

“Bom...”

“Você faz?”

“Não, mas eu sei de alguém que fará.”

Pela primeira vez na vida eu levei meu irmão para a escola – Dullsville Intermediária. O edifício de tijolo vermelho, o gramado e o parquinho pareciam surpreendentemente menor do que quando eu ia, anos atrás.

“Eu costumava faltar a aula e me esconder ali,” eu disse, apontando para um pequeno galpão de equipamentos atléticos.

“Eu sei,” ele disse. “ ‘Raven esteve aqui’ está rabiscado pela parede inteira.”

“Eu acho que eu faltava mais do que eu pensei,” Eu disse com um sorriso.

Eu me senti como uma torre gótica gigante enquanto eu andava pelo gramado entre meninas usando camisetas da Bratz e notebookes da Strawberry Shortcake e meninos com mochilas extremamente cheias do Pokémon.

Eu imaginei que encontraríamos algum professor corrupto, mas ao invés nós fomos cumprimentados na entrada por um menino de onze anos, cabelos vermelhos chamado Henry.

“O que você precisa para fazer Identidades falsas?” Eu pedi para ele. “Entrar no Chuck E. Cheese de noite?”

O amigo de Billy Boy olhou para mim como se ele nunca tivesse visto uma garota de verdade tão perto.

“Você pode encarar a minha foto *depois* que você tirá-la,” eu brinquei.

“Me siga,” ele disse.

No corredor nós fomos parados pela Sra. Hanley, minha professora de matemática da sexta série.

“Raven Madison! Você está tão crescida!”

Eu sabia dizer que ela esperava que eu fosse crescer em algum centro de detenção para jovens, ou fosse mandada para alguma escola no exterior. Ela olhou para meu irmão e para mim, obviamente imaginando como dois seres humanos tão diferentes podiam compartilhar o mesmo DNA.

“Eu nunca imaginei que Billy fosse seu irmão,” ela confessou.

“Eu sei,” eu sussurrei. “Eu estou surpresa também.”

“Bom, algumas coisas não mudara,” ela falou, indo embora. Ela continuou olhando para trás como se ela tivesse visto um fantasma. Eu sabia que seria o assunto de conversa ao redor do microondas na sala dos professores.

Nós paramos no armário de Henry, o único com uma fechadura que estava embutida a um controle remoto de abrir garagem. Henry girou botão do controle e o super cadeado abriu. Jogos de computador, eletrônicos, e manual de programação estavam organizados como numa mini loja de computação.

“Vamos.”

Eu segui eles pelo corredor até a sala de computação. Mas estava trancada. Meu coração afundou.

“Isso não pode acontecer! Quebre uma janela se você precisar,” eu disse meio que brincando.

Os dois pré-adolescentes nerds olharam para mim como se eu fosse a estranha.

Henry fuçou no bolso de trás da sua calça e puxou uma carteira de couro marrom. Ele abriu e tirou um cartão de crédito de lá de dentro. Ele escorregou o cartão pela porta, balançou um pouco e dentro de alguns momentos a porta se abriu.

“Eu gosto do seu estilo,” eu disse com um sorriso.

Vinte minutos depois eu estava encarando a uma Raven de 18 anos. “Eu pareço bem para a minha idade,” eu disse com uma piscada, e fui pra casa.

Capítulo 04 - Hipsterville

"Mãe, eu não estou indo para a Siberia. Eu estarei de volta em dois dias." Nós estávamos sentadas no ponto de onibus Greyhound de Dullsville , do lado de fora da sorveteria da

Shirley. Ela estava tentando me estrangular com beijos quando o ônibus gritou pelo freio na frente de uns poucos outros jovens Dullsvillians conduzindo cedo para as férias de verão. Conforme o ônibus se afastou e eu acenei para a minha mãe da minha janela do assento do fundo, eu realmente senti uma pontada no meu estômago. Essa seria a minha primeira viagem pra fora de Dullsville sozinha. Eu até pensei se eu iria retornar.

Eu cruzei os braços, fechei meus olhos, e pensei como seria se eu me tornasse uma vampira de Alexander.

Eu imaginei Alexander esperando por mim no ponto de ônibus de Hipsterville, de pé na chuva, vestindo jeans pretos apertados, e uma blusa que brilha no escuro do Jack Skellington, um pequeno buquê de rosas pretas em uma mão. Me olhando por cima, seu rosto pálido iria corar com uma cor rosa suficiente para fazê-lo parecer vivo. Ele pegaria minha mão nas dele, inclinaria-se a mim, e me beijaria longamente. Ele me levaria rapidamente no seu ótimo restaurado carro fúnebre, decorado com aranhas e teias pintadas, a música do Slipknot explodindo pelos auto-falantes.

Nós estacionaríamos em frente de um castelo abandonado e subiríamos a escadas rangentes em espiral que guiaria para a torre abandonada. As paredes do antigo castelo estariam revestidas com renda preta e o chão rústico de madeira espalhado com pétalas de rosa. Um milhão de velas iriam tremer ao redor do quarto, as janelas medievais abatidas dificilmente permitem o luar.

"Eu não poderia mais estar sem você," Alexander diria. Ele iria se inclinar a mim e levaria meu pescoço à sua boca. Eu sentiria uma leve pressão na minha carne. Eu ficaria zonda, mas me sentiria mais viva do que eu já teria sentido antes —minha cabeça cairia para trás, meu corpo se tornaria fraco nos braços dele. Meu coração pulsaria em horas extras como se estivesse batendo para ambos. Pelo canto do meu olho, eu seria capaz de ver Alexander erguer sua cabeça orgulhosamente.

Ele iria gentilmente me deitar. Eu me sentiria tonta e tropeçaria nos meus pés, segurando meu pescoço manchado de vermelho conforme o sangue escorreria pelo meu cotovelo.

Eu seria capaz de sentir 2 caninos afiados com a ponta da minha língua.

Ele abriria uma janela da torre para mostrar a cidade dormindo. Eu seria capaz de ver coisas que eu nunca teria visto antes, como fantasmas sorridentes flutuando sobre as casas.

Alexander pegaria minha mão, e nós voaríamos pela noite, sobre as luzes brilhantes da cidade e debaixo das estrelas cintilantes, como dois anjos góticos.

O som do eco dos sinos interrompeu. Não o toque dos sinos sinalizando minha chegada ao Submundo, mas especialmente uma estrada de ferro cruzando avisando a chegada do trem, sinalizando o fim da minha hiperativa imaginação. O ônibus estava parado na frente do trilho. Uma criancinha no banco do outro lado do corredor para mim acenou excitadamente conforme a locomotiva preta se aproximava.

"Chug-a-chug-a-choo-choo!" ele exclamou. "Eu quero ser um condutor," ele proclamou para a mãe dele.

Eu também olhei fixamente enquanto o condutor acenou seu chapéu azul quando o trem passou por nós. Em vez dos novos vagões cobertos que silvaram para nós, uma corda de carros de frete dilapidados, cinza-chumbo parou na nossa frente. Tal como a criança, que através de mim provavelmente sonhava com a vida glamorosa de um condutor, -muito ingênuo para não se importar com as muitas horas de trabalho, o isolamento por muito tempo e a má remuneração- eu, também, queria saber se meu sonho de se tornar um vampiro era mais romântico do que a sua realidade.

Eu estava pisando em um mundo do desconhecido, sabendo somente uma coisa: Eu tinha que encontrar Alexander.

Na placa de bem-vindo à cidade devia-se ler, "Bem vindos a Hipsterville, os habitantes devem verificar todas as calças do golfe nos limites da cidade." A cidade pequena era uma mistura eclética de cafeterias hippies, luxuosos brechós, e de cinemas indies onde todos os tipos de gente legal moravam, - cabeças de granola, artistas, góticos, e anormais chiques-. Cada tipo era aceito aqui. Eu poderia ver porque Alexander e Jameson escaparam para esta particular cidade. Estava próxima a Dullsville e poderiam facilmente se misturar como aperitivos aos outros habitantes heterogêneos.

Eu poderia somente imaginar como minha vida seria se eu tinha crescido em uma cidade onde eu fosse mais aceita do que condenada ao desprezo. Eu poderia ter estado na lista da noite de sexta-feira, assombrado casas, sido coroada rainha do Halloween, e recebido vários A's na classe História das lápides.

Meu pai e a tia Libby tinham ambos sido hippies nos anos 60, mas enquanto meu pai se

transformou em um yuppie, Libby ficou certa de seu interior penetra. Ela foi pra Hipsterville, estudar no teatro na universidade, e agora trabalhou como uma garçonete num restaurante vegetariano para apoiar sua representação. Ela estava sempre atuando numa peça vanguarda ou em artes cênicas na garagem de algum diretor. Quando eu tinha 11 anos, minha família assistiu sua atuação no palco, o que pareciam dias, vestida como uma ervilha gigante e falando em sentenças incompletas sobre como ela surgiu.

Quando eu cheguei em Hipsterville, eu não estava chocada para encontrar que Alexander não estava esperando por mim, mas eu estava surpresa que minha tia não estava. *Eu espero que ela não seja atrasada assim para os seus aplausos*, eu pensei, conforme eu esperava no ponto de onibus no sol quente ao lado da minha mala. Finalmente eu reconheci seu Beetle vintage amarelo e acabado emitindo faíscas no lote.

"Você está tão crescida!" ela exclamou, saindo do carro e me dando um mega abraço. "Mas você veste o mesmo. Eu estava contando com isso."

Tia Libby tinha um rosto jovem, decorado com sombras roxas brilhantes e batom rosa. Ela estava com brincos de cristais vermelhos debaixo de seu cabelo castanho, um vestido de laço azul pontuado com bijouterias brancas, e sandalias Nairobi beges.

Sua cordialidade derramava sobre mim. Apesar de diferentes em nossos gostos, nós coladas como irmãs, imediatamente estávamos falando sobre moda, música e filmes.

"*Kissing Coffins*?" ela perguntou quando eu disse que assisti recentemente. "É como o *Rocky Horror Picture Show*. Me lembro de ir no show da meia-noite, dançar nos salões." Vamos fazer o tempo voltar novamente, "Tia Libby cantou, e os que passavam nos olhavam estranhamente. "Uh, *Kissing Coffins* não é um musical, eu interrompi antes que a minha tia tivesse uma citação para perturbar a paz.

"É uma vergonha que não. Bom, eu tenho um ótimo lugar para levá-la", ela disse, e me levou a esquina do quarteirão para a Hot Gothics.

"Uau!" Eu gritei, apontando para um par de botas de combate de couro negro e uma camisola prata de malha rasgada. "Eu só vi essa loja na Internet."

Eu estava no céu Gótico, e foi lindo! Objetos Wiccas, camisetas, quadrinhos da Hello Batty e tatuagens falsas.

A atendente, que tinha cabelo fúcsia e múltiplos piercings, que estava usando um shorts

preto sobre leggings igualmente pretas, sapatos Mary Jane^[5] e uma camiseta de mecânico que dizia “Bob”, andou até mim. Ela tinha um estilo que em Dullsville só se veria na TV. E ao invés da minha costumeira experiência de ou ser ignorada ou ser vista como uma ladra em potencial ela me cumprimentou como se eu fosse uma estrela de cinema em um boutique de Beverly Hills.

[5]Mary Jane é um tipo de sapato. É como se fosse um daqueles sapatos de boneca, sabe, com o bico arredondado, mas com um super salto.

“Eu posso te ajudar? Nós temos muitas coisas em promoção.”

Eu a segui entusiasticamente pela loja até eu ficar exausta de cabides e mais cabides de roupas góticas.

“Sinta-se a vontade para perguntar se você precisar de mais alguma coisa,” ela disse.

Eu tinha meus braços cheios com meias arrastão, botas pretas da altura do joelho e uma bolsa da Olívia Outcast.

Libby mostrou uma camiseta preta em que se lia “Vampires Suck.”

Eu senti uma pontada no meu coração e um caroço na minha garganta.

“Eu compro pra você,” ela insistiu, levando para o caixa.

Normalmente eu teria gritado de alegria com uma camiseta como aquela. Mas agora só me lembrava que Alexander tinha ido embora.

“Você não precisa.”

“Claro que preciso. Eu sou sua tia. Nós vamos levar essa,” ela disse, entregando para a balconista a camiseta e o cartão de crédito.

Eu segurei as belas roupas góticas. Tudo me lembrava do Alexander.

“Eu só vou devolver estes,” eu disse. Mas daí eu pensei em quão sexy eu ficaria nessas botas e na meia arrastão, se eu visse ele de novo.

“Nós vamos levar esses também,” minha tia disse, vendo através de mim, e entregou para a balconista minha mercadoria.

Tia Libby vivia numa rua pequena de três faixas com apartamentos dos anos quarenta estreitos e enfileirados – um grande contraste com a minha casa contemporânea do subúrbio e vizinhança em Dullsville. Seu apartamento de um quarto, era pequeno, mas aconchegante, com um toque boêmio – almofadas de estampas florais, travesseiros, cadeiras de vime e o cheiro de pout-pourri^[6] de lavanda enchia a sala de estar. Máscaras

italianas decoravam as paredes e lanternas chinesas estavam penduradas no teto.

[6] Pout-pourri assim é como se fosse um monte de tipos de flores misturados.

“Você pode dormir aqui,” Tia Libby disse, apontando para um futon^[7] na sala de estar.

[7] E o futon é tipo um colchonete assim, mas mais "estiloso".

“Valeu!” eu disse, excitada com a minha acomodação. “Muito obrigada por me deixar te visitar.”

“Eu estou tão feliz que você veio!” ela replicou.

Eu coloquei minha mala perto do futon e dei uma espiada no relógio do Pink Floyd pendurado sobre a antiga “só-para-fazer-charme” lareira, que ela havia enchido de velas apagadas. Eu tinha apenas algumas horas até o por do sol.

Libby me serviu de suco de cenoura enquanto eu desfazia minhas malas.

“Você deve estar com fome,” ela chamou da sua cozinha descorada. “Você quer um enrolado de abacate?”

“Claro,” eu falei, me sentando na sua mesa de jantar amarela, adornada com um porta guardanapo e uma perna ‘manca’. “Eu aposto que você tem uma encontro hoje a noite,” eu sugeri, enquanto ela cobria meu sanduíche com flores. “Mas tudo bem, eu posso cuidar de mim mesma.”

“Seu pai não te contou? Eu acho que ele queria que fosse uma surpresa.”

“Me contou o que?” eu perguntei, sonhando com Libby me entregando entradas VIP para o Clube do Caixão.

“Eu tenho um show hoje a noite.”

Show? Eu não viajei até Hipsterville para passar três horas sentada numa garagem.

“É no centro,” ela disse com orgulho. “Nós vamos fazer uma performance particular para os cidadãos seniores da cidade, então sinto em dizer que você será a única lá sem cabelo branco. Mas eu sei que você vai amar.” Ela pegou um envelope pendurado da sua geladeira com um imã de arco-íris.

Ela abriu o envelope, puxou um ingresso e me mostrou.

OS ATORES DO THE VILLAGE APRESENTAM:

Drácula

Os atores do The Village se apresentavam na escola primária. O camarim da atriz era uma sala de aula que ainda cheirava a borrachas e as grandes janelas estavam cobertas com cortinas pesadas. Espelhos substituíam o quadro negro e uma longa fila de maquiagem, flores e cartões de parabéns estavam na mesa do professor.

Enquanto Tia Libby colocava a maquiagem e se espremia no seu vestido Vitoriano eu olhava um globo esquecido no canto, deixando minha unha pintada de preto em cima da Romênia.

É claro que sob outras circunstâncias eu teria amado ver uma performance de *Drácula*. Eu teria ido todas as noites, principalmente para ver minha tia como uma velha, mas convincente, Lucy. Eu teria pegado assentos na primeira fila.

Mas porque eu iria querer assistir à um Drácula falso quando eu podia ver o real tomando um Bloddy Mary^[8] no fim da rua, no Clube do Caixão?

[8] bebida de vodka com suco de tomate.

O diretor de palco chamou do corredor, “Cinco minutos.”

Eu abracei Libby e desejei boa sorte. Eu esperava que ela não notasse meu assento vazio durante a performance, mas eu não podia me preocupar com isso enquanto eu me apurava entre as cadeiras enfileiradas para o fundo do teatro.

Eu puxei um organizador mais velho, que parecia um dos vampiros.

“Qual o caminho para o Clube do Caixão?”

Algumas pessoas passam suas vidas inteiras procurando pela sua alma-gêmea. Eu tinha apenas uma hora e meia para achar a minha.

Capítulo 05 – O Clube do Caixão (The Coffin Club)

Eu dei a volta para uma visão que eu nunca teria visto antes: Mais que uma dúzia de jovens góticos esperando em uma fila. Cabelos pontudos, tingidos de preto e branco, vestidos com extensões roxas até o chão, capas billowy, botas pretas até os joelhos, e vestidos de Morticia. Lábios, bochechas, línguas, testas com piercings. Tatuagens de morcegos, arame farpado, e designs esotéricos cobrindo seus braços, tórax, e costas e, em alguns casos, seus corpos inteiros.

Acima da linha de mórbidos góticos, dois caixões estavam traçados em neon vermelho no prédio preto de tijolos.

Impaciência sendo a minha virtude, eu me enfiei na frente de uma garot que estava afrouxando os laços de seu corset em seu vestido medieval.

Um sósia do Marilyn Manson de pé na minha frente virou seu rosto pra mim. "Você é da região?"

"Eu não acho que nenhum de nós é daqui, se você souber o que eu quero dizer," eu disse, onisciente.

"Eu sou Primus," ele respondeu, estendendo sua mão. Os seus dedos eram mais longos que os meus.

"Eu sou Raven," respondi.

"E eu sou Poison," uma garota num vestido agarrado com um corte de listras pretas e vermelhas, tomando a mão de Primus.

O povo continuou se movendo à frente. Primus e Poison mostraram suas IDs e desapareceram pra dentro.

Um segurança numa camiseta *Nosferatu* me examinou, bloqueando a porta preta em forma de caixão.

Eu segurei meu cartão orgulhosamente. Mas quando o segurança 'olhador' diabólico começou a examiná-lo, minha confiança diminuiu e meu coração começou a acelerar.

"Parece que isso foi pego ontem."

"Bem, não foi," eu disse com desprezo. "Isso foi pego hoje."

O segurança deu um sorriso torto, então riu. "Eu não te vi aqui antes."

"Você não lembra de mim da ultima vez? Eu era a garota de preto."

O segurança riu de novo. Ele carimbou minha mão com a imagem de um morcego e colocou um bracelete de plastico em forma de arame farpado em volta do meu pulso esquerdo. "Sozinha aqui?" ele perguntou.

"Eu espero encontrar um amigo. Um cara mais velho, careca com uma capa cinza. Ele esteve aqui recentemente. Você o viu?"

O segurança deu de ombros. "eu só lembro das garotas," ele disse com um sorriso.

"Mas, se ele não aparece, eu só estou fora antes do por do sol," ele adicionou, me deixando passar e abrindo a porta de caixão.

Eu andei e entrei no escuro, lotado, cheio de fumaça, bate-cabeça Submundo. Eu tive que parar para deixar meus olhos se ajustarem.

Neblina de gelo seco flutuou sobre os clubsters como pequenos fantasmas. As paredes de cimento estavam pintadas de spray preto, com tumulos em neon brilhante. Manequins palidos com enormes asas de morcegos penduradas no teto, alguns vestidos em couro, outros em ternos Vitorianos ou antigos vestidos. As portas do banheiro eram em forma de lapides gigantes; uma escrito MONSTROS e a outra DEMÔNIOS. Teias de aranha nas garrafas atras do bar. Uma assinatura debaixo de um relógio quebrado escrito PROIBIDO ALHO.

Perto da pista de dança uma mini feira gótica estava organizada numa mesa dobravel. Um clubster de vampiros poderia comprar qualquer coisa desde dentes falsos a tatuagens e cartas de tarô. Um balcão próximo acima da pista, acessível por uma escada em espiral. Clubsters, com amuletos cheios de sangue pendurados em seus pescoços e simulando dentes de vampiro, parecendo ser uma mistura de inofencivos góticos “nômades” e talvez um pouco verdadeiramente dementes. Mas se eu tivesse que contar com que haviam vampiros reais nessa parte do mundo, alguns tinham que estar misturados aqui, onde eles poderiam andar escondidos no meio das pessoas comuns.

A música arrasadora do Nightshade explodia dos auto-falantes. Eu podia sentir os olhares fixos a medida que eu passava. Ao invés dos olhares usuais aos quais eu estava acostumada a agüentar fosse andando nos corredores da Dullsville High ou perambulando entre Prada-bes^[9] que moviam-se de um lado para outro na cidade, eu me sentia auto-consciente por uma razão diferente - eu estava sendo observada.

[9] Prada-bes: pelo que eu entendi, deve ser um diminutivo de Prada wannabes. Prada, a marca, todo mundo conhece né? E wannabes é aquela pessoa que quer ser como uma outra, e portanto a imita.

Góticos lindos, góticos maravilhosos, até mesmo nerd góticos olhavam para mim como se eu fosse uma Paris Hilton gótica desfilando numa passarela medieval. Até mesmo as garotas, com camisetas babylooks que diziam SIN (pecado) ou expunham seus umbigos com piercings, me examinavam como que cuidando do seu território, como se ameaçadas por outra mulher solteira com sombra preta e vestido justo também preto. Eu passei os dedos pelos meus cabelos escuros nervosamente, tentando ser cuidadosa para quem eu olhava. Eles eram vampiros de verdade sentindo o cheiro de uma mortal? Ou apenas góticos procurando um ghoul?

Eu empurrei meu caminho até o bar, aonde um bartender de cabelo comprido usando batom e sombra estava colocando um líquido vermelho num copo de martini.

“O que posso servir para você?” ele perguntou. “Cerveja de sangue ou uma Execução?”
“Eu gostaria de uma Execução, mas faça virgem,” eu repliquei em confiança. “Eu estou dirigindo. Ou melhor dizendo, *voando*.”

O bartender deu um sorriso. Ele pegou duas garrafas de peltre^[10] da prateleira e serviu em um copo com o formato do iron-maiden.

[10] jarra de inox.

“São nove dólares.”

“Posso ficar com o copo?” Eu perguntei. Eu soava como uma criança excitada no parque de diversões, ao invés de uma adolescente menor de idade tentando parecer cool em um bar. Eu entreguei a ele uma nota de dez. “Fique com o troco,” eu disse orgulhosa, como eu vi meu pai fazer milhares de vezes. Eu nem mesmo estava certa se eu estava deixando uma gorjeta apropriada.

Eu tomei um gole daquela lama (*slush*) vermelha, que tinha gosto de suco de tomate.

“Tinha um cara careca usando um sobretudo escuro aqui outra noite?” eu perguntei, gritando através da música retumbante. “Ele fez uma ligação do clube.”

“Esse cara está aqui todas as noites.”

Eu sorri ansiosa. “Sério?”

“E pelo menos 50 caras iguais a ele,” ele respondeu alto.

Eu me virei. Ele estava certo. Havia tantos caras carecas quanto de moicanos.

“Ele tinha olhos assustadores e um sotaque romeno,” eu adicionei.

“Oh, aquele cara?” ele perguntou apontando para um careca meio magro com um sobretudo cinza falando com uma garota com um vestido da Wednesday Addams^[11] no canto.

[11] Wednesday Adams é a filha da Mortícia com o Gomes, da família Addams.

“Valeu!”

Eu rapidamente empurrei meu caminho através da multidão.

“Jameson!” eu gritei, batendo no ombro dele. “Sou eu!”

Ele virou. Mas ao invés de realmente ser um cidadão sênior, ele só se parecia com um. Eu sai dali antes que ele me pedisse para me juntar a ele pela eternidade.

Eu fugi pelo bazar gótico, não tendo tempo de parar e comprar jarras de inox (*peltre* – original: *pewter*), cristal ou amuletos de prata ou ler minhas cartas do tarô.

Mas quando eu passei pela última cabine, uma quiromante agarrou minha mão. “Você está procurando por amor” ela disse.

Uma garota sozinha no clube procurando por amor? Quais eram as chances?

“Bom, e onde ele está?” eu desafiei, gritando sobre a música retumbante.

“Ele está mais perto do que você pensa,” ela respondeu misteriosamente.

Eu olhei através do clube lotado. “Aonde?” eu gritei.

A quiromante não disse nada.

Eu passei alguns dólares para a mão dela. “Em que direção?” Eu perguntei alto.

Ela olhou nos meus olhos. “Leste.”

“O bar?”

“Você deve procurar aqui,” ela disse e apontou com a outra mão para o seu coração.

“Eu não preciso de ditados. Eu preciso de um mapa!” eu desaprovei e continuei a fazer meu caminho através da multidão.

Eu parei na cabine do DJ.

“Você viu um homem careca por aqui recentemente?” Eu perguntei ao DJ, que estava vestido com um jaleco de laboratório com sangue falso espalhado sobre ele.

“Quem?”

“Você viu um homem careca aqui fim de semana passado?” eu repeti.

Ele encolheu os ombros.

“Ele podia estar usando um sobretudo cinza.”

“Quem?”

“O homem sobre quem eu estou pedindo!” A música estava muito alta, nem mesmo eu conseguia me ouvir.

“Pergunte ao Romeo no bar,” ele gritou de volta.

“Eu já perguntei!” eu resmunguei.

Enquanto eu voltava para o bar, eu vi um rapaz de cabelos pretos usando jeans e uma camisa cinza-carvão encostado contra uma coluna coríntia^[12] na pista de dança.

[12] coluna coríntia é uma daquelas colunas gregas.

Eu empurrei os clubsters, meu coração batendo a toda.

“Alexander?”

Mas em uma inspeção mais de perto, eu estava confrontando um cara de vinte e poucos anos usando uma camista escrito BITE-ME (me morda, ou, no sentido mais gíria da palavra: foda-se) e cheirando à álcool.

Frustrada eu voltei para o bar novamente.

“Não era ele,” eu disse para Romeo. “O cara que eu estou falando fez uma ligação do Clube do Caixão.”

Romeo virou-se para uma duplicata da Elvira^[13], que estava colocando uma gorjeta no seu sutiã.

[13] Elvira é uma referência aquele filme de terror trash Elvira a Rainha das Trevas (Mistress of the Dark)

“Hei, essa menina está procurando por um cara careca que veio no clube uma outra noite,” Romeo disse. “Ele fez uma ligação daqui.”

“Oh, é, isso soa familiar,” ela disse.

“Sério?” eu me animei.

“Eu lembro porque ele pediu para usar o telefone. Ninguém pede hoje em dia. Todo mundo tem celular.”

“Ele falou aonde ele estava ficando aqui na cidade?”

“Não. Ele apenas disse obrigado e me deu uma nota de vinte por entregar o telefone à ele.”

“Ele estava com alguém?” Eu perguntei, ansiosa para receber notícias do Alexander.

“Eu acho que vi ele com um cara em uma capa de Drácula.”

“Alexander?” eu pedi excitada. “O nome dele era Alexander Sterling?”

Romeo olhou para mim como se ele tivesse reconhecido o nome, mas então ele se virou para limpar o bar.

“Eu não tenho tempo para apresentações,” Elvira disse. Ela se virou e foi servir um cara vestido de couro que acenava uma nota de vinte.

Jameson *tinha* estado aqui! E possivelmente Alexander, na capa que eu vi ela pela última vez.

Eu olhei pelo clube procurando por sinais que poderiam me ajudar a achá-lo. Talvez Alexander tenha achado esse lugar totalmente falso. Esse clube estava cheio de góticos parias como eu, ou algum deles realmente eram vampiros? Então eu lembrei que o jeito para reconhecer um vampiro de verdade era por *não* olhar diretamente para eles.

Eu peguei na minha bolsa o espelhinho compacto da Ruby. Todos os clubster de presas refletiam de volta. Eu tinha que pensar em outro plano. Eu guardei o espelho e fui em direção a porta.

De repente eu senti uma mão fria no meu ombro.

Eu me virei.

“Eu acho que sei quem você quer ver,” Romeo disse.

“Você sabe?”

“Me siga.”

Eu fiquei perto do gótico que me guiava, metade de mim regojizava e a outra metade estava aterrorizada.

Ele me guiou até uma escada espiral em direção a sacada. Uma figura nas sombras sentava em um sofá na forma de um caixão, uma grande taça e um candelabro a sua frente na mesa redonda de café.

A figura misteriosa olhou para mim. Eu senti um arrepio. Eu mal podia sussurrar,

“Alexander—.”

A figura solitária puxou o candelabro para perto, iluminando suas feições.

Não era Alexander.

Ao invés, sentado a minha frente estava um adolescente oculto, seu rosto cadavérico e ainda assim atraente quase escondido atrás dos cabelos brancos com pontas vermelhas escorrido, e uma caveira de metal estava pendurada na sua orelha esquerda. Seus olhos sedutores me atravessaram, um verde metálico, o outro azul gelo. Seu rosto branco cheio de veias como teias de aranha, como se ele estivesse acordado por dias. Sua pele era da cor da morte. Suas unhas eram pintadas de preto, como as minhas, e ele usava uma tatuagem no seu braço, que se lia POSSESS (possuir, controlar, reter).

Tomou toda a minha força desviar da sua figura intoxicante, me forçando a encará-lo novamente. “Você estava esperando outra pessoa?”

“Sim. Quero dizer...não.”

“Esperando alguém para se juntar pela eternidade? Alguém que não irá correr de você?”

“E não estamos todos?” eu rebati.

“Bom, eu acho que sou o seu cara.”

“Eu acho que Romeo se confundiu,” eu disse. “Eu estava procurando por alguém que fez uma ligação daqui. Um cara mais velho, careca.”

“Mesmo? Ele não parece ser o seu tipo.”

“Eu estava obviamente enganada—“

“O engano de uma pessoa, é o destino de outra. Eu sou Jagger,” ele disse com um olhar

penetrante que fez meu sangue ferver. Ele levantou-se e ofereceu sua mão pálida.

“Eu sou a Raven,mas--.”

“Você está procurando por alguém que possa preencher seus desejos mais obscuros.”

“Não, eu estava procurando por...,” eu comecei ingenuamente.

“Sim?” Jagger perguntou, com um sorriso perspicaz.

Algo não estava certo. Romeo não havia dito para ele quem eu estava procurando; A minha intuição disparou. Jagger parecia ávido em me ouvir dizer o nome de alguém.

“Eu realmente tenho que ir,” eu disse, apertando minha bolsa como um escudo.

“Por favor, junte-se a mim.” Ele pegou meu braço e me puxou para o sofá. “Eu acredito que temos muito em comum.”

“Talvez uma outra vez... Eu realmente tenho que ir--.”

“Romeo, pegue um drinque para a moça,” Jagger comandou. “Que tal uma Sentença de Morte? É o especial do clube.”

Jagger inclinou-se em minha direção e gentilmente tirou meu cabelo do meu ombro.

“Você é muito bonita,” ele disse.

Eu evitei seu olhar e segurei minha bolsa no meu colo enquanto ele continuava a me olhar.

Eu senti que esse gótico lindo não era meu amigo tanto quanto Trevor.

“Olhe, você foi --.” Eu comecei tentando me levantar quando Romeo voltou com duas taças.

“Ao sangue novo,” Jagger disse com uma risada.

Eu hesitantemente bati minha taça com a dele. Ele tomou um longo gole, e então esperou para eu fazer o mesmo. Com um cara tão nefasto eu apenas podia imaginar o que tinha nesse drinque.

“Eu tenho que ir,” eu disse me levantando.

“Ele não é como você acha que ele é,” ele disse.

Eu parei, quase congelada.

“Eu não sei do que você está falando,” eu repliquei e me virei para sair.

“Nós o acharemos juntos,” Jagger disse, e levantou do sofá para bloquear meu caminho.

Ele piscou para mim e então sorriu, revelando presas de vampiro que brilhavam contra a luz de velas. Eu dei um passo para trás e daí me toquei que todos no Clube do Caixão tinham

presas.

Havia apenas um jeito de confirmar quem ou o que o Jagger era.

“Okay, eu vou te dar o meu número,” eu disse me virando contra ele. Eu procurei na minha bolsa e escondi o espelhinho compacto da sua visão. “Só me deixe encontrar minha caneta.”

Meus dedos tremiam enquanto eu abria o compacto da Ruby e angulava ele na direção dele. Eu fechei meus olhos e hesitei. Eu respirei fundo e abri eles.

Mas Jagger já tinha desaparecido.

Capítulo 06 - A Entrega de Drácula (Dracula Delivers)

Eu voltei para o Teatro bem a tempo das cortinas se fecharem. Eu corri para os bastidores aonde fui recebida por uma Libby preocupada no camarim.

“Eu não vi você na platéia!” Tia Libby disse em um tom que me lembrou o da minha mãe.

“Você não devia estar se concentrando no show?”

“Como eu podia me concentrar quando tudo que eu via era o seu assento vazio?” ela repreendeu.

“A mulher do meu lado ficava dormindo em cima de mim,” eu menti, “então eu me mudei para a última fila. Mas você estava maravilhosa!”

“Então você viu,” ela respondeu, aliviada.

“Claro!” eu abracei ela. “Vampiros selvagens não conseguiriam me impedir de ver.”

Eu me ocupei com o kit de maquiagem dela enquanto ela recebia alguns poucos fãs no corredor. Eu não conseguia tirar o meu encontro com o Jagger da minha cabeça. Eu havia encontrado um segundo Drácula? Ou Jagger era somente um adolescente tatuado sedento por um encontro?

“Você tem que conhecer o Marshall,” Tia Libby chamou quando ela retornou ao camarim.

Eu estava espiando abaixo da sombra da janela uma figura oculta no beco, perto da lixeira.

“Raven!” Tia Libby chamou.

Eu me virei para encarar a versão do Village de Drácula – um homem subnutrido, com excesso de pó (de arroz) no rosto, de estatura média, cabelos cinza brilhantes, lábios ultravermelhos que lembravam o palhaço Bozo, e unhas postiças extragrandes. Ele usava a

tradicional capa de cetim.

Como um homem velho demais, sem carisma nenhum atuar como o sexy, sedutor Drácula? Ele deve ser um bom ator.

“Eu quero apresentar você a sua maior fã,” tia Libby contou a ele.

Minha mente ainda estava na figura oculta do lado de fora.

“Tia Libby, nós realmente deveríamos --.” Eu comecei.

“Eu vim para chupar seu sangue!” Drácula disse em uma voz monstruosa, se inclinando em minha direção.

Eu tive que me segurar para não revirar os olhos.

Algum tempo atrás conhecer um ator que interpretava o Drácula em uma produção profissional teria sido o ponto alto da minha existência. Eu teria sido uma completa groupie na sua presença e teria seu autógrafo em um porta-retrato na minha estante. Agora era como conhecer o Coelho da Páscoa do Shopping.

“Libby me contou muito sobre você,” Drácula continuou.

“Bom conhecer você,” Eu disse. “Nós estávamos apenas --.”

“Venha, sente-se,” tia Libby sugeriu, oferecendo a cadeira estofada para o líder monstro.

“Sua tia me disse que você é obcecada por vampiros,” ele disse, jogando sua capa sobre a cadeira e sentando.

Na verdade eu estou namorando um, eu queria dizer.

“Você já foi ao Clube do Caixão?” ele me perguntou.

“Ela é muito nova,” Tia Libby lembrou ele enquanto sentava na cadeira da sua penteadeira e começava a tirar a maquiagem.

“Você já foi?” Eu perguntei ansiosa.

“Sim. Para fins de pesquisa.”

“Você viu algo incomum?” Eu inquiri como uma Nancy Drew gótica.

“Tudo lá é incomum.” Ele riu. “Crianças andando com capas medievais e dentes de vampiro, com piercings de metal nas suas sobrancelhas e lábios, e amuletos de sangue pendurados nos seus pescoços. Eu acho que eu era a única pessoa com mais de trinta. Exceto por um outro homem.”

“Mais velho que você?”

“Bom, mais estranho, se você pode imaginar.”

“Eu não quis dizer—.”

“Eu sei. Ele se destacava também. Mas não do mesmo jeito que eu. Ele podia ter atuado em Renfield. ^[14]”

[14] Renfield é um personagem do romance *Drácula* de Bram Stoker.

“O Cara Assustador?” Eu soltei. “Quero dizer, ele era assustador?”

“Bom, eu acho que era.”

Infelizmente deve ter sido este Drácula-de-uma-figa, e não Alexander, quem Elvira viu falando com Jameson.

“Ele era bem excêntrico,” Marshal continuou. “Ele perguntou se eu sabia de alguma mansão abandonada na área. Escura, isolada, perto de um cemitério, com um sótão.”

“E tem? Eu adoro mansões velhas.”

“Eu confessei que estava atuando em *Drácula*” Marsha disse com orgulho, “e que eu tinha ido à Sociedade Histórica para procurar Mansões e cemitérios locais. Eu expliquei para ele que era mais fácil se ele fosse à Sociedade Histórica do que se ele fosse a um agente imobiliário.”

Drácula se levantou para ir embora.

“Foi um prazer conhecer você.”

Eu ainda podia ver a figura se esgueirando do lado de fora através da janela parcialmente coberta. Quando eu me virei para olhar para Tia Libby enquanto ela agradecia a Marshall pela visita, eu podia ver suas reflexões no grande espelho, também a janela refletida, através da qual eu estava espiando. O beco parecia vaio. Mas quando eu me virei para a janela de novo a figura ainda estava lá.

Alexander?

Eu rapidamente me dirigi para a porta, empurrando o Drácula na saída.

“Raven,” tia Libby repreendeu.

“Desculpa,” eu comecei. “Eu acho que vi um dos seus fãs ali fora. Eu vou ver se eles querem conhecer você!”

Eu apressei para ir para fora, passei pela lixeira fedorenta, algumas cadeiras antigas que foram descartadas e um pedaço do cenário. Saídas de incêndio estavam sobre minha cabeça.

Quando eu fui para o outro lado da janela do camarim, a figura já tinha ido embora.

Desapontada eu procurei por sinais. O beco estava vazio de pessoas. Um objeto cintilando no cimento rachado abaixo da janela chamou minha atenção.

Em uma inspeção mais de perto, eu vi um brinco de caveira de metal do lado de uma poça de lama. Eu lembrei vagamente de ter visto alguém com um brinco igual a este. Mas o do Alexander era um na forma de uma estaca. Então eu me toquei – tinha sido o Jagger. Eu olhei ao meu redor, para ter certeza de que não havia ninguém. Eu peguei, guardei o brinco na minha bolsa e corri para dentro do teatro.

Tia Libby e eu andamos para o carro com alguns dos membros do elenco. A cada passo, eu não podia evitar de sentir como se alguém estivesse me observando.

Eu olhei para cima e vi um pequeno objeto negro pendurado no fio de telefone sobre o beco.

“Aquilo é um morcego?” Eu perguntei enquanto ela destrancava minha porta.

“Eu não posso ver nada,” ela disse.

“Lá.” Eu apontei.

Tia Libby forçou a vista. “Eu tenho certeza que é um passarinho,” ela comentou.

“Passarinhos não ficam pendurados de cabeça para baixo,” eu disse.

“Você está me assustando!” ela gritou e rapidamente correu para o lado dela e entrou no Beetle^[15].

[15] Eu deixei original porque eu não sabia se seria o New Beatle, ou um Fusca, também chamado de Beetle lá.

Poderia ser Alexander? Ou minhas suspeitas estavam certas sobre o Jagger?

Conforme minha tia dava a partida no carro, eu olhei para o fio de novo, que agora estava vazio.

“O que você está fazendo?” Tia Libby pediu, de volta ao seu apartamento de solteira, enquanto eu ligava todas as luzes. “Você vai pagar a conta de luz este mês?”

Ela me seguiu e apagou-as de novo.

“Nós temos que mantê-las acesas,” eu declarei.

“Todas elas?”

“Meu pai não te contou? Eu tenho medo do escuro.”

Ela me encarou descrente.

“Isso vindo da garota que tinha festa de pijamas em cemitérios?”

Ela tinha um bom ponto. Mas eu não podia contar a ela meu segredo mais secreto de todos. “O show realmente me assustou,” eu aflei ao invés. “Você atuou tão bem que eu estou com medo de ser mordida a qualquer momento.”

“Você achou que eu estava tão crível assim?” ela perguntou surpresa.

Eu acenei com a cabeça, confirmando, avidamente.

“Bom, eu prefiro luz de velas,” ela disse. Ela acendeu algumas e colocou elas na sala de estar. O apartamento começou a cheirar que nem rosas e tremeluziam as sombras das máscaras Italianas.

Eu realmente tinha conhecido outro vampiro adolescente? Talvez Jagger tenha ficado receoso que eu vi a sua imagem não-refletida no meu espelhinho. Ele poderia estar me espiando no beco, ou me vendo pendurado no fio de telefone. Eu respirei fundo, me tocando que eu não era melhor que o fofoqueiro exagerado do Trevor Mitchell. Eu deveria estar gastando meu tempo planejando a continuação ad minha busca pelo Alexander, ao invés de ficar fazendo especulações de um gótico mortal de cabelo branco. Jagger poderia ter deixado seu brinco cair no seu caminho de volta para casa, do Clube do caixão. A figura oculta poderia ser um clubser, indo e vindo à lixeira depois de ter tomado muitos ‘Exceções’.

Eu peguei o telefone Lava Lamp da tia Libby e liguei para meus pais.

“Alo?” Billy Boy atendeu.

“Sou eu. Mamãe ou Papai estão em casa?”

“Eles estão na vizinha, visitando o bebê da senhora Jenkins,” ele respondeu.

“Eles deixaram você sozinho?” eu perguntei, irritando ele.

“Dá um tempo.”

“Bom, não mexa no meu quarto! Ou em qualquer coisa nele,” eu avisei enrolando o fio do telefone pelos meus dedos.

“Eu já li um dos seus diários.”

“É melhor você estar brincando!”

“ ‘Alexander me beijou!’ ” ele disse em uma voz imitando uma menina. Então eu ouvi ele passar as páginas.

“É bom que você –“

“ ‘Trevor estava certo,’ ” ele continuou. “ ‘Alexander realmente é um vampiro’ .”

Eu congelei. Como que Billy Boy conseguiu pegar um dos meus diários?

“Feche isso agora!” eu choraminguei. “Não é um diário. É uma história. Eu estou escrevendo para a aula de Inglês!”

“Bom, você tem vários erros de ortografia.”

“Agora mesmo, Nerd Boy! Feche isso ou eu vou pra casa e derreto todos os seus jogos de computador!”

“Relaxa mongol. Eu estou no meu quarto, folheando meu livro da NASA,” ele confessou.

“Você acha que eu vou entrar no seu quarto bagunçado? Eu poderia ficar perdido por dias!”

“Eu sabia disso,” eu disse, com um suspiro de alívio. “Bom, então diga a mamãe que eu liguei.” Eu estava surpresa com a precisão que Billy Boy tinha adivinhado o conteúdo do meu diário. Talvez ele devesse fazer leituras de bola de cristal no Clube do Caixão.

“Oh, alguém ligou pra você,” ele lembrou.

“Becky?”

“Não era um menino.”

Eu segurei meu fôlego. “Alexander?”

“Não deixou um nome. Quando eu disse que você não estava em casa, ele desligou.”

“Você viu o número da bina?”

Eu esperei uma eternidade pela resposta.

“Fora da área,” ele finalmente disse.

“Se ele ligar de novo, pergunte quem é,” eu exigi. “E daí me ligue imediatamente!”

Tia Libby estava roendo cenouras com hummus^[16] sentada no chão, em uma almofada roxa de veludo. Eu estava muito distraída para comer.

[16] hummus é uma pasta feita de grão-de-bico e mais umas coisas bizarras

“Então me conte sobre seu namorado,” ela perguntou, como que lendo meus pensamentos.

“Bom, ele é um gótico como eu,” eu respondi, começando a contar a ela a parte da identidade do Alexander que não era segredo. “E ele é delicioso!”

“Como ele é?”

“Ele é cheiroso, doce, atraente, sedutor, cabelos compridos escuros. Olhos profundos e sonhadores. Ele é mais alto que eu, mais ou menos da sua altura. Magro, não subnutrido, mas não musculoso como se ele vivesse na academia 24 horas por dia, sete dias por semana. Eu não acredito que ele foi embora,” eu adicionei, lembrando o bilhete de

despedida.

“Ele abandonou você?”

“Não. Eu quis dizer foi embora para as férias de primavera.” Eu disfarcei, tentando cobrir meu erro. “Para visitar a família dele.”

“Eu fico feliz que você achou alguém especial com quem você se identifica. Deve ter sido difícil para você crescer naquela cidade.”

Logo que a tia Libby entrou no seu quarto, eu fui pé ante pé pelo apartamento e liguei as luzes novamente só para ter certeza. Eu fui até o futon, puxei as cobertas sobre mim e fechei meus olhos.

De repente eu senti uma sombra sobre mim. Eu apertei meus olhos fechados. Eu imaginei Alexander de pé ao meu lado, com flores, implorando meu perdão por ter me deixado tão abruptamente. Mas aí eu me toquei que poderia ser o Jagger, prestes a furar meu pescoço com suas presas.

Eu abri meus olhos devagar.

“Tia Libby!” eu gritei aliviada.

“Ainda assustada?” ela pediu, de pé ao meu lado. “Você pode deixar a luz da sala acesa.”

Libby desligou as outras luzes e voltou para o quarto dela, desconhecendo o fato de que eu estava tentando protegê-la de um adolescente tatuado das trevas. Eu puxei as cobertas novamente sobre minha cabeça, mas eu ainda tinha a sensação de que estava sendo observada. Eu tentei me acalmar pensando no Alexander. Eu lembrei de ficar deitada na grama com ele, no jardim da mansão, olhando para as estrelas, nossos dedos entrelaçados. Eu ouvi um som de algo sendo arranhado vindo da cozinha. Eu era provavelmente a única garota no mundo que ouve um som de algo raspando e espera que seja um rato. Eu me imaginei de volta na mansão, o céu escuro iluminado pelas nuvens sobre nós, o cheiro da colônia Drakar no ar e Alexander me beijando. Mas quando Alexander falou no meu ouvido, tudo que eu ouvi foi o som de algo sendo arranhado.

Eu decidi confrontar o que quer que fosse e andei em direção a cozinha com as minhas meias pretas. Um rato branco correndo pelos meus pés era o menor dos meus problemas. Eu liguei a luz da cozinha. O som parecia vir do lado de fora.

Eu puxei a cortina sobre a pia, esperando ver o rosto branco fantasmagórico de Jagger me encarando de volta. Mas tudo que tinha era um galho de árvore balançando contra a janela,

no vento.

Só para ter certeza, eu abri o pote Tupperware e coloquei um pé de alho no parapeito da janela sobre o futon.

Capítulo 07 – A Sociedade Histórica (The Historical Society)

Na manhã seguinte eu fui acordada pelo estridente som da música do The Doors. O raio de sol brilhante através da janela aberta fez minha cabeça latejar. Eu estava exausta da viagem de ônibus para Hipsterville, procurando pelo Alexander, e do meu encontro noturno com os habitantes do Clube do Caixão. Quando eu olhei para fora, o mundo mortal parecia o mesmo. Jeeps estacionados paralelamente. Os Hipstervillians empurravam carrinhos de bebê. Pássaros pendurados em fios telefônicos.

Mas o sol da manhã derramou uma nova luz nos eventos de ontem a noite. Talvez a minha experiência no Clube do Caixão foi só um sonho e Jagger um produto da minha imaginação noturna.

Eu levantei do futon com uma risada leve, pensando sobre meus sonhos extra-imaginativos, quando eu vi um adereço do lado da maletinha de madeira da tia Libby, do lado dos meus braceletes.

O brinco de caveira do Jagger. Não foi um sonho.

Eu segurei naminha mão. O adereço cadavérico me encarou. Se Jagger era um vampiro, eu imaginei as coisas medonhas que o brinco não havia presenciado, pendurado na sua orelha. Foi testemunha de mordidas na madrugada em garotas inocentes? O ossos de metal tinham visto Alexander?

Eu lembrei a mim mesma que eu estava fazendo com Jagger o que Trevor havia feito com Alexander. Trevor tinha começado rumores que os Sterlings eram vampiros, não porquê ele realmente sabia as suas verdadeiras identidades, mas porque ele queria fazer deles o escândalo da cidade. Agora eu estava fazendo julgamentos e precipitando conclusões sobre Jagger sem ter fatos. Eu tinha que gastar minhas energias procurando pelo que eu havia vindo a Hipsterville por – um vampiro de verdade, ao invés de uma tentativa de um (wannabe).

Eu lembrei a minha conversa com o Drácula do Village. Eu tinha que ir a Sociedade Histórica assim que abrisse.

Eu achei tia Libby na cozinha, fazendo ovos.

“Bom dia querida,” ela disse. “Dormiu bem?”

“Como um bebê.”

“Eu estou surpresa,” ela disse me interrompendo. “Alguma coisa na sala está cheirando estranho,” ela disse, desligando o fogão e colocando a frigideira em outra boca.

“Minha mãe fez lanches para a viagem,” eu disse, seguindo ela para a sala de estar. “Talvez algo tenha estragado.”

“Parece que está vindo daqui,” ela disse, apontando para a janela acima do futon.

Ela rapidamente abriu a cortina da janela antes que eu pudesse impedi-la.

“Eu achei no chão ontem a noite quando eu fui ao banheiro,” eu improvisei. “Eu achei que era uma concha.”

Eu fiz uma pausa, esperando pela resposta dela.

Ela olhou para mim ceticamente.

“Bom, depois de assistir o seu show ontem a noite, eu não conseguia dormir,” eu adicionei.

“Mas eu pensei que você gostasse de vampiros.”

“Eu gosto, mas não na minha janela.”

“Você me lembra o seu pai quando ele estava crescendo. Adorava filmes de terror, mas teve que dormir de luz acesa até a faculdade,” ela disse.

“Então eu acho que está nos genes,” eu disse recolhendo o alho da janela e colocando de volta no pote de Tupperware.

“Eu posso jogar isso fora para você,” ela ofereceu, estendendo a mão.

“Eu quero guardar,” eu disse, enquanto colocava o pote na minha bolsa. “Até a faculdade.”

Tia Libby riu e eu segui ela para a cozinha.

“Eu tenho uma lista de coisas que podemos fazer,” ela disse, enquanto nos sentávamos para o café da manhã. “Nós podemos começar indo ao museu de arte. Tem uma exibição do Edward Gorey. Eu acho que você vai gostar. Nós podemos ir ao Nifty Fifties^[17] para o almoço; eles fazem um cheeseburger com bacon que é ótimo. Claro que eu nunca provei, mas é o que dizem. Depois nós podemos ir ao antiquário da vizinhança. Aí eu tenho o meu show. Mas você pode ficar no backstage. Eu tenho medo que seja muito assustado para você ver de novo,” ela provocou. “Que tal?”

[17] lanchonete - <http://www.niftyfiftys.com>

“Eu gostaria de ir a Sociedade Histórica,” eu pedi.

“Aquele papo das mansões ontem a noite com o Marshall?” ela adivinhou.

“Eu acho que eu vou fazer o meu relatório sobre uma para a minha aula de história.”

“Durante as férias de primavera? Eu pensei que você preferia fazer um piquenique no cemitério,” ela disse abaixando sua xícara de café.

“Ótima idéia! Vamos fazer isso depois.”

“Eu estava brincando,” ela respondeu.

A altura que tia Libby ficou pronta e eu tomei banho e me troquei, a manhã estava definhando. Libby era tudo que meu pai não era – enquanto ele era um tipo tenso de personalidade, ela era um tipo relaxado. Ele estava quinze minutos adiantado para o cinema, e ela tinha sorte de chegar antes dos créditos iniciais.

Eu não consegui convencer a tia Libby a empacotar uma cesta com tortillas de tofu e sanduíches e sentar em túmulos, mas eu fui capaz de trocar o Museu de Arte pela Sociedade Histórica. Eu peguei o meu diário da Olívia Outcast da minha mala e coloquei na minha mochila, e nós finalmente saímos porta a fora.

A Sociedade Histórica de Dullsville era em uma igreja do tardar do século dezenove nada mal-assombrada. Eu tinha visitado apenas uma vez em uma viagem escolar e gastei a maior parte do meu tempo explorando três túmulos no cemitério até que um professor descobriu o meu paradeiro e ameaçou ligar aos meus pais.

A Sociedade Histórica de Hipsterville provou ser mais interessante, localizada em dois vagões de trem Pullman na antiga estação de trem.

Dentro, eu inspecionei as fotos de casas Vitorianas, menus originais do Joe’s Eats, e cartas dos primeiros moradores. Do segundo vagão surgiu uma mulher usando uma calça verde-limão, com sandálias da mesma cor e cabelos vermelhos^[18].

[18] aqui vai o original: "From the second car emerged a woman wearing a lime green pantsuit with matching sandals and a red-hair That Girl do".

“Posso ajudá-la?” ela perguntou.

“Minha sobrinhas está visitando e gostaria de fazer um relatório em mansões históricas,”

Tia Libby disse, espiando fotos preto-e-branco de carros que estavam pendurados do lado do freio de emergência.

“Bom, você veio ao lugar certo,” ela disse, e puxou um livro de uma estante.

“Eu estou interessada em uma propriedade abandonada, perto de um cemitério.”

A mulher olhou para mim como se eu fosse um fantasma. “Estranho. Um homem esteve aqui o outro dia e pediu exatamente a mesma coisa!”

“Mesmo?” eu pedi, surpresa.

“Foi Marshal Kenner?” Tia Libby inquiriu. “Ele atua em *Drácula*.”

“Não, Marshal veio antes. Esse era um senhor que era novo na cidade.”

Minhas orelhas se animaram.

Ela puxou mais livros e os folheou enquanto Tia Libby explorava o museu.

“Esta é a Mansão Landford,” ela apontou. “É na parte norte da cidade. E a Propriedade Kensley, à leste.”

Eu estudei as fotos, imaginando qual delas Jameson teria selecionado. Nada lembrava nem remotamente a Mansão na Colina Benson.

“Em qual delas o homem estava interessado?” eu sussurrei.

Ela olhou para mim estranhamente. “Você devia fazer o seu relatório no que você gosta.”

Eu olhei de novo para todas as mansões, uma mais majestosa que a outra. Eu escrevi seus nomes e endereços no verso do panfleto da Sociedade Histórica e me toquei que eu levaria várias férias de primavera para visitar todas.

Eu estava prestes a fechar o livro quando eu notei uma ponta espreitando para o verso do livro. Quando eu virei para a página marcada eu perdi o fôlego. Uma foto preto-e-branca de uma propriedade sombria do século dezenove me encarava. Um portão de ferro rústico cercava a casa e no topo da mansão havia uma pequena janela de um sótão. Eu imaginei fantasmas se escondendo atrás das cortinas, tímidos demais para serem fotografados.

Abaixo, a foto lia “Mansão Coswell Manor.”

“O que é isso?” eu perguntei à mulher, que estava organizando a prateleira.

Ela olhou para a foto. “Eu não mencionei esta porque está fora dos limites da cidade. Está abandonada há anos.”

“É perfeita,” eu disse.

“Estranho. Isso foi exatamente o que aquele senhor disse, também.”

A mulher anotou o endereço e me entregou.

“É na Colina Lennox, no fim da estrada.”

Eu deixei uma doação para os “Fundos Amistosos” (*Friendly Funds*) enquanto saíamos do museu.

“Isso foi legal da sua parte,” minha tia disse, enquanto andávamos no estacionamento para o Nifty Fifties.

“Eu daria à ela a minha economia da faculdade se eu pudesse.”

Capítulo 08 – Modo de falar (In a Manor of Speaking) ^[19]

[19] Antes de tudo o título é meio que um jogo de palavras. Manor é mansão, mas a fonética dele é maneira, modo.

Enquanto Tia Libby juntava seus pertences para o teatro e o sol ia se pondo, eu sentei de pernas cruzadas no futon e fiz algumas anotações no meu diário.

Minha investigação estava quase completa. Em apenas algumas horas eu iria me reunir com Alexander. Uma vez que ele entendesse que eu amava ele não importando quem ou o que ele era, ele voltaria para Dullsville e nós poderíamos ficar juntos.

Então eu imaginei o que exatamente isso iria significar. Ele iria querer que eu fosse como ele de todas as maneiras que eu podia? E se eu confrontasse a escolha, eu realmente iria querer escolher o estilo de vida que eu sempre sonhei com?

Para acalmar minha mente, eu fiz mais anotações:

Pontos Positivos de Ser uma Vampira:

- 1- Economia em contas de luz.
- 2- Poder dormir tarde – bem tarde.
- 3- Não teria que me preocupar com manter uma dieta de poucos carboidratos.

“Tem certeza que você quer ficar sozinha?” Tia Libby perguntou, segurando a sua mala de maquiagens.

“Eu tenho dezesseis.”

“Seus pais te deixam ficar sozinha?”

“Eu poderia ser babá aos doze, se alguém em Dullsville me contratasse.”

“Bom, há bastante comida na geladeira,” ela ofereceu, indo em direção a porta. “Eu ligo no intervalo para ver como você está.”

Tia Libby pode ter sido relaxada quando se trata do seu estilo de vida, mas quando eu estava sob o seu teto ela era igual ao meu pai. Eu acho que ela seria como meu pai e deixaria seus dias de hippie para trás se ela tivesse filhos também.

Eu rapidamente troquei de roupa, colocando minhas roupas góticas que estavam na moda –

calças skinny de listras branca-e-preta, meu mini vestido preto rasgado, que revelava uma camisa vermelho sangue. Eu coloquei meu usual batom preto e sombra escura. Eu mal tinha tempo suficiente de por uma tatuagem de rosa vermelha no meu pescoço.

Eu chequei para ter certeza que o pote de alho estava fechado, porque eu não queria expor Alexander à arma de dois centímetros que eu uso para espantar vampiros ocultos. Eu devo ter penteado meus cabelos e re-arrumado meus apliques vermelhos milhões de vezes antes de eu sair rapidamente pela porta e esperar no ponto de ônibus pelo número sete.

A cada número 11 ou 16 eu marchava no ponto de ônibus. Eu estava considerando voltar para o apartamento da minha tia e chamar um táxi quando eu vi o número sete virar a rua e ranger em minha direção. Ansiosamente eu embarquei no ônibus lotado, uma mistura de tipos urbanos; eu escorreguei meu dinheiro dentro do receptáculo e passei pela cancela. Eu segurei no cano pelo bem da minha vida, tentando manter o balanço e evitando bater nos outros passageiros conforme o ônibus guinava com cada acelerada. Logo que o número sete avançou e alcançou o limite de velocidade começou a ir mais devagar de novo, parando em todos os pontos da cidade. Eu chequei meu relógio. Eu teria sido mais rápida se tivesse ido andando.

Depois de deixar algumas dúzias de passageiros e pegando alguns, o motorista virou a esquina e passou o meu destino – Rua Colina Lennox.

Eu corri para a frente do ônibus.

“Você passou a Rua Colina Lennox!” Eu chamei em pânico enquanto o motorista continuava acelerando.

“Não há ponto de ônibus lá,” ele disse pra mim, olhando pelo espelho retrovisor.

“Mas é aonde eu quero ir,” eu argumentei.

“Eu só paro em pontos de ônibus,” ele recitou, continuando a dirigir.

“É um dólar e cinquenta para entrar no ônibus, quanto é para sair?”

Eu ouvi alguns dos passageiros rindo atrás de mim.

“Puxe a corda,” a mulher disse, apontando para um fio branco que corria sobre a janela do ônibus.

Eu alcancei a cordinha e puxei.

Alguns segundos depois o motorista desacelerou e parou.

“Vê isso?” ele pediu apontando para uma placa quadrada com o número sete próximo a

esquina. “Isso é um ponto de ônibus.”

Eu olhei torto para ele e pulei para fora do ônibus, desviando de um casal idoso que tentava embarcar. Eu corri rua abaixo, a que o ônibus tinha percorrido, até alcançar a rua Colina Lennox. Eu virei a esquina e andei passando por propriedades gigantes, com grandes gramados verdes e flores amarelas e roxas até achar o gramado revoltado e grande demais. Uma casa decadente estava no fim de um nefasto beco sem saída. Parecia como se uma nuvem tempestuosa estava pairando sobre ela. Eu tinha finalmente chegado na grande mansão gótica.

Gárgulas estavam sentados no topo dos portões de ferro fundido. Arbustos não domados estavam alinhados na frente da mansão. A grama morta era triturada pela minha bota. Um fonte quebrada estava no meio do gramado. Musgo e hera cresciam no telhado como um Chia Pet^[20]. Eu pulei o caminho de pedras quebradas, que guiavam para uma porta arqueada de madeira.

[20] <http://tinyurl.com/6leb4q>

Eu peguei na maçaneta em forma de dragão e ela acabou saindo da porta, caindo na minha mão. Envergonhada, eu rapidamente escondi a maçaneta atrás de um arbusto.

Eu bati na porta de novo. Eu imaginei se Alexander estava do outro lado, pronto para me cumprimentar com um beijo colossal. Mas não havia resposta. Eu bati meu punho contra a porta até minha mão começar a doer.

Eu virei a maçaneta enferrujada e tentei empurrar contra a entrada de madeira, mas estava trancada.

Eu me escondi atrás dos arbustos alinhados à frente da mansão. As janelas estavam fechadas com taboas, mas eu vi um pequeno racho. O telhado da mansão era tão alta eu estava surpresa de não haver nuvens pairando pelo abrigo (*rafters*) – muito espaço para um fantasma voar sem nem mesmo ser notado. Pelo que eu pude ver as paredes da sala eram tão vazias quanto o próprio cômodo.

É tipo aquele bonequinho que crescem aqueles "matinhos" no lugar do cabelo, sabem né? Só imaginem que ao invés da cara do bonequinho é a mansão. Ou no caso ali da imagem, no lugar da ovelhinha :b

Frustrada eu dei a volta na mansão e descobri uma entrada de serviço. Eu girei a maçaneta de ferro da frágil porta de carvalho, mas também estava trancada.

Meu coração batendo forte, eu corri de volta para a mansão. Alguns degraus quebrados

guiavam para uma janela que rangia solitária. Não estava selada, então eu pressionei meu rosto contra a janela avidamente.

Nada de incomum. Algumas caixas, uma estante empoeirada e uma velha máquina de serrar.

Eu tentei abrir a janela, mas estava emperrada. Eu corri pelos degraus acima novamente e permaneci no gramado.

“Olá?” Eu chamei. “Jameson? Alexander?”

Mas minhas palavras foram respondidas somente pelo latido do cachorro do vizinho.

Eu olhei para a janela única do sótão. Uma árvore sem folhas se inclinava em direção a mansão, um dos galhos alcançando logo embaixo da janela. O grande carvalho devia ter centenas de anos – seu tronco era tão grande quanto uma casa, e suas raízes estavam embrenhadas na terra como as pernas de uma aranha. Eu estava acostumada a escalar, fosse o portão de ferro da Manso, ou as macieiras do jardim da Becky. Mas escalar essa árvore parecia subir no Monte Everest no escuro.

Coberta com um mini-vestido e botas de combate, eu finquei o meu salto no galho mais baixo e me impulsionei para cima. Eu continuei escalando em uma velocidade constante, diminuindo apenas para recuperar o meu fôlego, ou quando eu precisava mudar de tronco, e este estava escondido da luz da lua. Cansada mas determinada, eu corri (scooted) pelo pesado galho, me esticando abaixo da janela do sótão.

Uma cortina escura escondia a maior parte da vista, mas eu consegui espiar lá dentro. Eu pude identificar uma caixa vazia e uma cadeira de madeira. Então eu vi a visão mais incrível olhando de volta para mim – no canto estava o retrato que Alexander tinha pintado de mim vestida para o Baile de Inverno. Uma cesta em forma de abóbora pendurada em um dos meus braços. Uma Raven de duas dimensões sorrindo, mostrando dentes falsos de vampiro.

“Alexander!” Eu chamei de novo.

Eu ouvi o latido do cachorro ficando mais alto.

“Alexander! Jameson!” Eu gritei com toda a minha força.

Nesse momento, o vizinho abriu a porta e saiu para fora da casa, no deck. Ele tinha o tamanho de um lutador de luta-livre profissional.

“Hey! São vocês de novo seus pirralhos?” ele chamou.

“O que está havendo, Hal?” uma mulher pequena perguntou, seguindo ele para fora da casa.

“Eu falei pra você, aqueles pirralhos estão na casa ao lado,” ele disse para ela. “Eu vou chamar a polícia!” ele gritou e puxou um telefone celular do seu bolso de trás.

Eu me apressei para descer da árvore, querendo evitar ser retida ou pior, algemada. Além do mais, eu não queria que a força policial incomodasse Alexander e Jameson ou os forcarem a achar outra casa – e esta vez poderia ser na Romênia.

Quando eu atingi o galho mais baixo, eu vi, pelo canto do meu olho, um pequeno rufo da cortina escura na janela do sótão.

Eu rapidamente dei alguns passos para trás para ver melhor.

Mas a cortina estava imóvel.

De repente um Doberman Pinscher marrom saiu correndo da casa do vizinho, escada abaixo, e arranhou a cerca de estacas que percorria paralelamente a mansão.

Receosa que o cachorro resolvesse o problema e conseguisse passar pelos pequenos espaços entre as estacas e me devorasse como um Kibbles ‘n Bits^[21] eu saí pelo outro lado da mansão, e corri até o ponto de ônibus.

[21] Kibbles 'n Bits: comida pra cachorro

Eu embarquei no lotado número sete, sentando no fundo, atrás de um casal adolescente. Eu estava excitada em descobrir que Alexander realmente estava em Hipsterville. Eu imaginei que ele estava pintando retratos em um cemitério assustador. Procurando móveis para a mansão assombrada, para decorar o seu sótão. Ou talvez ele tinha saído para um vôo noturno.

Eu ainda estava confusa do porquê Alexander tinha vindo para Hipsterville. Era uma cidade pequena com mansões assustadoras e assombradas, com góticos e artistas suficientes para poder se misturar. O que mais oferecia à um vampiro solitário?

O casal, sentado na minha frente, começou a se beijar, ignorante dos olhares dos outros passageiros.

Eu vi suas reflexões no vidro do ônibus. Eu imaginei se eles sabiam o quão sortudos eles eram. Dois humanos que podiam passar suas noites e dias juntos. Tirar fotos. Sentar ao sol. Aí eu me toquei que esses eram pequenos sacrifícios que eu faria para estar com o Alexander de novo.

O ônibus aproximou-se do Teatro e eu desembarquei com muitos outros passageiros. Eu andei sozinha pelo beco em direção a entrada dos fundos do teatro, pensando em desculpas que eu podia contar a Tia Libby e meus pais para que eu pudesse entrar na mansão novamente pelas próximas noites até fazer contato com Alexander. Eu vi uma figura oculta atrás da lixeira.

“Eu esperava poder encontrar você aqui,” uma voz profunda disse, saindo do escuro para bloquear meu caminho.

Eu congelei. Era Jagger. Eu segurei minha bolsa perto de mim; dentro havia um spray de pimenta e possivelmente o mais importante, meu potinho de alho.

“Eu tenho uma informação que pode te interessar.”

“Informação?” eu perguntei ceticamente.

“Sobre o Sterling,” ele disse, com um brilho de conhecimento. “Não é quem você está procurando?”

Chocada, eu me movi alguns centímetros para trás. Eu sabia onde Alexander estava ficando, mas eu não sabia onde ele estava. A promessa de novas pistas no paradeiro de Alexander fez meu pulso bater mais rápido. Além do mais, minha curiosidade sobre identidade do Jagger permanecia. Eu tinha que saber como ele conhecia Alexander.

“Eu posso ajudar você. Eu conheço ele faz uma eternidade,” ele disse com um sorriso.

Eu olhei de volta para o Teatro. Se eu entrasse eu teria a garantia de uma noite seguida com vampiros falsos. Ou eu podia esperar pelo Alexander do lado de fora da mansão – a menos que ele e Jameson me vissem e fossem para outra cidade. Aí era certo que eu nunca mais veria o meu Companheiro Gótico novamente.

“É melhor você me contar tudo que você sabe,” eu disse, apertando a minha bolsa nas laterais do meu corpo. “Senão...”

“Você é livre para ir onde quiser,” ele me assegurou.

Eu permaneci parada enquanto Jagger começou a andar beco abaixo. Curiosidade me comendo por dentro, eu decidi alcançá-lo. Eu segui Jagger rua abaixo e em direção a entrada dos fundos do Clube do Caixão.

Ele me guiou em um depósito e no fim de um corredor escuro, para um elevador de carga vaio. A porta raquítica rangeu em dor quando ele fechou. Ao invés de apertar o botão para o Clube do Caixão, ele apertou o botão “B”.

O elevador vagorosamente desceu até o porão (basement, por isso o B), guinchando como se estivéssemos em um caixão, descendo ao inferno.

“Eu achei que estávamos indo ao Clube do Caixão.”

O elevador parou. Jagger abriu a porta e segurou para mim enquanto eu pisava em um corredor.

Ele me seguiu, atrás de mim, tão perto que eu podia sentir sua respiração quente no meu pescoço. Nós andamos até o fim do corredor estreito, as paredes adornadas com pichações e o chão de cimento mobiliado com cadeiras descartadas e caixas. A pista de danças pulsava acima de nós. Quando alcançamos o que parecia ser uma grande porta de depósito, eu pude ouvir o elevador vagorosamente ranger até o andar mortal. Jagger levantou a porta de metal cinza sobre nossas cabeças para revelar um apartamento sem janelas.

Eu entrei.

“Bem vinda à minha masmorra,” ele disse.

Dúzias de candelabros medievais preenchiam o apartamento espaçoso.

E então eu vi. No canto mais afastado, um caixão aberto, adornado com adesivos de uma banda gótica como um skate de um adolescente mortal. Terra circulava o caixão como os muros de uma cidade.

Meus olhos se arregalaram. “Então você é...,” eu comecei, mas eu mal conseguia falar.

“Oh, o caixão,” ele disse. “Legal né? Eu consegui em uma loja de época.”

“E a terra?”

“Eu vi em uma revista de vampiros. Assustador né?”

Eu não sabia o que pensar. Até mesmo Alexander dormia em um colchão.

“É muito confortável. Quer testar?” ele perguntou, com um olhar sexy.

“Eu não estou cansada.”

“Você não precisa estar.”

Jagger me confundia. Eu não conseguia saber se ele era um vampiro ou apenas um adolescente gótico obsessivo como eu.

Eu olhei por quaisquer pistas incomuns – mas tudo era incomum. Mapas estavam espalhados pelo chão. As paredes de cimento eram decoradas com rabiscos de lápides. Próximo ao aquecedor, um aquário, sem água, estava cheio de pedras.

O balcão da cozinha e a pia pareciam como se não tivessem sido tocadas. Armários de

metal estavam sem portas. Eu tinha medo de pensar o que estava na sua geladeira – ou melhor, quem.

“Você é a primeira garota que eu já trouxe aqui em baixo,” Jagger confessou.

“Eu estou surpresa. Você deve conhecer muitas garotas no Clube do Caixão.”

“Na verdade eu sou novo na cidade. Igual a você. Visitando.”

Os cabelos do meu pescoço levantaram. “Como você sabe que eu estou visitando?”

“Não precisa ser psíquico para chegar a essa conclusão. Alguém tão gótico quanto você seria uma presença regular no clube. Romeo nunca tinha te visto antes.”

“Uh, eu acho que você está certo.”

“Posso pegar alguma coisa para você beber?”

“Não, obrigada,” eu repliquei. “Eu quero saber –“

Jagger andou até o aquário. Ele colocou sua mão lá dentro e puxou uma enorme tarântula.

“Eu acabei de comprá-lo. Você gostaria de acariciá-lo?” ele perguntou, passando a mão na aranha potencialmente venenosa como se fosse um gato dormindo.

Normalmente eu iria ter amado acariciar uma tarântula, mas eu não tinha certeza dos motivos do Jagger.

“Onde está a sua TV?” Eu perguntei, notando a falta de televisores ou computadores.

“Eu as acho ofensivas.”

“Então você não vê filmes? Você nem mesmo viu o *Drácula* original?” Eu especulei.

“*Nosferatu? Kissing Coffins?* Alguém tão gótico quanto você parecia ter as falas memorizadas.

“Eu prefiro aproveitar a vida do que ser um mero espectador.”

Ele colocou a aranha de volta no aquário. Eu afundei minha mão na minha bolsa.

“Você deixou isso para trás,” eu disse, e revelei um brinco de caveira na minha mão. Ele deu um sorriso brilhante, como se tivesse se reunindo com um amigo há muito desaparecido.

Enquanto ele pegava o adorno da minha mão, seus dedos se prolongaram, gentilmente tocando a palma da minha mão, mandando arrepios pelas minhas veias. Tomou-me um certo esforço, mas eu retirei a mão.

“Agora que isso esteve em sua possessão é ainda mais especial para mim,” ele falou, colocando de volta em sua orelha. “Posso recompensá-la?” ele perguntou.

“Você pode me dizer sobre Alexander.”

“Devo eu? Eu talvez eu devo mostrar,” ele perguntou, andando em minha direção.

“Me conte,” eu disse, desafiadora. “Ele é um amigo seu?”

“Talvez sim,” ele disse com um sorriso convidativo. “Talvez não,” ele disse com um sorriso maquiavélico.

“Esqueça, eu vou sair daqui.”

“Eu conheço ele da Romênia,” ele disse rapidamente.

“Você viu ele na América?”

Ele balançou a cabeça, seu cabelo branco passando pelos seus olhos azuis e verdes.

“Você sabe onde ele está?” eu pedi.

“E se eu sei? O quando isso vale?” ele perguntou, passando a língua pelos lábios.

“Você não sabe, não é?” Eu desafiei. Eu andei para longe dele, pisando em um mapa.

“Mas você sabe bastante,” ele discutiu.

Eu puxei minha bolsa para perto.

“Você sabia o bastante sobre o meu amigo Romeno para vir ao Clube do Caixão e pedir por ele.” Ele disse, se aproximando de novo.

“Eu não sei nada...”

“Então porque você quer achá-lo?” ele sussurrou na minha orelha enquanto ele gentilmente tirava o cabelo do meu ombro.

“Eu devo estar enganada...” eu disse, olhando para longe do seu olhar, querendo correr, mas não sendo capaz de me mexer.

“Sério?” ele sussurrou. “Ele vez você sentir como seu o seu fôlego fosse seu,” ele disse, me circulando, suas palavras pousando na parte de trás do meu pescoço.

“Eu não sei do que você está falando,” eu menti meu coração batendo forte no meu peito.

“Que a sua pele e a dele são uma,” ele disse, e os seus lábios acariciaram gentilmente a base do meu pescoço.

Eu mal podia falar, meu coração estava disparado, o mapa amassando sobre a minha bota. Ele andou para a minha frente, seus olhos perfurando os meus, e gentilmente tocou o meu colar de ônix.

Ele se inclinou em minha direção e beijou o topo do meu colo. Ele sussurrou, “Que você está a apenas um beijo de juntar-se a ele pela eternidade.”

Eu mal podia respirar. Meu coração acelerava enquanto ele me segurava.

“Sai de perto!” eu choraminguei, colocando meus braços entre nós e empurrando ele para longe.

Um mapa rasgou sob a minha bota. Jagger tentou me perfurar com o seu olhar, mas eu encarava os meus pés. Era um mapa de Hipsterville. Os cemitérios estavam destacados em amarelo, vários riscados com um marca-texto preto.

Então eu notei a alguns metros longe, também no chão, os outros mapas – cidades vizinhas de Hipsterville e Dullsville. Cemitérios estavam destacados e marcados em preto.

Eu olhei para Jagger enquanto ele tentava prender seus olhos azuis e verdes com os meus. Ele gentilmente pegou minha mão como ele havia feito no Clube do Caixão.

“Nós podemos achá-lo juntos,” eu lembrei dele dizer. Então eu lembrei o bilhete que eu havia achado no quarto do Alexander – “ELE ESTÁ VINDO!”

Eu me afastei do Jagger e alcancei dentro da minha bolsa. Valia a intenção. Meus dedos tremiam enquanto eu tentava abrir o pote de alho.

A sucção do pote era como super bonder. Eu lutei com a tampa quando Jagger andou em minha direção.

Eu corri pela porta e pelo corredor. Eu apertei o botão do elevador e olhei para trás. Jagger passou pela porta e começou a correr corredor abaixo, atrás de mim. Eu podia ouvir o elevador rangendo sobre mim, mas não estava em lugar nenhum visível. Eu olhei para cima. O número “3” acendeu; “2” acendeu; “G” acendeu.

“Depressa, depressa!” eu murmurei, apertando o botão repetidamente.

Eu podia ouvir Jagger se aproximando. De repente o “B” acendeu e o elevador parou na minha frente. Eu puxei a porta frágil e pulei para dentro. Eu usei toda a minha força para fechar a porta enquanto um furioso Jagger aparecia na frente do elevador.

Eu me afastei, longe da porta, e seu olhar me pegou. Ele foi em direção a porta, se tocando que eu não havia apertado um botão ainda. Eu rapidamente apertei meu dedo contra o botão “G”.

Conforme o elevador começava a subir, eu me inclinei em direção à parede, longe dele. “Eu espero que você ache ele,” eu ouvi Jagger chamar. “Antes de mim.”

“O que você está fazendo aqui?” Tia Libby perguntou quando ela me achou espreitando

embaixo das cortinas no seu camarim depois do fim do show. “Eu liguei para você no intervalo, mas você não atendeu.”

“Eu devia estar no banho,” eu falei rapidamente. “Mas eu queria ver você.”

“Você queria? Oh, isso é tão fofo!” ela disse, limpando a maquiagem.

“Eu estou adorando ficar aqui. Mas eu tenho que te contar uma coisa.”

“Sim?”

“Eu tenho que ir para casa amanhã.”

“Tão cedo?” ela perguntou, abaixando a sua esponjinha de maquiagem.

“Eu sei,” eu choraminguei. “Eu não quero ir, mas eu ainda tenho toneladas de lição para fazer.”

“Quando eu estava na escola, férias de primavera eram exatamente isso – férias.”

“E eu tenho que sair cedo – antes do por do sol.”

“Ainda com medo dos vampiros?” ela provocou.

A verdade era que eu não sabia – Eu não sabia quem ou o que Jagger era. A única coisa que eu tinha certeza era que ele estava seguindo Alexander.

Há alguns momentos atrás eu tinha escapado do covil do Jagger. Se eu tentasse achar o motivo da busca dele eu poderia acabar me colocando – e mais importante, o Alexander – em perigo.

Agora que Jagger estava me seguindo – do lado de fora do teatro ontem e esperando por mim no beco hoje – eu sabia que se eu voltasse para a mansão ou qualquer lugar que eu pensasse poder achar Alexander, eu guiaria Jagger para ele. Mesmo que partisse meu coração, eu não tinha escolha. Eu tinha que sair de Hipsterville.

Capítulo 09 – O Ponto de Ônibus (Bus Stop Blues) ^[22]

[22] De novo, o título eu acho que é alguma gíria, mas eu não faço a mínima idéia do que seja, e não sei se vai influenciar no texto de qualquer forma.

Tia Libby e eu sentamos juntas em um banco de madeira do lado de fora da rodoviária esperando dar 8 horas para embarcar. Havia apenas um ônibus por dia para sair de Hipsterville, e ele partia bem na hora que o sol se punha.

Eu queria muito voltar para Dullsville e quem sabe ver o Alexander, mas eu estava triste de

deixar Tia Libby. Eu gostei de visitar ele e eu realmente a admirava. Ela tinha seguido seu sonho de ser uma atriz e no processo vivia independentemente, com um estilo, gosto e visão da vida, próprios. Ela me via como única e especial, ao invés de bizarra. E mais importante, ela me tratava como se eu fosse normal.

Eu também sentiria falta da excitação de Hipsterville, sabendo que tinha um lugar como o Clube do Caixão para góticos saírem e dançarem, e a Hot Gothics – uma loja onde eu podia comprar roupas góticas, jóias de estacas^[23], e tatuagens.

[23] não é bem estacas, é na verdade spikes

Libby colocou seu braço ao meu redor e eu inclinei minha cabeça no seu ombro quando o ônibus chegou.

“Eu vou sentir muito a sua falta, Tia Libby,” eu disse, abraçando ela com toda a minha força antes de entrar no ônibus.

Conforme eu andava pelo corredor, eu abri meu espelhinho compacto para checar os outros passageiros. Depois que todos refletiram de volta, até mesmo um casal gótico que estava se abraçando no fundo, eu escolhi um assento do lado da janela. Tia Libby acenou para mim enquanto esperávamos o ônibus sair. Eu podia ver nos olhos dela que ela sentiria tanto a minha falta quanto eu dela. Ela continuou acenando quando o ônibus começou a partir. Mas logo que a estação estava fora da minha vista, eu respirei em alívio. O nefasto, misterioso, perseguidor, chocante-gótico Jagger agora estava atrás de mim. Esperançosamente um novo plano para contatar meu maravilhoso Príncipe Gótico Alexander estava diante de mim.

A viagem de ônibus de volta para Dullsville foi dolorosamente longa. Eu liguei para Becky do meu celular, mas ela estava no cinema com Matt. Eu fiz anotações sobre meu encontro com Jagger no meu diário da Olívia Outcast, mas escrever me fez ficar enjoada por causa do movimento. Eu imaginei porque Jagger estava procurando pelo Alexander – talvez fosse uma batalha entre duas famílias sobre a Mansão da baronesa – mas isso só me fez ficar mais preocupada com meu namorado. Eu sonhava em reencontrar o Alexander, mas eu não podia deixar de pensar sobre os mapas de Jagger no chão.

Pareceu uma eternidade até que o ônibus finalmente chegou em Dullsville. Eu até mesmo esperava contra a minha esperança de que Alexander magicamente estaria esperando por mim, mas ao invés, eu fui recebida pela minha mãe, pai, Billy Boy, e o amigo nerd dele, Henry.

“Você já está saindo?” Meu pai perguntou depois que nós chegamos em casa e eu deixei minha mala no meu quarto. “Nós queremos ouvir mais sobre a sua viagem.”

Eu não tinha tempo para as perguntas bem intencionadas dos meus pais. “Como estava Tia Libby? O que você achou da performance dela em *Drácula*? Você gostou de comer sanduíche de tofu?”

Eu queria ir para o lugar aonde eu pensava melhor.

“Eu tenho que ver Alexander!” eu disse, fechando a porta da frente atrás de mim.

Eu corri para a Mansão e achei o portão ligeiramente entreaberto. Sem fôlego, eu me apressei pelo longo e sinuoso caminho da garagem e notei alguma coisa peculiar – a porta da frente também estava ligeiramente aberta.

Talvez ele tivesse me visto da janela do sótão da mansão e me seguiu de volta para Dullsville.

“Alexander?” Eu chamei enquanto entrava.

O hall de entrada, a sala de estar e a de jantar estavam como eu as havia visto da última vez, cobertas e sem pinturas.

“Alexander?” eu chamei, subindo a grande escadaria. Meu coração batia forte a cada passo.

Eu me movimemente rapidamente pelo segundo andar e pela escada do sótão do Alexander.

Eu alcancei o seu quarto. Eu mal podia respirar. Eu bati na porta gentilmente. “Alexander, sou eu, Raven.”

Ninguém respondeu.

Eu virei a maçaneta e abri a porta. Este quarto também parecia-se exatamente como eu havia visto pela última vez, vazio, exceto pelos itens remanescentes. Mas na sua cama desarrumada tinha uma mochila. *Ele tinha voltado.*

Eu peguei a mochila rústica preta e abracei. Eu sabia que seria rude olhar dentro, especialmente se Alexander de repente aparecesse no quarto. Mas eu não pude evitar.

Eu sentei na capa e comecei a abrir o zíper quando eu ouvi um barulho vindo do jardim de trás.

Eu olhei para fora da sua janela do sótão e vi uma vela tremeluzindo no gazebo^[24]. Um morcego estava pairando sobre o telhado.

[24] <http://tinyurl.com/5f2twv>

Eu saí correndo do quarto dele, descendo as escadas do sótão, pelo segundo andar e pela

escadaria-que-nunca-terminava.

Eu voei pela porta da frente e corri para o jardim de trás.

“Alexander!” Eu chamei e corri para o gazebo escurecido, mal conseguindo identificar suas feições nas sombras.

Então a vela tremeluziu. Eu vi os seus olhos primeiro. Um verde e um azul, antes que ele pisasse totalmente a luz da lua.

Eu tentei correr, mas era tarde demais. O olhar de Jagger já tinha começado a me deixar tonta.

Capítulo 10 – O Pacto (The Covenant)

Eu acordei deitada de costas na grama molhada, com gotas de chuva beijando meu rosto como a Bela Adormecida. O céu prateado segurava uma lua brilhante. Uma árvore com raízes de aranha estava próxima de mim, seus galhos brancos e nus me alcançando como dedos-de-bruxa.

Eu sentei, minha cabeça doendo. Então eu vi. Uma lápide. Então outra. Não uma, mas centenas. Eu vi o monumento da baronesa. Eu estava no cemitério de Dullsville.

Conforme eu levantei, eu me senti um pouco tonta. Eu recuperei meu equilíbrio segurando em uma lápide. Eu costumava buscar conforto entre as lápides, mas porque eu não tinha certeza de como eu cheguei aqui, eu estava ansiosa para ir, antes de acabar em baixo de uma delas.

Jagger, usando calças cargo pretas, com costuras vermelhas e uma camiseta branca enfeitada com as palavras THE PUNISHER (O Justiceiro), estava de pé na minha frente.

“Como você chegou aqui? Você seguiu o meu ônibus?” eu perguntei confusa.

“Tudo estará acabado em apenas alguns minutos.”

“O que – minha vida? Esqueça. Eu tô for a daqui!”

“Não tão rápido.”

Jagger pegou minha mão e começou a me guiar em direção ao meio do cemitério. Eu tentei me afastar dele, mas seu aperto era muito forte e minha força tinha sido debilitada por quaisquer meios que ele usou para me trazer aqui.

Eu tinha entrado escondida no cemitério de Dullsville muitas vezes, e invariavelmente Velho Jim, o coveiro, e Luke, seu cão dinamarquês, me perseguiam. Eles pareciam estar em lugar nenhum, agora quando minha vida dependia deles.

“Eu achei que você estava procurando pelo Alexander,” eu disse, mas Jagger me ignorou e continuou me puxando em direção aos monumentos e tumbas. Nós paramos em frente a um caixão fechado deitado em um assento de cimento. Eu podia ouvir uma música estranha, uma mistura de choros de violino fundamentado por uma espineta^[25], vindo de uma das tumbas. No caixão, um candelabro tremeluzia com as gotas da chuva, pingos de cera caindo no seu espinho de metal (pewter spine). Uma taça medieval sentada ao lado.

[25] <http://tinyurl.com/6qyn4o>

Parecia uma cena de um casamento gótico.

“O que é isso?” eu pedi, a neblina da minha mente implorando para ser dissipada.

“Uma cerimônia de pacto.”

“Mas onde estão os convidados? Eu não trouxe um presente,” eu disse vertiginosa da minha tontura.

“A noiva não precisa.”

“Noiva? Mas eu nem me registrei^[26] ainda!”

[26] no original tava register, que também pode ser considerado menstruação também. eu realmente não sabia o que por, pelo que ela falou depois "Jagger não sorriu" eu suponho que seja menstruação e ela tentou fazer uma piadinha.

Jagger não sorriu. Ao invés ele re-acendeu uma vela.

A alguns metros dali, eu vi uma pá ao lado de uma cova vazia, brilhando na luz da lua. Eu andei para trás, devagar, aproximando meu caminho da pá, até que o instrumento do coveiro estivesse deitado próximo ao meu pé.

Meu coração estava batendo tão forte que eu temia que Jagger pudesse ouvi-lo. Eu respirei fundo. Enquanto ele centralizava o candelabro no caixão, eu me abaixei e tentei alcançar a alça. Mas tão cedo quanto eu peguei, a bota do Jagger fixou a pá na terra. Ele ficou de pé na minha frente enquanto eu tentava, em vão, tentar tirar do chão. No meio da luta, a pá brilhante e nova tremeu, e pedaços de terra caíram da cabeça de metal. Eu vi a mim mesma na curva da pá, de ponta-cabeça, como um reflexo de colher.

Entretanto eu não vi a reflexão de Jagger logo atrás de mim. Eu olhei para ele. Ele sorriu um sorriso maquiavélico. Eu rapidamente limpei a pá com a minha manga e virei de lado, olhando para sua superfície metálica. Tudo que eu podia ver eram as estrelas sobre ele, mas

a sua bota permanecia no cabelo atrás de mim.

Eu engasguei.

“Algo faltando?” ele provocou.

Eu levantei rapidamente e dei alguns passos para trás. “Você...” eu comecei, sem fôlego.

Eu tentei correr, mas Jagger se inclinou na minha direção e pegou o meu braço. Ele mostrou suas presas e lambeu seus lábios.

Minha realidade girou, fora do controle. Eu estava frente a frente com um vampiro de verdade. Um que não era o Alexander. Jagger era o tipo que eu li sobre e vi nos filmes – o tipo que quer me tirar da minha família, amigos, e pegar o meu sangue como o dele próprio. Eu vi minha vida prometida a um estranho por toda a eternidade. Os sonhos radicais que eu desejei como uma gótica curiosa estavam prestes a se realizar.

Mas não era um o meu sonho. Eu sonhei com amor eterno, pertencer e encaixar-se em algum lugar. Não perigo, enganações e maldade. Dullsville não tinha era tão dull depois que Alexander veio para a cidade. Depois de conhecê-lo, eu me toquei que tudo que eu queria era ser uma das vivas – experiências cinéfilas, shows de metal, e amor – e não ser uma semi-morta. Eu queria dormir nos braços do Alexander, não sozinha em um caixão. Eu queria me transformar em uma beleza gótica, não um morcego assustador. E mais importante, se eu tivesse a escolha de ser transformada, eu seria apenas pelo Alexander. “Meus pais estão me esperando em casa. Eles vão mandar um time da SWAT a qualquer minuto.”

Ele segurou minha mão com uma força que eu nunca tinha sentido antes. Eu olhei para os lados procurando qualquer coisas que ajudasse na minha fuga.

Jagger me guiou para frente do caixão. Ele pegou a taça e ergueu em direção a lua, falou algumas palavras em uma linguagem que eu não entendi e então tomou um longo gole.

“Agora você,” ele disse com um sorriso maquiavélico, me oferecendo a taça.

“Esqueça!” eu disse, empurrando a taça para longe com a minha mão livre.

“Mas não é o que você queria esse tempo todo? Porque mais você seguiria Alexander?” ele perguntou.

“Porque eu amo ele!” eu disse, tentando me libertar. “E eu nunca vou amar você!”

“Mas você não precisa,” ele falou e forçou a taça na minha boca.

Gotas de um líquido doce e grosso respingaram contra os meus lábios.

Eu cuspi o líquido da minha boca.

“Eu nunca vou ser como você, quem quer ou o que quer que você seja!”

O rosto de Jagger ficou estranho, como se as minhas palavras tivessem sido uma estaca de prata no seu coração.

“E eu digo que você vai!” Seus olhos verdes e azuis prenderam nos meus como se ele estivesse tentando jogar um feitiço. “Com esse beijo, eu te tomo por toda a eternidade.”

Jagger mostrou um sorriso e suas presas brancas brilharam a luz da lua. Ele se inclinou em minha direção.

“Eu mordo de volta!” eu gritei defensivamente, cerrando meus dentes.

De repente um raio iluminou o céu e todo o cemitério.

Eu enterrei meus dentes no braço de Jagger tão forte quanto eu podia e enfiei minhas unhas na sua mão ossuda. Ele rapidamente afrouxou seu aperto mortal. Eu virei para correr, mas eu bati forte em alguma coisa – ou melhor, alguém.

“Velho Jim?” eu choraminguei, confusa.

Mas quando eu olhei para cima e encarei dois olhos cor de meia noite, eu me toquei que não era no coveiro que eu bati.

Ao invés, parado na minha frente estava o meu Cara Gótico, como um Cavaleiro da Noite. Seu cabelo escuro, na altura do ombro estava pendurado em seu rosto. Sua pele branca como a luz da lua estava coberta por uma camiseta preta e calça jeans. O anel de aranha de plástico que eu dei para ele estava no seu dedo. Seus olhos eram profundos, solitários, inteligentes, exatamente como da primeira vez que eu vi eles.

“Alexander!” eu exclamei, e caí nos seus braços.

“Exatamente como eu pensei!” Jagger proclamou como se tivesse ganhado um concurso.

“Eu sabia que ela traria você para mim!”

Alexander me abraçou forte, como se ele nunca fosse me soltar. Então ele me empurrou.

“Você deve ir,” ele comandou.

“Você está louco? Eu não posso deixar você!” eu segurei sua mão com força. “Eu pensei que nunca veria você de novo!”

Ele encarou os meus olhos e me avisou. “Você tem que ir.”

“Mas eu...”

“Você não deveria tê-la colocado no meio disso!” Alexander falou para Jagger com uma

fúria que eu nunca tinha visto antes.

“Ela *me* achou. Além do mais, eu estou surpreso que você vai deixá-la ir tão cedo, depois que ela foi até o Clube do Caixão para achar você...”

“Deixe Raven fora disso!” Alexander exclamou.

“Eu não poderia ter planejado minha vingança melhor que isso. Eu poderia destruir você e ganhar uma parceira eterna com apenas uma mordida.”

“Você não ousaria --.” Alexander avisou.

“Eu sabia que ela traria você para mim, Sterling. Você acha que não é um de nós, mas a verdade é que você é,” Jagger argumentou.

“Do que ele está falando?” eu pedi.

“Agora não,” Alexander respondeu.

“Por que você acha que o Sterling saiu da Romênia?” Jagger me perguntou. “Você acha que foi um acidente que ele veio parar em uma pequena cidade na Améria onde não havia nenhum vampiro.”

Eu realmente não sabia, no fim das contas.

“Mas eu achei você, Sterling,” Jagger falou orgulhoso. “E eu achei a RAven.”

“Ela não tem nada a ver com isso,” Alexander disse, entrando no meio de Jagger e eu.

“Eu não tenho nada a ver com o que?” eu pedi curiosa.

“Não se preocupe Raven ele quebra promessas o tempo todo. Certo Sterling?” Jagger falou. Alexander fechou o seu punho.

“Que promessa? Por que vingança? O que ele quer dizer?” Eu pedi, confusa, imaginando que tipo de acordo Alexander tinha feito que não havia conseguido manter.

“Bom, eu não vou deixá-la! Eu vou tê-la por toda a eternidade!” Jagger proclamou.

Ele mostrou seus dentes com um rugido maldoso e inclinou-se para afundar suas presas no meu pescoço.

Capítulo 11 – A Temerosa Despedida (Frightening Farewell)

Eu me achei deitada na grama molhada de novo. Pingos de chuva no meu rosto. Eu passei a mão pelo meu pescoço ansiosamente, procurando feridas.

Alexander se inclinou sobre mim, seus olhos repletos de preocupação.

“Você está bem?” ele perguntou cheio de sofrimento. “Você estava no caminho.”

“Eu sou uma...?” eu não queria nem mesmo terminar o meu pensamento.

Ele balançou a cabeça e me ajudou a levantar. “Você tem que ir!” ele comandou de novo.

“Você não devia estar aqui – você está em perigo.”

Eu virei e procurei por Jagger. Mas tudo que eu vi eram lápides.

“Mas eu posso nunca mais ver você,” eu implorei.

“Você tem que ir agora,” ele persistiu.

Alexander estava quebrando meu coração de novo. Se eu fosse, poderia ser pela última vez. Como eu podia ter certeza que Jagger não machucaria ele? Alexander poderia desaparecer na noite para sempre. Mas se eu não ouvisse as instruções dele, eu poderia realmente estar colocando Alexander em perigo, ficando no caminho dele.

Eu vi Jagger tropeçando, perto do monumento da baronesa, e limpando sua boca. Seus olhos verdes e azuis tinham virado vermelho. Seus músculos finos estavam tensos. Ele sorriu maldosamente para mim e lambeu seus lábios como um animal violento pronto para rasgar sua presa.

Eu nem tive tempo para beijar meu Companheiro gótico adeus. Eu corri sem nem olhar para trás, lágrimas e chuva pingando no meu rosto, a lama do cemitério respingando nas minhas botas, meu coração pulsando. Um raio bateu nas árvores e pareceu ecoar nas lápides.

Eu corri para a entrada do cemitério e pulei a cerca.

Quando eu virei, Jagger e Alexander não estavam mais lá.

Capítulo 12 – Encontro Arriscado (Risky Reunion)

Eu chorava enquanto corria o mais rápido que podia do cemitério. Eu mal podia ver o calçamento através dos meus olhos molhados. Eu fui em direção ao centro de Dullsville no meio da chuva e os motoristas nos seus Saabs, Mercedes e Jeeps olhavam estranho para a visão de uma menina gótica molhada e miserável.

Eu corri pela rua principal e bati em compradores de guarda-chuvas, em casais saindo do cinema e passei por fregueses, que escapavam da chuva nos restaurantes. A cada batida de assa de um passarinho ou o som de uma buzina eu me assustava, pensando ser Jagger me seguindo. Eu apressei a corrida.

Eu não queria ir para casa. Eu queria ficar sozinha, longe da minha família. Eu não queria falar com ninguém, nem mesmo Becky iria entender essa experiência. Eu tinha que me esconder e procurar conforto no único lugar eu sempre me senti em casa.

Eu me apressei pelos portões abertos da Mansão, minhas pernas dormentes e meu pé latejando dentro das minhas botas. Eu corri pelo sinuoso caminho da garagem e dei a volta na Mansão. Eu olhei para o gazebo para ver se algum olho de duas cores estavam me encarando. Quando eu achei o gazebo vazio, eu escalei através da janela aberta do porão e fiz meu caminho em direção a Mansão deserta. Minhas lágrimas caíam no chão rangente de madeira abaixo das minhas botas barulhentas pela água. Eu sequei meus olhos enquanto eu subia pela grande escadaria e ia para o quarto do sótão do Alexander.

Eu toquei o cavalete vazio. Olhei para sua cama, ainda desarrumada de quando ele dormiu, três dias atrás. Eu seguirei seu suéter de lã, que ele esqueceu, na sua cadeira acolchoada e velha.

Eu andei até a janela e olhei para o luar solitário. A chuva pesada tinha cessado. Eu me sentia exausta, abandonada, como um fracasso completo. Se eu tivesse ficado em Dullsville, Alexander teria voltado por mim.

Mas a minha impaciência tinha posto a mim e o Alexander em perigo. Ele tinha se escondido em segurança em Dullsville da sede de vingança do Jagger e eu aponteí o seu maior inimigo em sua direção. Tão esperta quanto eu me considerava eu tinha sido apenas um fantoche no jogo maquiavélico de Jagger.

Eu ouvi o ranger do assoalho atrás de mim. Eu rapidamente me virei, mas eu mal podia identificar a figura escura parada na porta.

“Jagger..” eu disse com a voz embargada.

O assoalho rangeu de novo conforme a figura deu um passo em minha direção.

“Vá embora!” eu gritei, indo para trás. Eu não tinha nenhum lugar para ir. A figura estava bloqueando a porta e minha única esperança era o peitoril da janela.

Eu andei para trás, ansiosa sobre fazer uma escapada perigosa.

“Eu vou chamar a polícia!” eu avisei.

A figura veio mais perto. Eu decidi que eu teria que correr ao redor dele. Eu respirei fundo e contei em pensamento. Um. Dois. Três.

Eu rapidamente dei a volta na figura e eu estava perto de escapar através da porta quando a

figura pegou meu pulso.

“Me solta!” eu choraminguei, tentando lutar para me soltar. Mas quando o luar atingiu sua mão, um anel de aranha de plástico brilhou de volta para mim.

Eu engaguei, cessando a minha luta. “Alexander?”

Ele pisou completamente na luz.

E lá estava ele, como um sonho, a minha frente. Ele tinha voltado. Lindo e agora cansado.

“Eu pensei que nunca veria você de novo!” eu exclamei. Meu corpo, tenso de medo, derreteu no dele quando eu joguei meus braços ao redor dele. Ele me abraçou de volta, tão forte que eu podia quase sentir o seu coração bater através do meu próprio peito.

“Eu não vou deixar você ir,” eu disse, abraçando mais forte e sorrindo. “Nunca!”

“Eu não devia...,” ele começou, gentilmente.

Eu olhei para cima como se eu estivesse vendo uma aparição. “Eu não acredito que você está aqui!”

Ele pegou minhas mãos e levou elas para a sua boca, beijando a parte de trás delas com seus lábios cheios, mandando arrepios pelas minhas veias. Ele olhou para os meus olhos e sorriu.

Então ele fez o que eu tinha esperado tanto para ele fazer. Ele me beijou. Seus lábios cheios pressionados carinhosamente contra os meus, devagar, macios, sedutores. Era como se tivéssemos nos separados por uma eternidade.

Nós continuamos a nos beijar, apaixonadamente, movendo da boca para as bochechas, para as orelhas como se estivéssemos bebendo na pele um do outro. Ele gentilmente acariciou meu cabelo e mordeu minha orelha. Eu ri enquanto ele sentava na cadeira acolchoada e me puxava para o colo dele. Eu olhei nos seus olhos, imaginando como eu podia ter respirado nos últimos dias sem tê-lo ao meu lado.

Eu passei meus dedos através do seu cabelo bagunçado.

Ele tirou o cabelo do meu pescoço e fez seu caminho até o meu ombro com beijos sexy. Eu podia sentir seus dentes, sedutoramente deslizando na pele do meu pescoço. Tocando, brincando, me dando arrepios, mordiscando. A base do meu pescoço estava carinhosamente na sua boca.

De repente Alexander se afastou, um olhar de terror nos seus olhos.

“Eu não posso,” ele falou envergonhado, olhando para longe.

“O que há de errado?” eu perguntei, surpresa pela mudança no seu humor.

Alexander levantou-se, ajudando-me a fazer o mesmo. Ele ansiosamente passou a sua mão pelo seu cabelo e marchou no quarto.

“Está tudo bem,” eu disse, alcançando ele no cavalete.

“Eu pensei que não era igual ao Jagger,” ele disse e sentou na ponta da sua cama. “Mas... talvez eu seja.”

“Você não é nada parecido com ele,” eu disse. “Na verdade, você é o oposto.”

“Eu quero que você fique segura. Sempre,” ele disse, olhando para mim emocionado.

“Eu estou, agora que você está aqui,” eu disse, pegando na sua mão.

“Mas você não vê?” ele disse sério. “Meu mundo não é seguro.”

“Bom, nem o meu. Você não assiste o noticiário.”

Seu rosto chateado tornou-se brilhante e ele riu.

“Eu acho que você está certa.”

“Viu? Eu estou mais em perigo indo para a escola com Trevor do que beijando um vampiro.”

“Eu nunca conheci ninguém como você,” ele disse, virando-se para mim. “E eu nunca me senti desse jeito sobre ninguém mais.”

“Eu estou tão feliz que você voltou.” Eu abracei ele ao redor da sua cintura.

“Isso não vai acontecer de novo,” ele me assegurou.

“Como você pode ter certeza? Jagger parecia determinado em acertar as contas com você,” eu pedi sentando ao seu lado.

“Porque ele não pode acertar as contas.”

“Uau, então você mostrou a ele quem manda? Como em uma briga no pátio do colégio?”

“Eu acho... Só que no nosso caso foi uma briga no pátio do cemitério.”

“Ele foi embora?”

“A família dele está na Romênia. Não há de aparecer ele aqui agora. Ele pode voltar e contar a eles que ele me achou.”

Ele passou seus dedos no meu colar.

“Que promessa você quebrou?”

“Eu não quebrei. Eu nunca fiz... Mas nós não temos que nos preocupar com isso mais,” ele disse desgastado.

“Pra que eram todas aquelas velas no cemitério?” eu pedi.

“Um vampiro pode transformar qualquer um a qualquer hora. Mas se ele transforma no cemitério, ou em algum outro solo sagrado, então ela é dele por toda a eternidade.”

“Então eu estou feliz que você apareceu!” eu apertei Alexander com toda a minha força.

“Eu sinto muito ter guiado Jagger até você,” eu confessei.

“Eu quem devia estar se desculpando. Eu não podia imaginar que você iria atrás de mim,” ele disse, encarando o luar. Aí ele olhou de volta para mim. “Mas eu devia ter adivinhado. É isso que eu amo sobre você.”

“Agora me conte tudo!” eu exclamei de repente. “Como é ser um...?”

“Como é ser humano?” ele interrompeu.

“Chato.”

“Como você pode dizer isso?” ele me pediu, me segurando mais perto. “Você pode acordar de dia, ir a escola e ver seu reflexo.”

“Mas eu quero ser como você.”

“Você já é,” ele disse com um sorriso.

“Você nasceu vampiro?”

“Sim. Você nasceu humana?” ele provocou.

“Sim. Há milhões de vampiros no mundo?”

Ele acenou com a cabeça. “Mas nós somos minoria, então nós gostamos de ficar juntos. Obviamente há segurança em números. Nós não podemos revelar nossas identidades ou seríamos perseguidos.”

“Deve ser difícil esconder quem você realmente é.”

“É muito solitário, não se encaixar. Como se você fosse convidado para uma festa a fantasia, mas você é o único usando uma máscara.”

“Você tem muitos amigos na Romênia? Aposto que você sente falta deles.”

“Meu pai procura arte para a sua galeria em vários países. Então nós viajamos bastante. A altura que eu fazia um amigo era hora de partir.”

“E quanto a humanos, como eu?” eu perguntei, me enroscando nele.

“Não há ninguém como você, vampiro ou não,” ele disse com um sorriso acolhedor. “É difícil fazer amigos humanos quando você não vai a escola, e é ainda mais difícil mantê-los quando eles estão jantando e você está acordando.”

“Seus pais estão chateados que você tem uma namorada humana?”

“Não. Se eles conhecerem você eles iriam se apaixonar imediatamente por você, exatamente como eu,” ele disse e acariciou meu cabelo.

“Eu adoraria viajar e viver durante a noite e dormir durante o dia. Seu mundo parece tão romântico. Juntar-se a alguém pela eternidade... Voar juntos na noite. Sede de nada a não ser de um pelo outro.

“Eu me sinto desse jeito sobre o seu mundo.”

“O jardim do vizinho é sempre mais verde, eu acho. Ou no nosso caso, mais preto.”

“Quando eu estou com você,” ele começou, “Eu não ligo em que mundo estamos, desde que estamos no mesmo juntos.

Capítulo 13 - A Promessa (The Promise)

"Acorda" Alexander gentilmente sussurrou em meu ouvido.

Eu abri os olhos para perceber que eu tinha capotado no sofá na sua sala de TV enquanto ele fazia cafuné. *Kissing Coffins* estava passando na sua grande tv plana.

Jenny havia entrado desdeperadamente no escritório do Professor Livingston na universidade.

"Eu sabia que o encontraria aqui!" ela exclamou, encontrando Vladimir sentado em sua mesa, sua cabeça enterrado em um compêndio.

"Você não deveria ter vindo," ele a preveniu, sem levantar os olhos, "à minha casa ou ao meu gabinete de trabalho. Você se colocou em perigo."

À distância, ouvia-se um uivo assustador.

"Por que você me deixou cair no sono?" eu perguntei a Alexander, tirando minha cabeça de seu ombro. "Você jogou um feitiço em mim?"

"Você sugeriu que assistíssemos a isso," ele replicou. "Mas você apagou assim que apertei 'Play'. Além do mais, está tarde e você passou por muitas coisas."

"Tarde?" eu perguntei, esticando meus braços. "Para você é o meio do dia."

Jenny olhou pela janela. "Eles estão vindo, por mim," ela confessou nervosamente a Vladimir. "Eles querem que eu seja...uma de vocês."

Vladimir, metodiacamente, virou a página de seu livro. Ele não olhou para cima. Outro

uivo assustador foi escutado à distância.

"Eu te acompanho até em casa," Alexander ofereceu enquanto ficávamos de pé.

Gentilmente ele me entregou a sua jaqueta preta de couro.

"Mas eu quero ficar aqui," eu choraminguei.

"Você não pode. Seus pais vão ficar preocupados."

"Eu digo a ele que estou de babá."

"Para um de dezessete anos?"

Ele colocou o casaco nos meus ombros.

"É melhor você ir - " Jenny começou, olhando da janela do gabinete para a escuridão do nevoeiro. "Foi besteira minha ter vindo."

"Você vai ficar sozinho aqui na mansão," eu disse a Alexander, enquanto ajustava meu vestido amassado.

"Estou bem. Além do mais, eu mandei buscar o Jameson."

"Devadar do jeito que ele dirige? Ele vai demorar séculos para chegar aqui. Eu vou ficar até que ele chegue," eu disse, me sentando de novo.

"Espere!" Vladimir chamou, sua cabeça ainda focada no livro.

Jenny parou na porta. O professor levantou e andou lentamente até ela. "Desde que te conheci, eu não tenho sido eu mesmo," Vladimir confessou.

O uivo continuou.

"Vamos, garota," Alexander disse, me cutucando.

"Eu tinha medo de nunca mais ver você de novo," Jenny disse. "Se eu sair daqui sem você, eu posso não ser capaz de achá-lo novamente."

Eu encarei Jenny como se ela tivesse acabado de proclamar o meu próprio medo.

"Mas e se eu não vir você de novo?" Eu pedi a Alexander, puxando ele para perto.

"Amanhã depois do por do sol é cedo o suficiente?"

"Eu não posso ir," eu falei para Alexander. "Eu pensei que veria você depois da festa de Boas-Vindas. E na outra noite você tinha ido."

"Eu fui para te proteger, não para te machucar," ele respondeu em um tom sério, sentando-se próximo de mim.

"Me proteger do que?"

"Do Jagger. De mim. Do meu mundo."

“Mas você não precisa me proteger.”

“Meu mundo não é cheio de romance, como você pensa. Há perigo.”

“Há riscos em qualquer lugar. Não é exclusive dos vampiros. Você só precisa ser cuidadoso.”

“Mas eu não quero que você fique em perigo em qualquer mundo.”

“Eu não ficarei se estivermos juntos,” eu discuti.

“Eu não quero que você pense que você precisa mudar quem você é para estar comigo,” ele falou seriamente.

“Eu sei disso,” eu assegurei ele.

“Ou pedir que você mude.”

“É por isso que você saiu de Dullsville,” eu percebi em voz alta. “Você tinha medo que eu iria querer me tornar uma vampira.”

“Sim. Mas há um perigo maior eminente. Um vampiro com cabelos brancos.”

“Jagger.”

Ele confirmou com a cabeça.

“Então porque você foi para Hipsterville?”

“Hipsterville?” ele pediu, confuso.

“É como eu chamo,” eu confessei com um sorriso.

“É claro,” ele falou com um sorriso. “Eu recebi um aviso dos meus pais que Jagger tinha achado um apartamento em ‘Hipsterville’ e estava procurando por cemitérios na vizinhança pelo monumento da minha avó. Uma vez que ele achasse, ele saberia em qual cidade eu estava vivendo em.”

“Era isso que aquele bilhete significava,” eu lembrei. “Um aviso que Jagger estava vindo para te achar. Por vingança.”

“Que bilhete?” ele perguntou, confuso.

“No seu quarto,” eu confessei.

“Você veio à Mansão depois que eu parti?”

Eu sorri um sorriso amarelo.

“Eu deveria saber,” ele disse e sorriu de volta. Então o seu tom brincalhão transformou-se em um sério. “Mas mais importante que me achar, ele achou você.”

“Bom, de fato, mas foi minha culpa.”

“Eu ia encontrá-lo no caminho antes de ele chegar a Dullsville – confrontá-lo antes que ele me confrontasse. Jamesson e eu achamos uma mansão abandonada para que pudéssemos nos esconder enquanto eu faia um plano. Mas eu não planejei uma coisa.”

“Que eu seguiria você?”

“Eu vi uma garota linda escalando a árvore do jardim.”

“Era você na janela do sótão?”

“Sim.”

“Então por que você não...”

“Eu mantive um olho em você. Eu tinha que, não?”

“Então, porque Jagger está atrás de você?”

Um uivo agudo veio da tela, distraindo Alexander da minha pergunta.

“Nós precisamos te levar ao cemitério – para o solo sagrado,” Vladimir avisou. O lindo professor a guiou através da floresta escura e densa, confusa pela neblina. Vladimir segurou Jenny perto conforme os uivos ficavam mais altos.

Alexander e eu estávamos fixos no filme.

“Como podemos ficar juntos,” Jenny perguntou, “se eu não sou uma vampira?”

De repente a tela da TV ficou preta. Alexander pousou o controle remoto que ele estava segurando na mesinha de café.

Ele levantou e esticou sua mão para mim.

“Como *podemos* ficar juntos?” eu pedi, me levantando.

“Como podemos *não* ficar?” ele me assegurou. Alexander pegou minha mão e eu relutantemente segui ele para fora da Mansão e em direção à minha casa. Eu senti como uma criança na Disney World na hora de fechar o parque.

O ar noturno em Dullsville parecia mais fresco que nunca, o céu escuro límpido, a grama molhada. “Então, por que Jagger estava procurando vingança?” eu pedi.

“É uma longa história,” ele disse com um bocejo.

Alexander parecia satisfeito em esquecer o passado, nossas mãos unidas enquanto andávamos lado a lado. Mas eu não iria descansar até saber.

“Eu tenho a noite toda. E você tem até o nascer do sol.”

“Você está certa,” ele disse enquanto andávamos rua abaixo. “É sobre uma promessa que eu nunca fiz.”

“Uma promessa?” eu perguntei.

“De transformar uma garota por toda a eternidade.”

“Que garota?”

“A irmã-gêmea do Jagger, Luna.”

“Ele tem um uma irmã-gemea?”

Alexander concordou com a cabeça.

“Bom, quem fez a promessa?” eu perguntei.

“Minha família fez o ano que nós três nascemos.”

“Como um casamento arranjado?”

“É mais que um casamento.”

“Então, por que Luna?”

“Quando ela nasceu foi dito que ela não respondia a escuridão, mas parecia florescer na luz. Ela recusava-se a beber qualquer coisa além de leite. Desesperada, a família dela levou ela para um médico secreto que decretou ela como ‘humana’.”

Eu ri. Alexander não parecia achar engraçado.

“Soa estranho para mim, é tudo,” eu disse enquanto viramos a esquina.

“Bom, não era engraçado para os Maxwells. Eles estavam devastados. Luna tinha que viver durante o dia enquanto sua família vivia a noite. Ela nunca nem mesmo foi muito ligada ao Jagger. No tempo do acordo, minha família e a dele eram muito próximas. Estava entendido que quando Luna fizesse dezoito nós nos encontraríamos em uma cerimônia de pacto e nos uniríamos pela eternidade, garantindo a ela um lugar no mundo vampiro.”

“Então o que aconteceu?” Eu pedi, enquanto cortávamos caminho através do bosque Oakley.

“Conforme eu crescia, minha família viajou e nossas famílias se tornaram distantes. Porque eu e Luna vivíamos em mundos diferentes eu nunca nem mesmo conheci ela. Quando veio a hora da cerimônia eu só tinha visto ela algumas poucas vezes. Ela não me conhecia e ela iria ficar comigo para sempre?”

“Bom, você é lindo,” eu disse timidamente. “Então o que você fez?”

“Quando chegou a hora de beijá-la pela eternidade, eu me inclinei e dei um beijo de despedida.”

“Isso deve ter sido difícil para você, sendo um vampiro e tudo,” eu sussurrei.

“Eu estava fazendo isso por nós dois. Claro que os Maxwells não viram dessa forma. Eles sentiram como se eu tivesse menosprezado a Luna, portanto ofendendo sua família inteira. Eles estavam insultados. Meus pais rapidamente arranjaram para eu vir para cá com Jameson e viver na Mansão da minha avó.”

“Uau. Realmente tem que ser forte para seguir seu coração quando você está contra toda a sua comunidade vampira,” eu disse. “E ainda mais difícil ter que ser forçado a deixar a Romênia por essa decisão.”

“Quando eu vi essa beleza de cabelos negros pedindo doces ou travessuras da minha janela do sótão, eu sabia que eu preferia passar toda a eternidade sozinho esperando para vê-la novamente do que passar um dia com alguém que eu não amasse.”

Bem nesse momento chegamos na minha casa. Alexander me deu um longo beijo de boa noite.

“Amanhã, depois do por do sol,” eu lembrei a ele.

“E nem um segundo depois,” ele disse.

Alexander acenou para mim enquanto eu abria a porta da frente. Eu entrei e me virei para acenar.

Ele já tinha desaparecido, exatamente como eu sabia que ele iria.

Capítulo 14 – O Filho Trocado (Changeling)

“Já passou da meia noite,” meu pai avisou enquanto eu passava pé ante pé por ele, que estava assistindo ESPN na sala de estar.

“Pai, eu tenho dezesseis. É fim de semana.”

“Mas esta é...” ele começou inflexível.

“Eu sei, sua casa. E eu sou sua filha e até eu viver por conta própria eu vou seguir as suas regras.”

“Bom, pelo menos você estava prestando atenção.”

“Você tem dito isso para mim desde que eu tinha dois anos.”

“Você tem saído escondida desde que começou a andar.”

“Desculpa, não vai acontecer de novo,” eu disse.

Eu alcancei a ele a sua Soda, que estava na mesinha de café e dei um abraço de boa noite.

“Eu fico feliz que você se divertiu na Tia Libby,” ele falou. “Mas eu também fico feliz que você voltou para casa.”

“Eu também pai, eu também.”

Exausta, eu rolei na cama sem nem mesmo tirar minhas roupas úmidas da chuva. Eu desliguei o meu abajur do *Edward Mãos de Tesoura* e passei a língua pelos meus lábios. O beijo do Alexander ainda permanecia na minha boca. Eu me enrolei com a minha almofada do Mickey Malice (Malícia; Trocadilho com Mickey Mouse), desejando estar abraçando Alexander ao invés. Enquanto eu estava deitada eu me virei e desvirei. Eu mal podia esperar pelo por de sol de amanhã.

Momentos depois eu senti uma presença movendo-se no silêncio. Eu olhei em volta mas todas as sombras eram dos móveis. Eu chequei embaixo da minha caça; nem mesmo um morcego poderia caber entre todas as tranqueiras que eu tinha jogado ali em baixo. Eu abri a porta do meu guarda-roupa, mas as únicas roupas que eu achei estavam nos cabides ou jogadas no chão. Eu andei pé ante pé até a minha janela e puxei a cortinha olhando para o jardim.

“Alexander?”

Eu vi uma figura escura andando para longe da casa, em direção a noite.

“Boa noite meu amor,” eu disse, pressionando a minha mão na janela.

Eu voltei para a cama e adormeci.

Na manhã seguinte eu acordei de solavanco. Os eventos de ontem pareciam um sonho.

Quando eu levantei com minhas roupas duras, eu me toquei que tinha sido real.

“Por que você está usando as roupas de ontem? Minha mãe implicou quando eu entrei na cozinha. “Eles não ensinam higiene na aula de saúde?”

Eu esfreguei meus olhos cansados e tropecei até o banheiro. Eu tirei as minhas roupas do dia anterior e entrei no banho.

Água quente fluiu pela minha pele pálida. O meu esmalte negro parecia brilhar contra a banheira branca e os azulejos que me cercavam.

Eu estava de volta em Dullsville e Alexander estava na sua Mansão. Nós podíamos finalmente viver nossas vidas juntos. Mas meu namorado era um vampiro e seu inimigo mortal tinha vindo para caçá-lo. Eu nunca pensei que Dullsville pudesse ser, bom, tão não

maçante (dull)!

Minha vida toda tinha mudado em apenas alguns dias. Por dezesseis anos eu tinha vivido na mesma existência monótona. Minha maior preocupação tinha sido achar esmalte preto em uma cidade cor de pastel. Agora era enfrentar outro dia ensolarado enquanto Alexander dormia pacificamente na Mansão. Nós não seríamos capazes de sair para andar de bicicleta de tarde, nos encontrar depois da aula ou passar nossos fins de semana saindo juntos. Era difícil imaginar que nunca seríamos capazes de dividir a luz do sol com ele. Eu estava começando a ter dúvidas sobre se eu conseguiria lidar com esse novo mundo.

“Foi ótimo! Eu comprei isso para você,” eu falei e entreguei à Becky um pacote enquanto sentávamos nos balanços do Parque Evans.

Ela abriu o diário da Hello Kitty. “Legal. Obrigada!”

“Eles tem as melhores lojas! E eu fui nesse lugar chamado o Clube do Caixão. Eu conheci esse cara estranho.”

“Sério? Matt e eu só fomos ao cinema.”

“Se eu te contar um segredo, um super-duper segredo colossal, você promete contar para ninguém?”

“Eu posso contar para o Matt?” ela perguntou avidamente.

Matt, Matt, Matt – quem ligava para o Matt quando eu estava louca para contar a ela meu encontro com o Jagger e a verdade sobre o Alexander.

“Por que nós estamos falando sobre o Matt quando eu tenho as maiores novidades do mundo?”

“Bom, você sempre está falando sobre o Alexander,” ela replicou. Sua pele de porcelana estava vermelha. “E eu escuto você todas as vezes. Só porque você foi viajar e tinha coisas emocionantes acontecendo não significa que eu não tinha também.”

Eu estava surpresa pela declaração da Becky. Fazia apenas alguns dias desde que ela e Matt ficaram juntos, mas se ela sentisse por ele metade do que eu sentia por Alexander eu teria que entender a intensidade. Becky sempre foi tão quietinha. Agora que ela tinha seu próprio namorado tinha ficado mais confiante. Nosso relacionamento tinha mudado. Nós nunca tínhamos tido ninguém além de uma a outra.

“Ótimo,” eu disse relutantemente. “Você está certa. Eu estou feliz que você está saindo

com Matt. Alguém tão incrível como você deveria ter um namorado incrível.”

“Valeu Raven. Agora, o que você ia me contar?”

Eu pausei, debatendo comigo mesmo se ela conseguiria lidar com uma informação vampiresca.

“Matt vai aparecer aqui de novo?”

Ela confirmou com a cabeça. “Ele está atrás de você.”

Eu acho que tinha a minha resposta.

“Então, garota-monstro, como está o garoto-monstro?” uma voz masculina chamou enquanto eu deixava o parque. Eu olhei ao redor para achar Trevor no seu uniforme vermelho e branco do futebol.

“Eu achei que já estava terminada com você. Você vai ficar no meu pé para sempre?” eu pedi.

“Enquanto você usar preto, sim. Vocês dois já fizeram bebês-monstros?” ele pediu.

“Não, mas quando fizermos eu vou ter certeza de chamar um em sua homenagem.”

Eu fui embora e Trevor continuou me seguindo.

“Como você consegue? Jogar futebol, gastar o dinheiro do seu pai e irritar as pessoas, tudo ao mesmo tempo?” eu pedi.

“Eu podia fazer mais que irritar você, se você me deixasse,” ele disse timidamente fixando seus olhos verdes em mim.

“Então essa cantada não está mais funcionando com as líderes de torcida?”

Se Trevor já tinha me incomodado de verdade antes, ele era agora apenas uma peste perto do que eu passei recentemente.

“Eu ainda acho que há alguma coisa estranha acontecendo naquela mansão,” ele disse rigidamente.

“Dá um tempo.”

“Você não acha estranho que o Alexander nunca é visto durante o dia?”

“Eu queria que você não pudesse ser visto durante o dia. Além do que ele tem aulas em casa.”

“Minha mãe falou que ela viu aquele mordomo estranho no açougue.”

“É. Isso é estranho. O mordomo come comida. Quem ia desconfiar?”

“Ele pediu ‘a carne mais fresca e cheia de sangue que você tiver’.”

“Você iria preferir que ele bebesse o seu sangue?” eu provoquei.

Ele olhou para mim chocado.

“Vá viver,” eu disse. “Talvez sua mão deveria prestar mais atenção em você e fofocar menos.”

“Deixe minha mãe...”

“Eu realmente não tenho tempo para você ou sua mãe. Talvez seja hora de você arranjar um novo melhor amigo,” eu disse e fui embora.

Capítulo 15 - Pesadelo (Nightmare)

Impaciente, cheguei na Mansão antes do pôr-do-sol. A Mercedes de Jameson, mais uma vez, estava estacionado na entrada de veículos.

Eu me sentei nos desiguais degraus da frente, cutucando os dentes-de-leão e ervas daninhas que cresciam nas rachaduras do concreto. Rangendo, a porta lentamente foi se abrindo.

Jameson me cumprimentou.

“Estou tão feliz por você ter voltado,” eu disse, espremendo o seu corpo ossudo.

“Eu também, Senhorita Raven. Eu senti falta da Mansão e de nosso hóspede favorito.”

“Também senti a sua falta. E eu conheço uma fabulosa senhora que deprimida por você ter ido embora...”

“Senhora Ruby?” ele perguntou, seus olhos se enchendo de vida.

“Você vai ligar para ela?” eu perguntei.

“Depois de tudo o que fiz? Eu não poderia.”

“Você tem de ligar! Além do mais, não foi sua culpa. Apenas diga a ela que você foi chamado inesperadamente fora da cidade.”

“Ela nunca me perdoaria. E ela não deveria.”

“Ruby amou as flores. Ademais, vai ter um carnaval nesse final de semana. Ela vai precisar de um acompanhante. E você também.”

Eu podia ver Jameson ponderando a decisão, excitado em poder ver Ruby de novo, mas inseguro em poderia juntar a coragem necessária para convidá-la.”

Alexander pulou por sobre a grande escadaria, usando jeans pretos e camiseta preta. Ele me

deu um longo beijo como cumprimento.

“Foi legal da sua parte ter vindo ontem à noite,” eu disse, nos seus braços.

“Eu não passei,” ele disse, confuso.

“Não foi você? Eu vi um cara no meu quintal.”

Alexander pareceu preocupado.

“Eu aposto que era o Trevor,” eu achei. “Eu o vi depois do colégio. Eu acho que ele ainda me culpa por sua queda de popularidade.”

“Se você precisar que eu fale com ele, eu falo.”

Eu sempre me defendi do Trevor. Era revigorante finalmente ter alguém que me defenderia.

“Você é o meu super-herói!” Eu exclamei, e o abracei.

“Eu encontrei um lugar muito legal.”

“Lugar legal? Em Dullsville?”

Ele segurou minha mão e me levou da Mansão para a rua.

“É tão irônico o fato de que os rumores que o Trevor começou se tornaram reais,” eu disse para o meu namorado vampiro.

“Sobre mim, ou você?” ele pirraçou.

“Quer dizer, eu pensei que você era...então pensei que não era. Mas, então, pensei que sim. Então, quando eu definitivamente pensei que não, eu descobri que você era.”

“Agora eu fiquei confuso. Eu sou? Ou eu não sou?”

“Essa é a questão.” Eu apertei a sua mão.

“Eu só não quero te perder ou te colocar em perigo.”

“Eu amo o perigo.”

Quando nós passamos pelo cemitério de Dullsville, eu quis saber onde nós estávamos indo.

“Só um pouquinho adiante,” ele me assegurou.

Eu andaria até a China se Alexander estivesse ao meu lado. Eu tinha tantas perguntas queimando dentro de mim, não sabia qual perguntar primeiro.

“Você cresceu com Jagger?”

“Nossas famílias eram próximas quando nascemos. Eu acho que ele tinha ciúmes da Luna. Com ela vivendo como humana, ele sabia o que estava perdendo – escola, esportes, amigos. Ele é mirrado, mas eu acho que ele realmente sonhava em ser um atleta como Trevor. Eu meio que sinto pena dele. Ele não foi capaz de achar algo que ele gostasse, além de

vingança. Mas então minha família viajou. Meus pais eram boêmios, e nós realmente nunca nos encaixamos com a nossa espécie. Nós éramos o que é conhecido como vampiros vegetarianos.”

“Legal. Então como vocês sobrevivem? Conexões com o açougueiro?” eu brinquei, me referindo à minha conversa com Trevor.

“Como você soube?” ele perguntou, surpreso. “Nós também temos família com ligações com bancos de sangue.”

“Uh...eu só adivinhei,” eu repliquei. “Meus pais eram hippies também. Eles não comiam nada com olhos. Mas eles mudaram suas tendências hippies e bolsas customizadas por maletas e ternos Armani e conduzem seus BMWs por protestantes da PETA no caminho para o trabalho.”

“Parece que nossos pais se tornariam grandes amigos.”

“Assim como nós.”

Alexander apertou a minha mão.

“Às vezes, me pergunto como seria se fosse me transformasse. Nós poderíamos ficar acordados a noite toda, voar pela noite, e ficar unidos por toda eternidade.”

“Eu imagino como seria se tivesse nascido como você. Nós poderíamos ir à mesma escola, ficar deitados embaixo do sol, ter piqueniques no parque. Eu poderia ser capaz de nos ver juntos refletidos no espelho. Eu encheria minhas paredes com fotos nossas na praia.”

“Nós compartilhamos sonhos semelhantes.”

“Você é uma humana que quer ser uma vampira, e eu sou um vampiro que quer ser humano.”

Eu olhei para Alexander com simpatia. Eu não havia percebido como ele se sentia tão sozinho em seu próprio mundo como eu me sentia no meu.

“É logo ali,” ele disse, apontando para um celeiro abandonado além das trilhas do trem.

O celeiro vermelho já tinha tido melhores dias. Estavam faltando tábuas do telhado cinza e da lateral, como dentes no sorriso de uma criança no jardim da infância. Nós passamos pelo batente da porta. A porta estava faltando, mas as vigas de madeira que apoiavam o celeiro permaneciam intactas. Um estábulo vago ficava de um lado, e um palheiro vazio no outro. Alexander pegou uma lanterna à gás que estava pendurado num gancho na parede e o acendeu. Ele pegou a minha mão e me guiou para um canto escurecido.

“Nós vamos subir até o palheiro?” eu perguntei timidamente.

“Me acompanhe,” ele disse. “Não tenha medo. Eles não mordem,” ele disse com uma risada.

“Quem são eles?” eu perguntei. Eu imaginei uma família de vampiros, se escondendo na cocheira. Talvez os parentes dele há muito tempo perdidos.

Eu segurei sua mão com força enquanto ele me puxava para o canto abandonado do celeiro. Eu podia ver dois olhos inclinados olhando do canto diretamente para mim. Eu fiquei sob o luz do olhar e descobri uma mamãe gata salpicada de branco com uma ninhada de gatinhos brancos como bolas de neve – e lá, no meio da confusão, sozinho, havia um pequenino gato preto.

“Ela é igualzinha a mim!” eu exclamei.

“Eu achei que você iria gostar dela.”

“Ela é a coisinha mais fofa que já vi! Eu quero que ela venha para casa comigo,” eu disse desejosamente, me ajoelhando e olhando a gatinha.

“Eu os achei ontem à noite.”

“Você quer que eu fique com ela?”

“Ela já acabou de amamentar. E a mãe não pode tomar conta de todos eles.”

Alexander e eu sentamos do lado deles e assistimos os gatinhos ronronarem e a mãe cair no sono.

“Estou surpresa por ela não ter ficado arisca conosco,” eu disse.

“Ela entende que nós não estamos aqui para machucá-la, mas sim para ajudá-la.”

“Então você é o Dr. Dolittle com presas.”

Ele fez uma careta com a minha piada. “Você quer o gato ou não?”

Eu balancei a cabeça avidamente.

Alexander pegou a gatinha preta, que parecia com uma bola de lã em suas mãos lindas.

“Está tudo bem,” ele disse, passando ela para mim.

Eu segurei gatinha preta mais pequenina que já vi. Ela lambeu seu nariz e olhou para mim como se estivesse sorrindo.

“Posso ficar com ela?”

“Eu queria que você tivesse algo para se lembrar de mim.”

“Lembrar de você?”

“Para te fazer companhia durante o dia.”

“Que coisa mais fofa!” eu olhei para o meu presente gótico que olhava para mim com seus pequeninos olhos verdes. “Vou chamá-la de Pesadelo”.

Capítulo 16 – Vampiro Visitante (Vampire Visitor)

“Onde você conseguiu isso?” Billy Boy perguntou quando eu trouxe Nightmare (Pesadelo) para dentro de casa.

“Alexander me deu ela.”

“Ela é adorável. Mas você tem que escondê-la do papai. Você sabe o que ele acha de animais de estimação.”

“Eu sei, mas eu não estou trazendo um lagarto para casa desta vez. É só um gatinho.”

“Onde você conseguiu isso?” meu pai pediu, descendo as escadas.

“Alexander me deu ela.”

“Não me interessa se o presidente lhe deu ela. Ela tem que ir.”

“Paul, ela é realmente adorável,” minha mãe comentou, acariciando a cabeça de Nightmare.

“E a Raven é certamente velha o suficiente para ser responsável por um gato.”

“A idade dela não é a minha preocupação,” ele avisou.

“Pai, eu não provei o suficiente para você trabalhando na Agência de Viagens Armstrong? Eu não sou mais uma criança.”

Ele pausou enquanto eu segurava a minha Nightmare na sua cara.

“Ótimo. Mas ela fica no seu quarto. Eu não quero ela correndo por todo o balcão da cozinha ou arranhando o meu sofá.”

“Valeu pai.” Eu abracei e o beijei na bochecha.

“Agora eu vou te mostrar sua nova casa,” Eu disse para Nightmare enquanto levava ela para o meu quarto.

Eu olhei pelo meu quarto. Eu não sabia aonde colocá-la.

“Eu tenho uma caixa velha na garagem cheia de roupas da faculdade que seria perfeita para ser a cama dela,” minha mãe falou, espiando. “Está em cima das ferramentas. Me traga a caixa que eu vou reempacotar as roupas.”

“Valeu.”

Eu comecei a fechar a porta do meu quarto quando Nightmare começou a me seguir.
“Eu já volto, querida,” eu disse, colocando ela no meio do quarto. “Eu vou fazer uma cama para você.”

As orelhas de Nightmare levantaram e ela olhou para a janela. Ela se arremessou para a minha cadeira do computador e então para a minha escrivaninha. Ela olhou para a janela, sibilando^[27]. Eu peguei ela e coloquei-a na minha cama.

[27] é aquele som que eles fazem quando eles estão nervosos sabe.. tipo FSSSSSSK.

“Eu já volto. Durma aqui por enquanto.”

Quando eu alcancei a porta do meu quarto, Nightmare já estava nos meus pés, seus olhos verde-limão apertados para mim. Ela sibilou para mim e bateu com suas patinhas na minha bota.

Eu peguei ela.

“Mamãe já volta.” Eu beijei meu novo gatinho no nariz e coloquei-a de volta no chão e rapidamente fechei a porta. Eu podia ouvi-la arranhando a madeira enquanto eu me apressava pelo corredor.

Eu andei até a garagem. Eu subi em cima da caixa de ferramentas do meu pai enquanto procurava pela caixa. Eu podia ouvir os grilos.

Havia muitos ruídos na árvore da janela do meu quarto. Eu congelei.

Mais ruídos. Poderia ser um esquilo. Ou tendo visto Trevor ontem a noite, eu pensei que poderia ser ele jogando papel-higiênico na minha janela.

Eu desliguei a luz da garagem e andei pé ante pé até a árvore. Mas agora as folhas estavam paradas. Nenhum pássaro. Nenhum esquilo. Nenhum esnobe jogador de futebol.

Eu voltei para a garagem, e então eu vi Jagger.

Eu engasguei.

“O que você está fazendo aqui?”

“Eu só queria ver você.”

“Eu achei que você tinha voltado para a Romênia,” eu disse, dando passos para trás.

“Eu estava esperando que você fosse comigo.”

“Alexander me assegurou que a disputa estava terminada e que você tinha ido para sempre.”

“É por isso que você não pode contar para ele,” ele disse. “De outro jeito, não apenas a sua segurança e a do Sterling estariam prejudicadas, como a da cidade inteira.”

“A cidade inteira?” Eu pedi.

“Não me tente,” ele falou, lambendo seus lábios. “Você não gostaria de saber o que acontece quando uma cidade pequena descobre que um vampiro está entre eles e namorando uma de suas filhas.”

Eu congelei. Eu lembrei de quão facilmente Dullsville foi sugada para o rumor do Trevor, resultando em fofoca e pichação. Se a cidade tivesse prova da verdadeira identidade do Alexander, não tinha como prever o que as pessoas fariam.

“Ótimo, eu não conto para ele. Mas você tem que ir agora!”

Jagger apenas se aproximou.

“Eu não vou voltar ao cemitério com você,” eu argumentei, indo para trás. “Eu vou gritar se for preciso. Meu pai está ali dentro e ele é um advogado.”

“Isso não será necessário. Porque passar sua vida sentada em uma mansão com um artista sensível vendo a tinta secar quando nós podemos ver o mundo juntos?”

“Eu não vou a lugar nenhum com você!”

“Bom, eu tenho certeza que você pode me persuadir a ficar na cidade. Na verdade eu já estou começando a gostar daqui.”

“Eu não quero você! Sua disputa está acabada com o Alexander. Vá para casa...”

“Disputa? Eu tenho outras coisas na minha mente agora. Alexander pode ter sido capaz de negar quem ele é, mas eu não vou negar quem eu sou.”

Seus olhos azuis e verdes me perfuraram. Eu desviei o olhar, com medo que ele me fizesse ficar tonta de novo. Ele começou a se inclinar na minha direção.

“Raven!” Billy Boy chamou da porta traseira da casa.

Meu irmão correu os degrais segurando Nightmare. Jagger andou para trás, nas sombras.

“Billy Boy! Vá para dentro. Agora!” Eu exclamei, correndo em direção a ele.

“Por que você está demorando tanto?” Billy Boy pediu. “Nightmare está tendo um ataque. Eu achei ela batendo contra a porta do seu quarto.”

Eu bloqueei o caminho de Billy Boy. Freneticamente eu me virei, protegendo ele.

O jardim estava vazio. Jagger tinha ido embora.

Eu empurrei Billy Boy para dentro e tranquei a porta.

“Eu nunca fiquei tão feliz em ver você!” Eu disse apertando meu irmãozinho, a Nightmare em suas mãos.

“Qual é o seu problema?” ele perguntou, se contorcendo como se eu tivesse infectada com alguma doença.

“Eu achei que eu tinha visto o bicho-papão.”

“Você vê filmes de terror demais,” ele disse.

“Às vezes eu acho que eu estou em um,” eu repliquei.

Capítulo 17 - Escola Mórbida (School Ghoul)

Por mais que eu odiasse voltar à escola depois da primavera eu sabia, pelo menos, que o meu dia me trouxe uma segurança de Jagger. Voltei a Dullsville High uma pessoa diferente do que quando eu tinha deixado - se como sendo a única Gótica em uma cidade conservadora não estava diferente o bastante. Eu não podia me concentrar na aula, sabendo que eu estava privada de um segredo do mundo dos vampiros. A turma continuou a enterrar a cabeça em livros didáticos e antecipar o próximo jogo futebol, enquanto eu rabiscava no meu jornal e não podia esperar o próximo pôr-do-sol. Eu ainda era uma desgraça, mas penso que a minha turma ganhou um lugar que Trevor deteriorou do seu reino. E apesar de não terem falado comigo no corredor ou me convidar para as suas festas, eu estava realmente dando um privilégio do cortador a beber a fonte. “É uma vergonha Alexander ser educado em casa, seria bom para o almoço com um _” Becky disse quando estávamos almoçando nos degraus da bancada de baseball.

“É isso seria ótimo”

Mas insisto, deveríamos fazer alguma coisa juntos.”

“Que tal ir ao cinema ao ar livre?” Perguntou Matt, que estava andando em cima dos degraus da bancada atrás de mim. “O filme de hoje vai ser vai ser *Kissing Coffins*. O ingresso é pela metade se você for fantasiado.”

“Ótimo, eu sempre quis assistir esse filme na telona, eu tenho certeza que o Alexander vai adorar ir!”

“E eu vou ver o que acontece com a Jenny”, Becky disse excitada. “eu vou vestir um dos vestidos dos vampiros da cidade e usar uma capa.”

“E presas” eu adicionei.

Justo quando Trevor caminhou para o campo com os seus sapatos esnobes. Ele olhou pra

Matt que estava sentado ao lado da Becky.

Até que para mim Trevor estava atormentado e patético como eu pensava que ele era, eu senti um tinge de pena para ele. Ele estava um caso triste, ainda agora que ele não tinha mais o Matt com ele. Eu assisti Matt oferecer à Becky seu sanduíche.

“Estou feliz por você ter negociado coma nossa equipe”, eu disse a Matt, que fechou o saco marrom e me deu um sorriso caloroso.

Depois da escola, Becky e eu vasculhamos meu guarda-roupa para encontrar uma roupa para ela vestir no cinema-ao-ar-livre de hoje à noite.

“mlr, você tem muito preto.” Ela disse, eu jogando dezenas de saias e camisas para ela escolher. Becky modelando uma meia-calça preta, uma mini-saia preta e um laço dobrado preto. “Isso é perfeito. Você será um dos membros da gangue vampiro que tenta converter Jenny. Eu só preciso da minha fantasia”.

Eu escutei a SUV da minha mãe na entrada de carros, e Becky e eu corremos para encontrá-la na porta dos fundos.

“Eu posso ter um adiantamento da minha mesada?” Perguntei precipitada.

“Calminha” ela aconselhou. “Eu num ganho nem um ‘oi’?”

“Oi” eu respondi “Agora, eu posso ter um adiantamento da minha mesada?”

“Eu espero que você não esteja pensando na Hello Batty^[28] da eBay de novo, eu pensei que tinha dito a você...”

[28] Hello Batty: é uma blusa preta com um bottons de morcegos muito irada. De acordo com as imagens do Google, ela é isso: <http://tinyurl.com/58rrlq>

“Eu quero pintar meu cabelo de loiro.”

“Loiro?” ela me perguntou chocada. “Você não vai arruinar seu lindo cabelo preto”

“Mas eu preciso estar loira pra completar minha fantasia.”

“Você esta numa peça?”

“Bem, mais ou menos. ”

“Para a escola?”

“Não, eu só preciso da sua ajuda.”

“Bem, eu tenho algumas perucas da minha época de colégio naquela caixa que eu esvaziei pra a Pesadelo”

“Nós podemos ver?” Eu implorei.

Mamãe relutou em colocar a sua bolsa na mesa da cozinha, então Becky e eu seguimos ela para o quarto dos meus pais. Ela procurou por uma velha bolsa Harrod's^[29]

[29] Bolsa Harrod's: é uma dessas sacola de loja, que você faz tantos reais em compras e ganha uma bolsa dessa pra colocar as peças: <http://tinyurl.com/697ac6>

“Aqui está!” exclamou ela como se tivesse encontrado um tesouro afundado. Ela me deu uma peruca loira que resistiu ao tempo. “Eu a usava na faculdade. Seu pai a adorava!”

Eu rolei os meus olhos. “Também precisamos de um vestido branco” eu confessei.

Ela olhou pra mim, satisfeita, como se sua filha rebelde estivesse pedindo emprestado uma colar de pérolas. “Eu vou ver o que eu tenho” ela disse felicíssima. Ela pegou um par de calças com strass^[30] da caixa. “Você acredita que as usei uma vez?” ela perguntou, colocando-os em cima da sua sai de pregas da Ann Taylor^[31]

[30] calças com strass (flared denims with rhinestones): não achei melhor tradução para isso, mas de acordo com as imagens do Google é isso: <http://tinyurl.com/6pj3l8>

[31] saia de pregas da Ann Taylor: <http://tinyurl.com/63qjo4>

“Eu tenho uma blusa branca” ela disse

“Ahh, aqui está uma saia branca redonda^[32]”

[32] saia branca redonda (white eyelet skirt): é uma das Ann Taylor, só que redonda e branca: <http://tinyurl.com/6rmdfv>

“Perfeito” eu disse

Minha mãe colocou a peruca na minha cabeça e eu preendi as roupas na minha frente.

“É como olhar uma versão adolescente de mim” ela disse com muita afeição. Eu joguei as roupas pra lavar e Becky e u voltamos para o meu quarto.

“Nós estamos indo para a grande noite!” Eu disse “ Mas ainda precisamos de mais uma coisinha pra completar nossa fantasia. ” Eu cacei através de minhas gavetas do aparelhador, prateleiras do armário, e caixas debaixo de minha cama. O halloween foi a meses atrás, e numa cidade como Dullsville era mais fácil encontrar uma bolsa Prada falsificada do que dentes falsos. Frustrada, eu bati na porta do Billy Boy, ele a abriu ligeiramente, ouvindo Charlie Brown com a cabeça pra fora. Eu mal pude ver Henry digitando no computador do meu irmão.

“Você pegou os meus dentes de vampiro?” eu o acusei.

“Porque eu iria querer o seu cuspe nojento perto de mim?” ele perguntou começando a fechar a porta na minha cara.

“Bom, eu não consigo encontrá-los e eu preciso deles para hoje a noite” eu disse, tentando abrir a porta de novo.

Henry apareceu na porta.

“Eu tenho alguns.” ele se ofereceu.

“Nunca foram usados.”

Henry e Billy Boy montaram em suas bikes e eu e Becky os seguimos na minha. Nos provavelmente fomos bem vistos no caminho à casa do Henry – duas góticas e dois nerds. Nós estacionamos nossas bicicletas na entrada de automóveis da casa do Henry e entramos na casa de cinco quartos e de um estilo colonial. Nos fomos cumprimentados por sua empregada, que estava passando roupa. Nós andamos as escadas de madeira acima para o seu quarto.

Havia um sinal pendurado em sua porta que dizia YUPPIES NÃO SÃO PERMITIDOS.

“Eu gosto disso” eu falei. Um esponjoso capacho preto estava no chão e milhões de parafusos inoperantes selaram sua porta. “O que você está escondendo aqui dentro? Receitas secretas para o bar?” eu perguntei. Depois de ele destravar os parafusos inoperantes, ele pisou no tapete. A porta do quarto dele abriu-se automaticamente. Henry tinha uma cama pequena, um computador azul-metálico perto dela. Estrelas foram coladas no seu teto. Eu tenho certeza que estão na ordem astronômica correta. Um sistema solar móvel estava empendurado no seu ventilador. Um telescópio na sua janela. Ele abriu o seu guarda-roupa e revelou caixas de sapatos empilhadas ordenadamente.

“Cinco dólares por eles” ele disse apontando pra eles.

Cada caixa foi marcada foi etiquetada: ACNE, SANGUE, ARREPIANTES, VÔMITO, CICATRIZES.

“Quem quer ter mais arrepios?” eu perguntei

“E eu tenho cheiros aqui” ele disse abrindo um copo e empurrando-o ao meu nariz.

“Nojento” eu disse afastando o copo de mim. “É como o cheiro do banheiro depois do Billy Boy usá-lo”.

“Cala a boca!” meu irmão disse

“Eu gosto de derramar esse na cadeira da Mrs. Louis as vezes” disse ele orgulhoso. “Olhe ao seu redor, tenho-lhes ordenado alfabeticamente. ”

“Eu deveria saber. ”

Becky e eu esvaziamos nossos bolsos, tiramos nosso dinheiro e alguns docinhos góticos.

Quando terminamos o Henry veio atrás de mim com uma caixa que ele segurava como se segura o Santo Graal. Ele abriu-a, revelando duas réplicas exatas de dentes humanos, bob a forma de presas.

"Com a cola, sete dólares."

Eu sabia que eu tinha apenas seis na minha bolsa.

"Cinco dólares e um docinho", eu ofereci.

"Seis e sua foto da escola" disse ele contrariado.

"Mas você deu ela para mim!" Becky disse.

"Por favor," Eu implorei, piscando meus olhinhos de cachorro pra ela.

Ela abriu a sua carteira e entregou a Henry foto.

Eu lhe entregue o dinheiro e peguei os dentes antes que ele mudasse de idéia.

Enquanto eu voltava pra encontrar Alexander para o nosso encontro, eu encontrei meus pais na cozinha, pagando contas.

"Estarei fora mais tarde essa noite" eu avisei.

"É uma escola noturna" reclamou minha mãe.

"Eu sei, é nós vamos a um cinema-ao-ar-livre." Eu disse.

"Porque você não espera até o final de semana?" minha mãe perguntou.

"Porque esta noite é meia-entrada se você usar uma fantasia. Becky e Matt estão indo também."

"Becky?" minha mãe perguntou surpresa.

"Sim, a minha pequenina Becky. Este vai ser o nosso primeiro encontro em casais. Além do mais, eu já fiz meu dever de casa.

"Parece que você teve todas as suas desculpas na ponta da língua né?" meu pai perguntou.

"Eu cuido da Luca por essa semana, e pai eu lavo o seu carro."

"Da última vez que você lavou o meu carro você colocou adesivos de estrelinha nele todo."

"Mas você tem que admitir, ficou irado."

"E da última vez que você lavou a loca você quebrou o meu bule" minha mãe me lembrou.

"Muito bem. Então, temos um acordo", eu comecei. "Vou apenas ir ao cinema, e eu vou

lhes poupar problemas por não fazer suas tarefas”.

“Como isso aconteceu?” perguntou o meu pai. “Era eu quem chefiava essa família.” Meu pai retrucou. “E quando você terminar com a peruca loira, sua mãe vai precisar dela de volta.”

Eu pus minha bolsa repleta com meus acessórios *Kissing Coffins* em meu ombro e agarrei um recipiente do pó do alho da cozinha. Eu apertei-a firmemente em minha mão. Se Jagger pulasse em mim, eu queria estar protegida.

Eu senti uma presença familiar quando eu virei o pote de alho para o monte Benson. Eu vi um vulto em um arbusto e em umas costas louras que picam através das filiais. Eu respirei fundo e eu calmamente abri o recipiente de alho em pó e lancei, diretamente para o mato.

“Ai” uma voz masculina chorou.

Trevor saltou para fora do mato e esfregou sua testa.

"O que você está fazendo?" Eu gritei pra ele.

"Eu vi você chegar até a estrada e queria assustar você", disse ele, esfregando sua ferida.

“Você não tem que se esconder, seu rosto sozinho assusta o Frankenstein.”

Eu peguei o pote da calçada e recoloquei na minha bolsa.

Eu andei pra longe e o Trevor continuou a me seguir até nós chegarmos perto dos portões da mansão.

“Eu realmente não tenho, mais tempo pra você.” Eu disse. “Eu estou indo ai cinema.” E eu deslizei ligeiramente para abrir os portões de ferro.

"Você tem um braço consideravelmente bom. Você deve tentar para a equipa de beisebol. E diga seu noivo gótico que ele pode tentar também.”

Eu deixei Trevor sozinho e fui andando pela entrada de carros da mansão e eu o escutei conversando com alguém fora da mansão. Eu olhei de relance para trás e vi o ele de costa, perto de uma cara com cabelo branco. Eu parei. Jagger e Trevor? Um duo perigoso.

Eu rastejei pela entrada de carros e me escondi atrás de um arbusto perto dos portões de ferro.

“Hey, presta atenção cara!” ele rugiu, ele deve ter esbarrado em Jagger na escuridão.

Eu só podia imaginar a reação do Trevor de ver o pálido, tatuado, cheio de piercings andar

sozinho em uma rua escura. Eu não teria certeza se Trevor dava uma surra nele ou sairia correndo.

“Foi mal.” Jagger disse numa voz amigável. “Eu não te vi vindo. É muito escuro por aqui” continuou Jagger mexendo nos seus pés.

“É, eu acho que os Sterlings não colocam uma lâmpadas por aqui de propósito.”

Jagger gargalhou. “Aquele garota com quem você estava conversando, é sua namorada?” Jagger perguntou.

“Raven, é meu pesadelo. Não, ela namora com a carinha que mora na mansão. Mais, hey, eu nunca te vi por aqui antes.” Trevor disse cruzando os braços.

“Eu to só visitando. Sou um amigo do Sterling.”

“Amigo? Eu nunca pensei que ele tinha algum.” Ele disse rindo. “Bom é melhor você falar com ele logo, antes que ele vá para o cinema.”

“Cinema?” Jagger perguntou.

“Yeah. Foi construído sobre um antigo cemitério”, ele sussurrou, como se revelando um segredo. “Eu tenho ouvido que tarde da noite, você pode ver fantasmas comendo pipoca.”

“Cemitério?” Jagger perguntou em voz alta. “Perfeito!”

“Pra que?” Trevor perguntou confuso.

“Unnn... Para o início de um clube.” Jagger falou andando. “Mas um clube extremamente privado, talvez no futuro você possa fazer parte dele.”

“Obrigado de qualquer jeito. Futebol toma todo o meu tempo livre. Além disso, Sterling não parece ser o tipo de pertencer a um clube.”

“Ele já é membro, eu só tenho que convencer a Raven a me deixar fazê-la um membro também. Talvez eu os surpreenda lá.” Jagger falou. “Você pode me mostrar o caminho certo?”

“Siga-me” disse o novo aliado de Jagger. “É o mesmo caminho do jogo.”

Assim que os dois saíram da minha vista minha boca se abriu de um jeito que nunca tinha feito antes. Jagger estava planejando ter um pacto de cerimônia hoje a noite no cinema comigo como a garota do pacto! Eu precisava de um plano o mais rápido possível.

Eu levei respirei fundo e tentei pensar. Se eu cancelasse o nosso encontro em casais, Jagger poderá voltar à minha casa, colocando em perigo não somente a mim, mas toda a minha

família.

Eu não tenho muito tempo para encontrar uma forma de manter Jagger longe numa boa sem poder acabar como o seu jantar. Porque Alexander e eu não poderíamos assistir a um filme juntos? Tal como *Kissing Coffins*, o que refletia minha própria situação iminente - um filme sobre o vampiro Vladimir Livingston que tentou salvar a inocente mortal e ingênua Jenny das profundezas do submundo.

E depois ele me mordia.

Jagger foi estava planejando me ter esta noite, no cinema? Mas ele não podia. Não se eu já estivesse tomada por alguém primeiro.

Capítulo 18 - Kissing Coffins

“É difícil, sabe, sem um espelho. ” Eu comentei ansiosa no quarto do Alexander estupefada tentando colar os meus dentes de vampiro. A trilha sonora do *Kissing Coffins* estava tocando em um piano. “Eles estão no lugar certo?” Eu perguntei dando um sorriso sexy de vampiro. “Wow” ele disse impressionado. “Você tem certeza que eles são de plástico?” ele disse os tocando com os dedos. “ele parecem tão reais.”

“Tenha cuidado, eles ainda não estão secos.” Eu o avisei.

“Porque você está tão nervosa? É só um filme!”

“Não, não é! Escuta, eu tenho que te falar uma coisa. Prometa que não ficar com raiva de mim.”

“Ok, mais isso envolve outro garoto?”

“Sim, mas não do jeito que você pensa. Jagger ainda está em Dullsville.”

“Como você sabe?” Ele perguntou chocado.

“Eu acabei de vê-lo” Eu confessei.

“Onde?”

“Fora da mansão com o Trevor.”

“Trevor? É a última pessoa com quem ele deveria ter falado.”

“Eu vi o Jagger outra noite também, na minha casa. Mas ele me disse que se eu te contasse ele contaria a todo mundo sobre você.”

“Ele estava na sua casa?” Ele perguntou zangado. “Ele machucou você?”

“Não.” Eu assegurei a ele. “Mas ele pretende, hoje a noite, no cinema. Trevor disse a ele que foi construída em terreno sagrado e Jagger fez Trevor mostrar-lhe onde era. Antes, Jagger me queria só para chegar até você, agora acho que ele quer me tomar para si próprio – amenos que ele esteja convencido que eu já fui tomada por alguém.”

“mas...”

“Eu preciso que você convença ele.”

“Mas isso quer dizer...”

“Exatamente como Vladimir salvou Jenny no Filme. Isso será tão romântico.”

“Eu não sei se consigo.”

“Mas você precisa tentar. Nós não temos outra escolha.”

Eu lhe dei um beijo reconfortante. “Isso dará certo, confie em mim.”

Eu ajeitei a minha peruca entorno da minha fantasia. “Como estou?”

“Como se você fosse loira.” Ele disse um pouco distraído.

“E você parece o Vladimir” Eu o cumprimentei, endireitando sua capa preta.

“E você parece com Jenny.”

“Mas eu quero ver por mim mesma.”

Eu peguei minha bolsa de cima da cama do Alexander, abri, procurando pelo espelhinho compacto da Ruby.

“Não me sinto muito bem.” Alexandre disse com as mãos na barriga.

“Você só está nervoso. Eu te prometo , tudo terminará bem.”

“Eu realmente não...”

“Espere um pouco.” Eu disse, dando lhe uma balinha.

“O que é isso?” Ele perguntou recusando o bombom.

“É só um bombom, não existem bombons na Romênia? Eles resolvem o problema no seu estômago.”

“Tira isso de perto de mim.” Ele disse recusando a hortelã empurrando-a para longe.

Então eu senti um cheiro estranho vindo de dentro da minha bolsa. Eu enfiei a minha mão pra dentro e debaixo da minha carteira estava o motivo.

"Oh, não! É meu alho em pó", eu disse, segurando o recipiente plástico em direção a ele. A tampa tinha aberto.

“Coloca isso longe!” Ele disse revirando o estomago.

“Desculpe-me.” Eu disse afastando o pote dele.

“Mais longe. Perto de Utah!”

“Eu não queria...” Eu tentei me desculpar.

Seu rosto pálido crescia a cada respiração dele. Eu abri a janela e joguei o pote de alho o mais longe que eu consegui na escuridão da noite. Alexander estava se afastando cada vez mais de mim, sua respiração cada vez mais pesada.

“Jameson.” Eu gritei, mas a trilha do *Kissing Coffins* estava tão alta que ninguém mais podia ouvir. “Jameson” eu chorei. Eu voei escadaria abaixo. Porque eles tinham que viver numa casa tão grande? Eu fui pra cozinha e encontrei Jameson colocando os pratos dentro da máquina de lavar louças.

“Alexander!” Eu ofeguei. “Ele foi exposto ao alho. Ligue para o 911!”

Os olhos de Jameson se arregalaram mais do que o de costume, fazendo a situação muito mais trágica. Depois ele se recompôs e abriu uma porta.

Dentro havia uma prateleira e dela ele pegou um antídoto. Jameson me deu uma seringa.

“Você deve injetar na perna.” Ele ordenou.

“Eu devo?”

"Até o momento que eu suba essas escadas, Miss Raven, poderá ser tarde demais."

Eu peguei o punhado que estava em sua mão e corri.

Meu coração batia aceleradamente enquanto eu subia as escadarias duvidoso se eu conseguiria chegar a Alexander a tempo. Eu corri pelo quarto do Alexander e o encontrei deitado de costas na sua cama. Sua pele ficando azulas e seu olhar vago e sua respiração era superficial. Eu precisava ser forte.

Minha mão estava tremendo na coxa do Alexander ‘um, dois, três’ eu franzi os meus lábios e apliquei a injeção na sua perna.

Eu esperei ansiosa. Mas Alexander não se mexeu. Quanto tempo isso duraria? Já era tarde demais?

“Alexander, fale comigo, por favor!”

De repente, Alexander se sentou. Rígido. Seus olhos muito aberto, como que se sugasse todo o ar que tinha ao nosso redor. Depois de respirar ele relaxou.

Ele olhou pra mim com olhos cansados.

”Você está bem?” eu perguntei “Eu não queria...”

“Eu preciso de um pouco de...” ele tentou dizer.

“Sangue?” Eu perguntei preocupada

“Não, água.”

Então Jameson entrou no quarto com uma grande taça de água. Alexander levou o copo aos seus lábios. Alexander bebeu muito rápido. Cada gole dava a impressão de mais vida aos seus olhos.

“Seu rosto parece pálido de novo.” Eu disse contente.

Jameson e eu demos um suspiro de alívio com a recuperação de Alexander.

“Porque você carregava alho?” ele finalmente perguntou.

“No caso de encontrar Jagger de novo.”

“Jagger?” Jameson perguntou alarmado. “Ele está aqui?”

Eu e Alexander nos inclinamos.

“Então nós não deveríamos partir? A senhorita Raven esta segura?”

Eu segurei a mão do Alexander. “Meu Batman me salvou dele antes e essa noite ele partirá para sempre.”

O mais perto do cinema de Dullsville que eu tinha ido foi quando Becky e eu estávamos na escola primária. Nós queríamos nos sentar na grama queimada atrás da cerca que delimitava o cinema ao ar livre e assistir um filme de sucesso que estava passando e comer pipocas e doces que nós trocamos de casa. Se tivéssemos sorte os clientes pagantes assistiriam ao seu filme e nós também, se não, Becky e eu conversaríamos besteiras até um guarda nos descobrir e expulsar a gente.

Nem nos meus mais lindos pesadelos eu imaginaria Becky e eu atravessando os portões do cinema como duas clientes corretas e ainda mais com nossos namorados.

Quando os rumores sobre o cinema de Dullsville ser construída sobre um antigo cemitério começou, ele foi forçado a fechar. A única coisa que acharam por lá foi muita sujeira então o cinema reabriu recentemente, o cheiro de tinta fresca se misturava ao da pipoca e da grama junto ao ar fresco da noite. Os alto-falantes cinzentos metálicos pendurados em carrinhos ao lado dos carros de chegada. Uma barra de ferro amarela-e-branca e as mesas de piquenique estavam a poucos metros do último carro estacionado. Alexander guiou Matt, Becky e eu através do estacionamento. Casais estavam usando capas de vampiros e

cabelos slicked-back^[33] e as crianças usavam pijamas e ‘voavam’ de cima dos carros com suas capas pretas e asas de morcego falsa.

[33] slicked-back (puxado pra trás) é um cabelo meio tosco que fica pra trás preso com gel: <http://tinyurl.com/5nwgw6>

Alunos da Dullsville High estavam usando camisetas pretas e jeans. Era óbvio que mais ninguém além de Alexander e eu havíamos assistido o filme e éramos os únicos vestidos como Vladimir e Jenny. Todos já sabiam que era um filme sobre vampiros então estavam usando somente preto. As pessoas que estavam lá nos olhavam enquanto nos dirigíamos através da multidão. Encontramos um lugar bem atrás do cinema, então nós quatro saímos do carro pra nos ajustarmos lá. Eu tenho coisas mais importante na minha mente além de pipoca enquanto os três discutiam se colocava ou não manteiga. " Eu andei nas pontas dos pés pelo estacionamento. Jagger poderia estar em qualquer lugar, esperando para afundar suas presas em minha garganta.

Alexander me encontrou rondando pelos arbustos.

“Vem pra cá.” Ele me disse me levando pra perto do carro. “ Ele já estragou demais a nossa diversão. Olhe ao redor,tente aproveitar, nó não temos muitas noites assim.” E me deu um abraço apertado. Ele estava certo. Atrás dele tinha uma enorme faixa que dizia: bem-vindos a festa da vizinhança.

“Isso vai ser leal.” Eu disse, esquecendo por um momento o perigo que estava eminente sobre nós.Matt e Becky voltaram com os refrigerantes e as pipocas.

O filme ia começar então nós voltamos para dentro do carro. Becky e Matt no banco de trás e Alexander e eu no banco da frente. Eu instantaneamente travei as portas.

“O que é que você está fazendo?” Matt perguntou. “É só um cinema!”

“Melhor prevenir do que remediar.” Eu respondi. Justo quando um garoto vampiro pressionou seus dentes na minha janela.

“Ta vendo!” eu disse rindo. Eu abri lentamente a janela e rugi pro garotinho com a minha imitação perfeita de dentes de vampiro. “Mamãe, mamãe!” o menininho saiu gritando e chorando.

“Isso foi maldoso.” Becky disse.

“Mas foi engraçado.” Matt concordou.

Enquanto as prévias do filme passavam, nós comíamos uma pipocas e bebericávamos nos nossos refrigerante, mas de vez enquanto Alexander e eu olhávamos pelas janelas para ver como estava o movimento lá por fora.

“Eu não acho que não vou conseguir fazer isso.” Alexander disse me pegando olhando para as mesas de piquenique ao invés da tala do filme.

“É claro que você consegue.” Eu podia ver a preocupação em seus olhos. Então eu me inclinei e dei-lhe um beijo na boca.

“Hey, nós não conseguimos ver!” Becky e Matt disseram.

Alexander e eu rimos. Um grande alívio da tensão nervosa que se acumulava em nós. Eu me afaguei no seu peito e me esqueci de Jagger por um instante. Nós nos perdemos por um momento e Alexander e eu falamos as falas do filme juntos.

Perto do finalzinho do filme, no momeno em que o vampiro Vladimir traz a Jenny para o casamento no cemitério, a tela ficou amarelada, a película queimou e se desintegrou. Nós podíamos ouvir um som ensurdecedor que vinha de lá. A multidão começou a gritar "Boo!" "Carambaaaaaaaaa!" Eu escutei Matt dizer baixinho.

“É só um truque de marketing pra nos fazer comprar mais pipoca.” Eu disse. Nós saímos do carro e nos esticamos.

“Eu quero mais refrigerante. E vocês, querem alguma coisa?”

“Não mais obrigada de qualquer jeito.”

“Eu vou com você.” Becky se ofereceu.

Matt pegou a mão dela e foram pegar mais refrigerantes.

"Será que devemos nos preocupar com eles?" Eu perguntei, sentindo um mal-estar.

“Jagger quer você, não um jogador de futebol.” Ele disse olhando-me.

Eu olhei ao meu redor. Meu coração começando a palpitar mais e mais rápido.

“Eu estou ficando nervosa.” Eu disse.

“Porque você não entra no carro e relaxa, eu ficarei aqui de guarda.”

Eu entrei no carro, sentei no banco da frente e rapidamente tranquei a porta.

Eu me virei pra trancar a porta do passageiro e quase desmaiei.

Jagger estava ao meu lado.

“Você acha que eu não te reconheceria de cabelo loiro?” Ele disse caçoando.

Eu tentei abrir a minha porta mas ele rapidamente segurou o meu braço.

“Eu vim pegar aquilo que me tinha escapado antes.” Ele disse olhando diretamente nos meus olhos. Suas presas super afiadas me encarando. Eu empurrei-o afastado apenas quando eu ouvi um golpe em minha janela. Eu olhei acima para ver um Alexander irritado.

Ele tentou abrir a minha porta enquanto eu tentava manter as presas do Jagger longe de mim. Frustrado, Alexander correu para o outro lado para tentar abrir a outra porta quando Jagger travou todas as portas automaticamente.

“Socorro!” eu gritei chorando tentando empurrá-lo para o mais longe mim possível.

Alexander voltou para a minha janela, Esmurrando-a tentando quebrar o vidro quando eu consegui posicionar meus pés na frente do Jagger. Eu estiquei uma mão para a janela, meus dedos que tentavam o quanto podiam, e quase não consigo tocar na trava da porta. Com todo meu poder, eu consegui levantar o botão com o meu indicador. Minha porta se abriu mas Jagger me puxou para o banco do passageiro antes que Alexander pudesse me pegar. Ele arrastou-me para longe do carro e em direção à parte traseira do cinema. Mas antes de Jagger alcançar a saída comigo, Alexander segurou seu braço.

“Deixe ela ir.” Ele mandou. “Antes que eu...”

O aperto de Jagger no meu pulso era firme.

“Eu vim fazer o que você poderia nunca fazer.” Jagger disse.

“Do que ele está falando?” Eu perguntei.

Alexander deixou a amostra suas presas e se enfiou entre nós.

“Não me faça fazer isso na frente dessas pessoas.” Alexander disse se referindo à umas pessoa que estão no stand comprando mais pipocas e nos olhando curiosamente. Eu me afastei, fiquei fora do alcance do Jagger.

"Isso poderia nunca ter acontecido", continuou Jagger. "Minha irmã só queria ser como todos nós. Ela poderia ter tido qualquer um, mas nós escolhemos você! E você a deixou completamente sozinha!"

“Você sabe o por que.” Alexander disse em sua defesa. “Você sabe que eu não queria machucar nem você, nem sua irmã e nem sua família.”

"Você vai fazer a mesma coisa para Raven. Você nunca foi realmente como um de nós.

Você pode negar que você é", gritou Jagger, "mas não vou negar que eu sou!"

Ele correu em direção a mim e agarrou meu braço apenas enquanto Alexander agarrou o outro. Então Jagger expôs suas presas e mirou o meu pescoço.

“É tarde demais!” Eu gritei mordendo o braço dele e tentando me afastar “Alexander já me tem, eu sou dele agora.”

De repente as luzes da tela do cinema se acendem e começou o filme novamente. O

vampiro Vladimir estava levando Jenny pela mão através do cemitério. Um bando de vampiros foi acompanhá-los, tentando, em vão parar a cerimônia e tomar a ingênua Jenny para os seus próprios sombrios. Jagger urrou com a dor e Alexander estava me puxando em direção a tela do cinema. Eu resisti.

“Onde você está indo? Nós não podemos virar as costas pra ele!” Eu olhei pra tela.

Vladimir estava levando ela para o cemitério “Nós não temos muito tempo.”

Mas Alexander olhou fixamente para trás em direção a Jagger, cuja cara pálida estava se transformando em um vermelho pálido.

"Apenas como nós planeamos. Por favor, confie-me, " Eu implorei-o, tirando sua mão.

Alexander olhou de relance sobre seu ombro. Jagger estava se dirigindo em linha reta para nós. Eu podia ver Becky e Matt bem atrás do estacionamento de carros com bebidas em suas mãos.

“Hey, o que está acontecendo? Becky perguntou.

“Eu não posso falar agora, mas entrem no carro e travem todas as portas!” Eu ordenei.

Alexander e eu apressamo-nos para a parte frente do cinema, onde a tela de filme estava.

Um Jagger irritado estava atrás de nós.

“O que a Raven está fazendo?” Eu ouvi a Becky perguntar enquanto ela e o Matt entravam na Mercedes. Alexander e eu paramos e frente à tela de cinema e de nossas imagens espelhadas de *Kissing Coffins*. As pessoas começaram a perguntar “O que é que está acontecendo?” Eu olhei para a multidão a fim de encontrar o Jagger, mas não encontrei. Então eu o observei pairando atrás de uma família, apenas cinquenta metros de distancia de nós. Quando ele encontrou o meu olhar ele voou parta nos.

“Rápido!” eu disse ávida. “Nós não temos muito tempo!”

Assim como Vladimir levantou Jenny em seus braços, eu coloquei meus braços ao redor de Alexander e ele me levantou. A multidão gritava excitada enquanto nós encenávamos o filme atrás de nós. Eu podia ver pelo canto do meu olho agora que Jagger estava a poucos metros de mim. Encarando-me.

“Assim como o filme.” Eu sussurrei.

Alexander, ansioso, olha diretamente nos meus olhos.

Meu punho ao lado do meu corpo, pressentindo o que estava prestes a acontecer.

“Morda-me Alexander!” Eu gritei “Morda-me!”

Jagger estendeu o seu braço a fim de me alcançar antes que Alexander me mordesse. Alexander colocou sua boca na minha garganta, assim com Vladimir fazia com sua noiva na tela do filme logo atrás de nós. Eu senti uma leve pressão sobre a minha carne. Eu segurei o meu pescoço e gritei. Minha cabeça caiu para trás. Meu corpo estremeceu nos seus braços. Meu coração pulsando em batidas extraordinárias, como se tivesse batendo por nós dois. Eu podia sentir o líquido vermelho morno lentamente gotejar debaixo da minha garganta, o cheiro de sangue permeando o ar que nos rodeava. Alexander levantou a sua cabeça orgulhosamente espelhando o vampiro na telona, segurando sua noiva em seus braços, um rio vermelho flui das duas bocas vampiras – Vladimir com Jenny e Alexander e eu. A multidão aplaudiu.

Eu olhei de relance para Jagger, cujos olhos verdes e azuis estavam agora vermelhos de raiva. Alexander me colocou delicadamente no chão. Minha cabeça estava repleta de luzes, eu tropecei nos meus pés, peguei na minha garganta mancha agora de sangue. A câmera focalizou no rosto de Jenny eu olhei para Jagger com um sorriso largo, deixando amostra minhas presas. Ele começou a gritar com tanta raiva que seu corpo todo começou a tremer, mas seu grito foi abafado pelos aplausos e gritos de ‘de mais’ vindo de dentro dos carros das pessoas que assistiam a dupla performance do filme. Não havia nada que ele pudesse fazer ao Alexander, nada que ele pudesse tirar ou tomar dele. Os olhos de Jagger cresceram mais vermelhos. Os músculos contraídos. Ele lambeu as suas presas e desapareceu na escuridão.

Capítulo 19 – Noite e Dia (Night and Day)

“Eu amei o que você fez no filme ontem à noite!” Becky cumprimentou-me quando estávamos nos nossos armários. “Eu não fazia a menor idéia de que você ia fazer aquilo. Foi totalmente irado!”

“Valeu. Eu só tinha que esperar o momento certo.”

“Quem poderia imaginar que Vladimir fingiria morder Jenny pra os outros vampiros não cobiçarem ela como uma das suas.

“Ele só fez isso para eles acreditarem que Jenny está eternamente ligada a ele. Eles são

forçados a fugir para Londres, para a Romênia, para nunca machucar ela novamente.”

“Sim, mas você poderia pensar também que Vladimir iria querer fazê-la uma vampira para si próprio.”

“Bom, mas o mais importante é, nem todos os vampiros são más.” Eu disse com um sorriso.

“Eles não são?” Matt perguntou exatamente atrás da gente.

“Sim, exatamente como jogadores esnobes.” Eu disse.

“Bom eu realmente pensei que o Alexander te mordeu. Eu posso ver a sua marca da mordida?” Ele pediu.

“Isso não é uma pergunta pessoal?” Eu caçoei. “Além do mais, Alexander só fingia me morder – como Vladimir fez com Jenny. Ele me deu um prêmio pela minha performance.” Eu disse orgulhosa. “eu achei que ele realmente estava gostando de atuar pra todas aquelas pessoas.”

“Bom, o sangue também parecia real.” Ele disse.

“Meu irmão e seu amigo nerd Henry é que arranjaram todos esses efeitos, foi com eles que eu arranjei esses dentes de vampiro.” Eu mostrei eles.

“Porque você ainda está usando eles?” Ele perguntou.

“Eu não consigo tira-los, o Henry exagerou um pouco na cola.” Duas líderes de torcida pararam nos nossos armários.

“Querida, você pode me dizer onde eu posso conseguir algumas das fantasias que você usou na noite passada?” Uma delas me perguntou.

“Você parecia a Marilyn Monroe.” A outra disse. “E você parecia a Elvira.” Disse ela para Becky. “Eu quero uma roupa da Elvira.”

Fantasia? Eu quis saber. Nunca perceberam que eu sempre me visto daquele jeito? Acho que vou dizer a ela sobre a lojinha gótica que eu achei em Hipsterville ou convidá-la a ir a minha casa para emprestar-lhe algumas roupas minhas. Mas aí eu pensei que líderes de torcida só usariam roupas góticas por que elas pensavam que era moda revirou o meu estômago. Eu fui uma maldição preta por um tempão pra agora líderes de torcida se vestirem igual a mim? Não é menosprezando as líderes de torcida, mas convenhamos, pompons felpudos e roupas góticas não combinam.

“Você fez um show irado ontem a noite.” A amiga dela me cumprimentou. “Onde você

conseguiu aquele sangue?”

Pensei por um momento em contar a ela sobre Henry, mas decidi deixá-lo em segredo.

“Ele era de verdade.” Eu disse.

“Ai meu Deus!” as duas disseram se afastando.

Eu tenho que admitir, eu adorei a atenção que eu recebi no cinema ontem. Mesmo sabendo que só duraria até duas líderes de torcida frívolas e superficiais cruzavam e me davam atenção.

O sinal tocou.

"o cinema-ao-ar-livre vai ter outra noite de fantasia." Matt disse. "E as pessoas já estão se perguntando sobre a próxima atuação do filme."

"Talvez Alexander e eu peçamos uma adição. Onde está minha agente quando eu preciso dela?"

"Quem era o carinha de cabelo loiro-branco que estava com você quando o filme voltou da pausa?" Becky perguntou.

"Alguem que queria fazer parte da nossa gangue de vampiros atrizes." eu respondi fechando a porta do meu armário "Mas acho que ele já deve ter arranjado a dele." eu adicionei.

"além do mais, ele não me convenceu de um vampiro mal o bastante."

Capítulo 20 – Dançando no Escuro (Dancing in the Dark)

Havia uma nova garota em Dullsville – eu. Apesar de tudo, eu tinha passado dezesseis anos vivendo uma existência monótona. Agora Dullsville não era mais tão maçante (dull). A algumas quadras da minha casa, na colina Benson, vivia o amor da minha vida – Alexander Sterling. Meu namorado. Meu Companheiro Gótico. Meu vampiro.

Eu estava junto de Alexander e o seu maior inimigo estava fora das nossas vidas. Eu tinha que imaginar o que seria normal para nós. Eu estava saindo com um vampiro. Eu teria que manter um segredo que eu nunca seria capaz de compartilhar com Becky, meus pais ou qualquer um. Para mantê-lo na minha vida, eu precisava de um cadeado nos meus lábios pretos.

Alexander e eu sempre nos encontraríamos depois do pôr do sol. Eu nunca seria de

encontrá-lo para o café ou o almoço. Nós teríamos que evitar sentar perto de espelhos em restaurantes chiques e ter certeza de que alho não estava sendo moído nos arredores.

E mais importante, eu imaginava quando eu teria que me tornar uma vampira para termos um futuro.

Naquela noite, eu encontrei Alexander na porta da mansão, uma mochila no seu ombro e um guarda-chuva na sua mão.

“Vamos,” ele disse orgulhoso, pegando minha mão.

“Onde você vai me levar esta noite? Uma tumba?”

“Você vai ver...”

“Você estava incrível aquela noite. Todos na escola acharam que você foi demais! Por um momento eu pensei que você realmente ia me morder.”

“Por um momento eu realmente queria,” ele disse com uma piscada.

“Deve ser difícil para você, resistir os seus impulsos.”

“Você tem impulsos também, que você resiste, não?” ele perguntou em tom de brincadeira, me provocando. “Por que comigo deveria ser diferente?”

Eu ri.

Algumas quadras depois nós paramos na frente do Clube de Dullsville.

“Você está brincando. Meu pai frequenta aqui.”

“Bom, ele tem bom gosto.”

“Eu nunca achei.”

Arbustos de um metro de altura alinhavam a propriedade do campo de golfe, rodeado por uma cerca baixa de elos de metal.

Nós rapidamente pulamos o bloqueio e andamos para o campo de golfe de Dullsville. De todos os lugares que eu já havia invadido este não estava na minha lista.

“Se eu for pega invadindo aqui,” eu brinquei, “isso realmente pode estragar minha reputação.”

Durante a noite, o campo parecia misteriosamente assustador e lindo.

Nós andamos através de montinhos de terra que eles fazem para colocar as bolinhas de golfe, descemos uma parte lisa do gramado evitando armadilhas de areia e refúgios de bolas de golfe.

Alexander e eu sentamos na grama verde do terceiro buraco, que tinha uma vista para um

pequeno lago com uma fonte acesa. Alguns salgueiros, que cercavam o lago, na escuridão, pareciam estar chorando renda preta ao invés de folhas. O campo inteiro estava quieto. Os únicos sons que podíamos ouvir eram grilos e o suave ‘splash’ que a pequena cachoeira fazia.

“Eu gosto de estar cercado por este cenário lindo – mas você se sobrepõe até nisso.”

Eu dei um beijo rápido nele.

“Eu também gosto de dançar em lugares incomuns.” Ele abriu a sua mochila e puxou um cd-player portátil. Ele ligou e Marilyn Manson começou a gemer.

“Posso ter esta dança?” ele perguntou, oferecendo sua mão.

Primeiro nós dançamos devagar no gramado, nas músicas mais indolentes. Nós devíamos ser uma visão e tanto – dois góticos dançando no escuro em um campo de golfe.

Conforme as músicas aumentaram o ritmo, nós dançamos ao redor um do outro e do mastro da bandeira até ficarmos exaustos.

Nós corremos até o lago e molhamos nossas mãos na água. A luz da fonte pegou meu reflexo na água. O que devia ser o reflexo do Alexander eram apenas ondulações de onde ele colocou sua mão. Eu olhei para ele. Ele sorriu de volta feliz, nem mesmo notando a falta da sua imagem. Eu senti uma pontada de solidão por ele, imaginando como deveria ser viver em uma vida sem reflexos.

Sem fôlego nós caímos na grama e olhamos as estrelas. O céu estava limpo exceto por algumas nuvens distantes. Deitados no campo de golfe, sem árvores e postes de luz, nós podíamos ver o que pareciam ser como milhões de estrelas brilhando apenas para nós.

Alexander sentou e puxou duas bebidas da sua mochila.

“Gomas de minhoca, aranha ou lagarto?” ele pediu, a mão dentro da mochila de novo.

“Minhocas, por favor.”

Nós dois bebemos e mastigamos os doces em forma de bichos coloridos.

“Como é nunca ver o seu reflexo?” eu pedi, a falta da sua imagem ainda na minha cabeça.

“É tudo que eu jamais conheci.”

“Como você sabe como você se parece?”

“De pinturas. Quando eu tinha cinco anos meus pais pagaram um dos artistas para fazer um retrato de nós. Nós temos pendurado sobre a nossa lareira na nossa casa na Romênia. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto. Como o artista capturou a luz, os detalhes das

covinhas da minha mãe, a alegria nos olhos do meu pai, tudo através de pinceladas gentis da sua palheta. O artista me fez sentir vivo quando eu me sentia solitário e triste. Foi como aquele homem me viu. Eu decidi então que era o que eu queria ser.”

“Você gostou do jeito que você ficou?”

“Eu tenho certeza que fiquei muito melhor do que se eu tivesse me visto em um reflexo.” A voz do Alexander se tornou apaixonada, como se estivesse expressando seus pensamentos pela primeira vez. “Eu sempre senti pena dos humanos, gastando tanto tempo na frente do espelho. Arrumando seus cabelos, maquiagem e roupas, a maioria para impressionar outros. Eles realmente se vêem no espelho? Era o que eles queriam ver? Isso os fazia se sentir bem ou mal? E na maioria das vezes eu imagino se eles se baseiam na sua própria imagem ou na refletida.”

“Você está certo. Nós passamos tempo demais nos preocupando sobre a nossa aparência, ao invés de nos focar sobre o que somos por dentro.”

“O artista tem o poder de capturar isso. Para expressar o que ele pensa sobre o assunto. Eu penso que é muito mais romântico que me ver em uma reflexão fria de vidro.”

“Então é por isso que você pinta retratos? Como aquele de mim no Baile de Inverno?”

“Sim.”

“Deve ser difícil ser um artista entre vampiros.”

“É por isso que eu nunca me encaixei. Eu prefiro construir a destruir.”

Alexander de repente olhou para a lua. Ele levantou e pegou um galho robusto que tinha caído de uma das árvores e estava caída perto do lago. Ele tirou o seu sinto e uniu o galho ao cabo do guarda-chuva. Ele removeu o mastro da bandeira e colocou o guarda-chuva no terceiro buraco.

“O que você está fazendo? Quer tampar o luar?”

De repente eu pude ouvir o som de um sprinkler ligando. Água começou a chuveirar ao nosso redor como uma tempestade gentil.

Eu ri enquanto a água fria batia nas minhas pernas.

“Isso é incrível! Eu nunca soube que um campo de golfe podia ser tão lindo.”

Nós nos beijamos sob o chuveiro até que nós notamos um feixe de luz à distância.

Eu rapidamente guardei nossas bebidas e o cd-player enquanto Alexander desmontou o guarda-chuva.

“Eu sinto muito ter que encerrar tão cedo,” ele disse enquanto nos dirigíamos para casa. “Está brincando? Foi perfeito,” eu disse abraçando ele rapidamente. “Eu nunca vou olhar para um campo de golfe do mesmo jeito.”

Capítulo 21- Carnaval Horripilante (Creepy Carnaval)

Pelos próximos dias, eu fui ao colégio, andei com Becky e Matt, me esquivei de Trevor, vim para casa, e tomei conta de Pesadelo. Depois do pôr-do-sol, eu passava todo o tempo que podia com Alexander, assistindo filmes, me aconchegando, e ouvindo músicas na escuridão.

No sábado, eu estava exausta. Eu dormi o dia todo e encontrei com o Alexander ao anoitecer na Mansão. Era a noite do Carnaval de Primavera de Dullsville.

No passado, Becky e eu sempre íamos ao Carnaval juntas. Dessa vez, nos chegaríamos separadas de braços dados com os nossos respectivos namorados.

Alexander e eu entramos, de mãos dadas, logo depois do pôr-do-sol. Nos passamos pelos dois arcos feitos de balões multicoloridos, com uma bilheteria de madeira branca no meio. Alexander se aproximou de Old Jim que estava vendo os ingressos; Luke, seu grande dinamarquês, estava sentado aos seus pés.

“Dois, por favor,” Alexander pediu, pagando por nós dois.

“Eu vi que você tem dormido num dos caixões vazios,” Old Jim avisou.

“Eu não tenho dormido no cemitério há meses,” repliquei. “Talvez –”

Ele me olhou ceticamente. “Bem, se eu te pegar, vou ter de contar aos seus pais, você sabe.”

Alexander pegou minha mão e me levou para longe de Old Jim passando pelas entradas cheias de balões. O carnaval se estendia através do campo de futebol do Dullsville High. Havia barracas de tortas caseiras, cachorro quente, geladinhos, brinquedos como Roda Gigante, Scrambler^[34], Casa Mal Assombrada, jogos de jogo-da-velha, arremesso de argola, e um tanque de alvo^[35]. O ar cheirava a algodão doce e a milho grelhado. Alexander e eu andamos pelas pessoas como o príncipe e a princesa da escuridão. Mas ele era inconsciente dos olhares e parecia uma criança com os olhos bem abertos sem saber com o que brincar

primeiro.

[34] Um tipo de brinquedo: <http://tinyurl.com/5t29hk>

[35] Outro tipo de brinquedo: <http://tinyurl.com/64yjxk>

“Você já esteve num carnaval antes?” eu perguntei.

“Não. Você já?”

“Lógico.”

“Você conseguiu,” eu escutei uma voz familiar dizendo. Era o meu pai.

Me virei para encontrar meus pais comendo cachorro quente numa mesa de piquenique.

Alexander deu um aperto de mão em meu pai e educadamente deu um ‘olá’ para minha mãe.

“Vocês gostariam de se sentar conosco?” minha mãe ofereceu.

“Eles não querem passar a noite com dois velhacos como nós,” meu pai interrompeu.

“Vocês garotos se divirtam,” ele disse, pegando a carteira e me oferecendo vinte.

“Tenho tudo sob controle, Sr. Madison,” Alexander disse.

“Gosto do seu estilo,” meu pai replicou, devolvendo o dinheiro para a carteira.

“De qualquer forma, obrigada Pai,” eu disse. “A gente se vê por aí.”

Quando Alexander e eu passávamos pelas barracas, fregueses e funcionários olhavam para nós como se fôssemos parte de um show secundário.

“Hey, Raven,” Becky disse, quando a encontrei vendendo tortas caseiras na barranca de seu pai. “Papai teve que ir em casa. Nós vendemos todas as de maçã caramelizada e só temos mais duas tortas.”

“Parabéns,” eu a elogiei. “Mas eu estava ansiosa para comer uma.”

“Vou reservar duas para você quando ele voltar,” Matt disse, enquanto ele entregava um pedaço de bolo de maçã para um freguês.

“Eu acho que você achou sua vocação,” eu disse para ele.

Nós nos despedimos de Becky e Matt enquanto eles tentavam ficar um passo à frente de seus clientes.

No nosso caminho para os brinquedos do Carnaval, eu localizei Rubby, que estava entre duas barracas. “Oi, Ruby, você veio com Janice?” eu perguntei.

“Oh, oi, Raven,” ela disse, me dando um abraço amigável. “Não, estou aqui com um amigo,” ela acrescentou com uma piscadela.

Logo então Jameson, sem seu usual uniforme de mordomo e vestindo um terno escuro e

uma gravata preta, veio com um exuberante monte de algodão doce azul.

“Olá, Srt^a Raven,” ele disse, gentilmente entregando o doce para Ruby. “Estou feliz por ver que Alexander está em boas mãos, enquanto eu tiro a noite de folga.”

Alexander deu um sorriso para Homem Horripilante.

“Estou feliz que você e Jameson estejam de volta na cidade,” Ruby disse para Alexander.

“Também estou,” ele respondeu, e apertou minha mão. “Jameson a está tratando direito? Ele sei que ele pode ser um pouco selvagem,” ele pirraçou.

“Ele está sendo um perfeito cavalheiro,” ela disse, mas então sussurrou, “Espero que isso desapareça com o andar da noite.”

Alexander e eu rimos. “Nós vamos deixar as crianças com o seu doce. Eu prometi a Raven que a levaria para a Roda Gigante.”

Nós cortamos caminho pelas barracas de comida e passamos pelos jogos do Carnaval.

“Raven,” Billy Boy chamou por detrás.

Nos viramos, e meu irmão correu até nós, carregando um saco de plástico com um peixe frenético dentro. Henry o seguia de perto com o seu próprio prêmio aquático.

“Olha o que a gente acabou de ganhar!” Billy Boy exclamou.

“Legal,” Alexander comentou.

“Ele é uma gracinha,” eu disse dando um tapinha do lado do saco. “Só se assegure de deixa-lo longe do alcance da Pesadelo. Ela é pequena agora, mas está crescendo.”

“Não tema, vou fazer um teto de segurança para os aquários,” Henry declarou orgulhoso.

“Tenho certeza que sim,” disse para o amigo nerd de meu irmão.

“Nós estamos sem cupons,” Billy Boy choramingou. “Você viu o papai por aí?”

“Toma,” Alexander disse, alcançando seu bolso traseiro antes que eu pudesse responder.

Ele deu a Billy Boy algum dinheiro.

“Obrigado, Alexander!” ele exclamou.

“Yeah, obrigada, cara,” Henry disse, e eles voltaram para a barraca de peixinhos dourados.

“Isso foi tão gentil da sua parte. Você não tinha que fazer isso,” eu disse.

Normalmente eu detesto ficar esperando e provavelmente furaria fila, carregando uma relutante Becky. Agora eu gostava da espera, porque significava que tinha mais tempo com Alexander.

Logo nós estávamos subindo no céu da noite. Nós vagorosamente chegamos ao topo

quando a roda gigante parou, deixando que os passageiros de baixo saíssem.

“Você acha que vai ser difícil porque nós somos diferente?” eu perguntei, olhando para os casais de baixo.

“Nós somos mais parecidos que a maioria.”

“Te incomoda o fato de nós não sermos os mesmos por dentro?” eu perguntei, olhando para ele.

“Mas nós estamos aqui,” ele disse, apontando para o seu coração.

“Se eu fosse a Luna, você teria saído da cerimônia?”

Alexander pareceu confuso. “O que você quer dizer?”

“Você quer que eu me torne uma...?” eu perguntei.

De repente, a roda gigante começou a se mexer, encerrando nossa conversa prematuramente. Nós nos aconchegamos enquanto o nosso carrinho finalmente descia.

Alexander me ajudou a sair da Roda Gigante. Nós paramos, extasiados com as opções de comida, jogos, e brinquedos que ainda estavam à nossa espera.

“Vamos arremessar argolas,” ele disse quando nós saímos.

Alexander e eu fomos para a barraca de arremesso de argolas enquanto um casal terminou, indo embora com as mãos vazias.

Eu observei os animais de pelúcia enquanto o atendente uniformizado de branco e azul, usando um boné preto, pegava as argolas do chão.

“Eles são manipulados. Eu nunca ganho. Geralmente eu gasto toda a minha mesada e nem consigo o colar de contas da Mardi Grass^[36],” eu lamentei.

[36] <http://tinyurl.com/6rucpe>

Alexander colocou algum dinheiro no balcão, e o atendente levantou-se e o entregou três argolas.

“Mais difícil do que parece,” eu disse.

Alexander encarou uma única trave de madeira, como se ele fosse um lobo olhando para um inocente cervo.

Ele jogou as três argolas numa sucessão rápida como um distribuidor de cartas num cassino. O atendente e eu estávamos impressionados. As três argolas repousavam em volta da trave.

Eu pulei para cima e para baixo. “Você conseguiu!”

Alexander sorriu com alegria enquanto o atendente me entregava um urso roxo gigante. Eu o apertei forte e dei um grande beijo em Alexander.

Eu me animei quando segurei o urso, quase tão grande quanto eu.

“Os geladinhos são por minha conta,” eu anunciei, enquanto nos viramos para fazer nosso caminhos de volta para a multidão. Meu caminho foi interrompido quando me bati com alguém.

“Com licença,” eu disse, e coloquei no urso na minha cintura para poder ver.

“Hey, mostro, tome cuidado!” Trevor gritou, segurando dois cupons. “Está indo fazer pintura facial^[37]?” ele perguntou. “Talvez você devesse.”

[37] Pintar o rosto como gatinho, borboleta, etc

“É bom ver você também,” eu disse sarcasticamente.

Eu peguei a mão de Alexander, e nos dirigimos para os geladinhos.

“Hei Luna!” E ouvi o Trevor chamar atrás de nós.

Alexander e eu paramos no meio do caminho. Ele não poderia ter dito o que nós pensamos que ele tinha dito.

“Luna!” Trevor chamou de novo.

Alexander e eu olhamos um para o outro em descrença.

Luna? Não podia ser! A irmã-gêmea do Jagger? O que ela estaria fazendo em Dullsville?

Nós nos viramos para achar Trevor olhando em direção à Casa Maluca – uma enorme construção retangular multicolorida. No lado superior esquerdo da estrutura tinha uma cabeça gigante de palhaço, sua boca era a entrada para a exibição. No lado direito embaixo, os fregueses saíam através dos cadarços vermelhos do sapato marrom enorme do palhaço.

“Aquele é ela,” Alexander disse, apontando instavelmente para um menina pequena parada ao lado da rampa que guiava para a entrada. Ela tinha cabelos longos, brancos como farinha e pele pálida de porcelana branca, e ela estava usando um vestido rosa-pastel e botas pretas.

“É como ver uma aparição. A última vez que eu vi ela foi na Romênia.”

“O que ela está fazendo aqui?” eu pedi. “Não é como se essa cidade fosse o centro das férias.”

“É o que eu também quero saber!”

Eu entreguei o urso para Alexander, e nós nos apressamos atrás dela, alcançando Trevor.

“Você conhece aquela garota?” eu pedi à Trevor, meu pulso acelerado.

“Um amigo do Alexander nos apresentou e me pediu para trazê-la aqui. Ela é realmente

bonita,” ele disse para a minha cara. “Por que, você está com ciúmes?”

“Jagger? Ele ainda está aqui?” eu perguntei, confusa.

“Se você fosse uma boa amiga dele, saberia isso.”

“Ele não é um amigo. Ele é do mal. Você não pode confiar nele,” eu avisei.

“Bom ele é tipo estranho como vocês, mas ele disse que teve um desentendimento com Alexander, então eu imaginei que isso fazia ele legal.”

“Ele falou com você mais que aquela noite do lado de fora da mansão?”

“O que, você está me espionando? Ele veio para uma noite de jogo e me contou que a sua irmã estava vindo para a cidade. Ele me perguntou se eu não queria conhecê-la. O treinador não deixou ele ficar no campo. O cara tem mais metal na cara de um par de ganchos.”

“Jagger não é um substituto para o Matt, você sabe,” eu tentei contar a Trevor. “Ele não é nada como o Matt. Jagger está tentando manipular você.”

“Parece que alguém está com ciúmes.”

“Ele não é o que você pensa que ele é,” Alexander avisou urgentemente.

“Escute, foi ótimo falar com vocês, mas eu tenho um encontro. Além do mais, é melhor vocês voltarem para as suas gaiolas. Eu acho que o zoológico informou do desaparecimento de vocês.”

Ele saiu no meio da multidão. Nós começamos a seguir, mas fomos parados quando um homem forte segurando um bebê ficou no nosso caminho. Eu pude ver Trevor e Luna correndo até o topo da rampa vermelha para a Casa Maluca.

“O fim da fila é aqui atrás!” o homem forte ordenou, apontando para atrás de nós.

“É urgente,” eu disse.

Eu espiei através dos clientes da Casa Maluca e vi Trevor entregando seus ingressos para o caixa. Ele entraram pela boca do palhaço e desapareceram.

Eu peguei a mão do Alexander e nós corremos ao redor do homem enquanto ele limpava sorvete da boca da criança.

Nós corremos pela plataforma e ao redor dos fregueses na fila. “Hei, sem furar!” algumas crianças começaram a gritar.

Quando nós alcançamos a entrada, o caixa bloqueou nosso caminho. “Ingressos, por favor.”

“Eu não...” eu alcancei o meu bolso e puxei uma mão cheia de moedas de troco e coloquei na mão dele.

“É suficiente apenas para um.”

Alexander puxou um rolinho de dinheiro, colocou na mão do caixa e colocou o urso nos seus pés. “Eu vou voltar por ele,” Alexander disse. Ele pegou minha mão e nós corremos através da boca do palhaço.

Nós pisamos em um quarto cheio de bolas de plástico multicoloridas da altura dos nossos joelhos. Nós nos movemos através das bolas com dificuldade, tentando ir tão rápido quanto era possível.

“A essa velocidade nós nunca vamos encontrá-la,” eu disse.

Quando nós finalmente alcançamos o fim da sala, nós vimos que a nossa direita tinha uma porta vermelha, para a esquerda um túnel preto-e-branco.

“Oh não! É um labirinto!” eu grasei. “Devemos jogar uma moeda?”

“Não temos tempo,” Alexander disse.

Eu segui ele através do imenso túnel branco-e-preto que girava ao nosso redor enquanto andávamos. Eu fiquei tonta, tropeçando, segurando no corrimão e no Alexander por suporte. Nós andamos sobre uma ponte de vidro. Eu pude ver Trevor abaixo de nós. Eu bati no vidro, mas ele não olhou para cima.

No fim da ponte, havia um corredor vermelho. Eu desci primeiro, com Alexander seguindo atrás. Quando nós nos levantamos, eu vi o cabelo loiro do Trevor uns dez metros adiante de nós.

“Trevor –,” eu chamei.

Mas ele virou o corredor, indo em direção ao próximo quarto. Eu empurrei uma família de três pessoas e abri a porta cheia de pontos.

Alexander e eu estávamos sozinhos.

“Trevor?” eu chamei.

As luzes apagaram. Eu parei congelada. Eu podia ouvir uma risada maníaca do palhaço enquanto as luzes ficavam turvas. E então Luna apareceu diante de nós.

Ela era linda. Olhos azuil oceano, lábios rosa fofos, cílios pretos de boneca. Seu vestido de algodão cor rosa-pálido delineado em uma renda fúcsia. Suas pernas finas brancas como alabastro saiam de botas da altura do joelho pretas, um Urso Assutador de plástico rosa pendurado no zíper. Na parte de cima do seu braço tinha uma tatuagem de uma rosa negra. Antes que pudéssemos falar, ficou totalmente escuro.

Alexander pegou minha mão no momento que o quarto começou a clarear devagar, as paredes pretas agora de vidro. Luna ainda estava parada diante de nós.

Eu vi meu reflexo. A parede não era de vidro, e sim de espelhos.

Dúzias de Ravens refletiam. Alexander ainda do meu lado não refletia. Havia uma outra reflexão que estava faltando.

Eu estava sem fôlego.

“Por que você veio aqui?” Alexander desafiou ela.

“Luna!” Eu pude ouvir Trevor chamar do outro quarto. “Onde está você?”

Luna sorriu um sorriso maquiavélico e pálido, duas presas brilharam. Eu engasguei.

“Bom, se você conseguiu o seu desejo – se tornar vampira,” Alexander disse, “Então por que está aqui?”

“Jagger me chamou. Agora eu quero viver a vida que eu nunca fui capaz antes. Jagger me deu a oportunidade de sair da Romênia.”

“E o vampiro que mordeu você? Você não deveria estar com ele?” Alexander argumentou.

“Ele só foi um caso, em território não-sagrado. Depois que ele me deixou, eu me toquei que eu podia achar outra pessoa – qualquer pessoa – para me transformar e depois achar o meu verdadeiro amor.”

“Você pode achar isso na Romênia,” Alexander insistiu.

“Você *não achou*,” ela disse com um olhar maldoso. “Além do mais, Jagger me disse que ele conheceu um cara que ele achava que era perfeito para mim.”

“Trevor?” eu pedi. “Você tem que estar brincando.”

“Mas você não pode confiar no Jagger,” Alexander argumentou. “Ele não está interessado no seu bem estar, só no dele próprio. Ele está motivado com a vingança.

“Agora que eu estou no seu mundo eu vejo as coisas diferente. Eu vi nos seus olhos no cemitério, Alexander. Nós dois queremos a mesma coisa,” ela disse. “Vampiro ou humano, eu só quero um relacionamento em que eu possa cravar meus dentes.”

As luzes apagaram. Eu apertei forte a mão de Alexander. Eu procurei, cega. Eu tinha que achar Trevor antes que a Luna achasse.

“Trevor!” Eu chamei. “Não-,”

A luz piscou e acendeu de novo.

Luna tinha ido embora.

FIM!!!!

Créditos: Comunidade Traduções de Livros

(<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=25399156>)

Tradutoras: Débora M. (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=10516963217382300283>)

Isa

(<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=8940408270463643157>)

..

(<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=8308739614332955067>)

Gaby Kitty (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=500103249156596492>)

Jéssica Freitas (<http://www.orkut.com.br/Profile.aspx?uid=13320579919331803427>)